

MARELA NA NOITE

A X.-L. Franco Grande

Quem está aqui
no meu coração
conigo
na janela da noite
aberta a mesa iluminada
sem luzes
negra
na luz cadavérica
de alguma intensa?

Eu só!
Eu só, contigo!

Non.
A morte está contigo
A sombra supina
a minha amiga
sempre estuda
sempre aos meus pés
tua difícil companheira
na luz cadavérica
da noite negra.

A morte
- coitada!
espira silandeira
parindo a noite plena
na sombra da janela
nortea sem ela.

Ai, triste!
Eu só
só novamente
vago e perdido
morto e sem morte
insistente!
Ninguém na noite.

Ernesto Guerra da Cal
Nova-Lima
Fevereiro, 1959

NEW YORK UNIVERSITY
GRADUATE SCHOOL OF ARTS AND SCIENCE
WASHINGTON SQUARE, NEW YORK 3, N.Y.

TELEPHONE: SPRING 7-7000

2 de Fevereiro de 1959

Meu benquerido e desconhecido amigo:

Pelo nome boni Piñeiro cheguei a saber o seu endereço. Quero que seips cante agradecín o envío do seu belo poema, que chegou ás minhas mãos por intermedio do amigo Machado da Rosa.

Pareceu-me belíssimo e teria grande prazer em conhecer mais da sua criação lírica.

Correspondendo à sua xentileza tomei a liberdade de lhe dedicar outro meu - de tom e clima ata. canto pentassenhentes - que fai parte do poemario intitulado LHA DE ALÉM-FÁA que próximamente - nun destes días - mandarei con rumbo aos polos da Galaxia. Quero que se considere se seu anteiro dispôr nestas terras.

Una aperta forte e amiga de

Ernesto Guerra Da Cal

NEW YORK UNIVERSITY

WASHINGTON SQUARE COLLEGE OF ARTS AND SCIENCE

WASHINGTON SQUARE, NEW YORK 3, N.Y.

15 de Março de 1960

DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE

TELEPHONE: SPRING 7-2000

Snr. D.
X.I. Franco Grande
La Noche
Santiago de Compostela

Benquerido amigo:

Sómente duas linhas para lhe agradecer a resenha da LNA, inserida em LA NOCHE, de Santiago - que o novo bon Ramon Piñeiro tivo a gentileza de me enviar. Muito estimei os inercidias elogios que o meu lourido satélite recebeu da sua pena elegante; sagaz - e xenocora. Especialmente os adicados ao poema "Xanela na noite", que tive o prazer de lhe brindar.

Aproveito o coxectivo para apresentar os meus mais sinceras parabéns polo recente premio no concurso de poesía da "Semana Universitaria". O poema que me mandou hai tempos deixou-me no espírito un apetite insatisfeito por un coñecemento máis largo da sua obra. Se tiver máis cousas publicadas, envíe, non sexa avareo. E se non é moito pedir - o terreo privado da obra inédita é sagrado - mande-me cousas que aínda non teñan visto a luz.

Reiterando as miñas grazas pola sua atención pública á LNA, e as felicitacións polos louros ganhos en Santiago, en prol da nosa lírica, lhe envía unha aperte afovosada.

Enrico Franco Grande

S/C 299 Riverside Drive - Apt. 8-A
New York 25, N.Y.

Carnaxide,
18 de Agosto, 1972.

Querido Franco-Grandell:

Recibín a sua carta, com o recorte do Faro de Vigo. Muitas gracias pelas duas cartas, e pola sua boa amizade.

Acaba de me chegar agora o postal "Min-photo" - de-de esa Viana que eu adoro.

Eu tamén estou con muitos desexos de encontro, mais un encontro em viares pra falarmos de tanta coisa, vartamente e à vontade.

Eu estiven en Vigo, no mes de junho, pero apenas tres dias - e non saín praticamente ao centro da cidade, apenas na ulz. Tinha o tempo limitado e ia ver a minha mãe, que xa tem

83 anos - e a quem tinha prometido estar com ela todo o tempo. Por isso non estabelecin contacto nem con o Paco del Riego, nem con Vortede - con ninguém. Foi ãa visita de Lucroquito. No ano coído que terei mais tempo - estare acobada a Bibliografía Queiroziana, Deo volente e outros afazeres que neste venao meite me afectan.

Prometo, pois, pra o mes de junho, ou julho, próximos ter con os amigos

dai o encontro e convivio que bom
contra o meus desejos tevei que
adiar desta vez. Arrasarei-lhe de
auteman a data da minha che-
gada.

Um grande aperta do
meu amigo

Ernesto Guerra Da Costa

10 de Junho, '75

Benquerido Franco-Grande:

Veio bater à tua porta, às batidelas humildes, cari-compan-
xido e dando-lhe voltas ao chapéu às mac - pedindo o teu perdón.

Hoje, cando estaba pondo en orden, como sempre fago nos fins
do ano lectivo, a minha correspondencia, e arquivando e arrumando
o papelada toda, encontrei nunha carpeta da letra L - non sei como
foi parar ali - a tua monografia da Cronologia Gallega de Federico
Garcia Lorca.. com a nota "responder" lo que, infelizmente pra mim,
quer dir que non respondi. Por iso cá estou, roxando-me aos teus
pés...

Lembro-me perfeitamente de a ter lido con vivo prazer. É un
estado moi completo e apurado, e na medida do meu conhecimento, non
encontrei nele nada que non obedezca a un rigorosa documentazón. Ben
haxades, tu e mail-o Landeira Yrago pelo servizo emprestado à biogra-
fia do Poeta, nun aspeito en que ela se apresentaba sempre confusa e
civada de erros.

Eu estaba con a esperanza de neste vran próximo ter o conxeito
dun novo encontro en Vigo, pra darmos-nos un aperta e matar longas
saudades. Parez-me, porém, que ese abrazo e esa conversa terán que
ser protelados até o ano vindouro. Fui convidado pra fazer un con-
ferencias no Rio - onde non ia desde 1970 - e lá pasaremos os meses
de Julho e Agosto, no delicioso trópico carioca, rítmico e sensual.
Além do mais, a situación en Portugal non é das mais aliciantes. Os
"preterianos" son un fato de loucos, que non saben nen o que é un
revoluçón e que estan facendo as parvadas mais inconcebíveis - que
levan aquele pobre país à ruína, da qual sairá - que horror! - un
Pinochet brutal, se Deus non o remediar, ou a relambida Virxe da Má-
tima! Aquilo está na total anarquia económica. Para o fin do vran,
acabirán as poucas divisas estrangeiras que xá fican (400 milhões de
dólares, con un balança comercial que perde \$110 milhões por mes) e ent-
entrarán a gastar o ouro que ferretamente acumulou durante corenta
anos o Moucho de Comba-Dão, tirados das costelas do Povo. As nacio-
nalizacões son loucas e a maneira como se están a fazer as sociali-
zacões ainda mais louca. Os tipos non saben nada e vulgan que saben
tudo. O infantilismo revolucionario é para apavorar o propio Lenin,
que se levantase a cabeza, e olhasse para Portugal levaria ao menos a
mesma e se encafaria novamente no seu horrído cadaleito de seu hor-
rrendo mauscleu da Praza Vermelha. Enfin, un desastre!

Na Espanha parece que se vai entendo no princípio do fin
da Era Gloriosa do Pazo ferrolán. Que ira acontecer? Cando tiveres
un vagar que non preste para cousa melhor escribe e conta. Aquí só
temos a infonazón dos despachos da UF e da AP, que non dan pormenores
apenas os factos secos - embora nos edictorias todos os días se prog-
nostica a súa iminente dese Pazo valetudinario, que trema e se mexa
en público e en privado.

Con novos pedído de perdón pela desatençón aparente, e só
aparente, da minha falta de acuse de recebimento da bela monografia,
vai un aperta forte e paterna do amigo *ex corde*
E. Costa

P.S. Fructus da participação da mulher eliañ merceda como membro repen-
santemente de Galiza na Ass. Intelectual de Galicia, devido à ausência -
dade das bonecarias da pp. Mas, ressaltando a importância. Te a mi-
nha carochi chata para a Academia chata. Citação de Estor, que me diz
que há fr-
aprobada.

Excesso Guerra de Civil

México

Vol. D. Nueva America, Mexico, S.S.

12 de Novembro de 1934

1765 História

Portugal

Querido amigo José-Luís:

Chezada há poucos dias duma viagem de dois meses por Espanha (lusa e Yndia, desde val 47 anos antes, e o resto pelas rúgidas terras e cidades de Subulosa Al-Andalus: Juen, Córdoba, Sevilha, Granada e Sevilha) encontro a bela surpresa da sua carta.

Nada me alegraria mais do que essa visita, que a do amigo Luis da Irlanda, tão abundantemente anunciada e nunca realizada. Eu também tenho vivo interesse por conhecer essa figura, de que tenho notícias por vias várias. Mas não, depois de varias cartas, nem veio, nem nunca veio aqui, como o Rei Artur. Será que desta vez as rúgidas margens do Tejo - e a Beltrane, talvez ajudada - terão o prazer de o receber com as boas-vindas de rigor, no ruir das taboas e a o alio com as discur? é sério, tem uma enorme satisfação em abruçar esse infatigável descobridor de verdades, e escrever das mesmas de maneira eficaz, concisa e completa. Quanto ao José-Luís, não tenho que dizer-lhe o gosto que a sua presença - nunca esquecida desde aquele encontro fugaz do Vigo - vivamente me daria nessa visita ao Brasil que intencionalmente tento se voltar a realizar.

Pergunta-se que penso, ou que visão tenho da Gália e da Espanha - vistas de fora, das terras bravias de Lugitânia. A resposta está concretizada no poema "Pátria", inédito de uma colônia, de publicação próxima - espero. A minha desilusão, como verá, das realidades presentes desse nosso triste Pátria, é completa. Vejo-a muito colonizada de que nunca - e agora pelos próprios galegos, com Lino, Bandeira, Jacinto e "republicanos", tudo oficial, tudo autonómico - e tudo catrodo. É um País (?) esportivo e carnavalesco. Tem o próprio Valle Inclán poderia ter imaginado nada parecido, nem de longe, por o regresso da casada do pobre Custeuso. Foi um caso patente de a vida imitando a Arte! Da nossa arrastada língua é melhor não falar. De facto nunca se falou tanto aqui e nunca a vida nem a saúde. Foi transformada em trapalhão ao serviço do negociante político das politicastrolas do "serro algarico" da "Xunta" - e em projecto de "oguetória dos nacionalistas da opoção". É mais de futebol do partido das partidas - malhada! A luta insensata tem grafias: um lado os "xunteiros" com o seu estatuto oficializado - e do outro os "reintegracionistas", cuja posição tem a validade de não viesse violada a sua presença pelo facto de que no seu grande estória - há valiosas excepções - parecem estar mais interessados na "liberdade" da Nicarágua do na causa do "povo palestino" do que no destino, na preceção, da identidade galega. Com motivo de um congresso de "Congresso da Língua Galega-Portuguesa", realizado há pouco em Ourense, - o para a qual eu fui designado como um dos Presidentes de Honra - passou por aqui, pela "Xunta", a organizadora do mesmo, uma professora muito esportiva, com o seu marido, um flamante industrial, viriam acompanhados de dois filhos inéditos, um rapaz e uma rapariga, ambos de petop de nos anos. Quis não foi a minha surpresa quando compreendi que a única língua que esses dois pequenos usavam era o castelhano - ou o que eles e os pais julgam que é castelhano. Desde a minha chegada a Portugal este é o terceiro caso de filhotes (ou esposas de militares nacionalistas) com uma total ignorância e total torção perante o idioma vernáculo. Além disso, que talento está condensado a desaparecer dentro da próxima geração. Durará como língua falada o que durar o analfabetismo nas nossas classes trabalhadoras - do campo, porque nas vilas e cidades, todo o operário que se considera rico, evulvido antes morto que ser espanhado falando na língua galega, sinal que marca de maneira inequívoca o ilota. Nestas terras de opos as classes cultas, a mesocracia alérismente estabelece o seu distanciamento linguístico do "dialecto" das camadas humildes da população.

P.S. Inclino um exemplar de "Pavana" para o Landeira Frago, seu parceiro em lides borquianas. Peço a favor do endereço do Gibson para lhe mandar outro.

O complexo de rejeição da língua como instrumento de comunicação social das classes letradas, ou alfabetizadas, não é do hoje. É por sintomático que a própria localia na sua correspondência com o mundo, ou fonética com os seus amigos e familiares, usasse exclusivamente o castelhano. Hoje, com o "nacionalismo na moda", com a "Autonomia", com um Parlamento autonómico, e com o Dilema guisado como política oficial, os deffaritos que controlam tudo isso, e os outros "deffaritos" que pretendem coagir e controlar, fazem algumas concessões e a "língua galoga" é usada para, em ocasiões muito especiais, fazer discursinho burocrático de saída e lacion con galegos. Até o próprio Frago pode chegar ao "over", e fazer assim uma boa figura de "galego excebre". Lá que limitar as outras "nacionalidades", bascos e catalães, não se pode ficar atrás. Mas é inútil tratar de auto-engarrafar-nos: as que pensamos de outra maneira fomos - fomos - e sempre sempre uma exígia minoria. Houve uma nota passageira - de reacção contra o franquismo. Mas os galegos nunca se esqueceram o vultoso com o -lo. A maioria do nosso povo quer dissolver-se na cinzenta totalidade hispânica, ou, ser mais uma provincia's, macacamente imitadas ao figurino madrileño. Que diferenças com os bascos e catalães - que eu tño bom conhecimento: enfim, tudo isto mais extensamente e mais fartamente é o que eu - GALGO do Dióspora, exerce-se em anglo-saxão, e exerce-se esporadicamente no mundo luso-brasileiro - teria que ter sido em Durango, descontentado gregos e troianos. Era forte a mula! Resolvi, prudentemente, continuar sendo o perpétuo ausente, de uma insula paratária que é a Galiza do hoje. Talvez foi sempre assim. Ou a corchega só de ir farsiu, não vale muita uterficio onse, sem ninguém ser galeguista professo, e galego era a língua mais empregada no território, mesmo entre as classes superiores. Mesmo que a morte - e por desulio, Valle Inclán, Curros, Pondal e outros é voita - ou inventei a minha Coriza, que vive só de mim. (Provavelmente a meu vale avódião hoje já estará quase totalmente colonizado. Nunca lá conto ir). Eu resolvi tomar a 3ª opção, e ao mesmo tempo possivelmente a mais válida: não por falta, evidentemente, - depois de ter sido pioneiro com meus livros de aproximação lusófona - escrever no dialecto hoje oficialmente na guarda "reintegrada" não há hoje editora que possa publicar - nem é única existente dessa tendência no interesse do escritor "de fora", que não conta. Fosse, pois, por um processo natural a ser um escritor galego que escreve em português - que de facto é a única norma culta que o galego possui. As minhas experiências com editores galegos, e revistas, tem sido variadas, e longe cómicas. Não é a menor faceta a de encontrar poemas meus, de Uma de Alas Kur e de De de Barbo e Tempo, numa antologia publicada pela Galuxia - que editou algumas das poesias - e organizada pelo nosso amigo Peo del Riego, com a grafia original muda para dialecto, incluindo inclusivamente a morfologia de algumas palavras - sem ter nem pelo menos o cuidado de consultar-me sobre essas troças literárias. Naturalmente, percebi que eu não autorizaria o strapélo.

Da Espanha, como nação, pouco sei e pouco me interessa. Não sou espanhol. Nunca o fui, no espírito. Agora nem sequer juridicamente, pois, para evitar ambigüedades, fiz averbar, por contrato de consulação espanhol em Lisboa, no Registo Civil do Forno, a minha renúncia, em 1943, a nacionalidade e a minha adopção da cidadania americana. Sou, como costumo identificar-me, Galego de nascença, Galizo-Português de vocação e Americano de nacionalidade - e de grande parte de cultura, como é natural. Por 40 anos, e as custas da minha formação, que passei nos E.U.A., a mais longa permanência de toda a minha vida.

Sou, esta certa já vai no testamento. Você tem a culpa, pois com o seu restou a nossa relação. Oxalá nos me apareça pelas portas, como prete. (Avise antes pelo telefone, para ter certeza de me encontrar: nesta ano já estive mais de um mês nos E.U.A., catando amolezes, e agora casa pela semana provavelmente turística em Madrid) (que não tem já nada a ver com o que eu conheci, para ser a pura boa) e ru língua, trágica, excentada e enigmática Andaluza. Este é um povo real, em todos os sentidos do palavra.

Acabou o papel, acaba a carta. Raporda - e venha!
Com o seu Ian, mas venha. Temor tantas coisas a conversar!
Seu "ab imo pectore" amigo
Ernesto

A Galias
 é para mim
 um mito pessoal
 maternal e nutritivo
 com longo trabalho elaborado
 de amor e fé
 de degradação
 (É de facto é também
 - porque não conseguí-lo-
 um exotérico vício
 sublimado)

A Galias
 é para mim
 um refúgio mental
 um jardim de lembranças
 protegido
 em plena solidão
 para onde fugir
 do duro batalhar e do castigo
 da Vida
 e do zero resíduo do pecado
 Substituição exotica
 e purificação
 do espaço interior
 para o equilíbrio do alma
 na calma
 pastoral
 da perfeição da Arcádia
 da Terra Prometida
 da Imaginação

A Galias
 é o meu amor constante
 tranquila e fiel esposa
 e impetuosa amante
 sempre
 como Salvaig, a esposa
 ansiosa e plácida
 paucilo e palpitante
 do retorno final
 do seu feroz e cruel arrasto
 contra o mundo!

Assim
 como o naufrágio desamparado
 em o vasto oceano e desejado
 que nunca há de acabar
 Assim
 compulsa entrevista de arágnido
 que já se usou à parição
 da vida
 e ser possível movimento
 de nunca mais voltar
 Porque ninguém jamais regressa do desterro
 à mesma terra que deixou

(Os lugares
 e a gente que os hábitos
 mudam e mudam sempre
 e nós também mudamos
 e mudamos
 Fasso eu quando se reconhecem
 naquele vapor loiro
 que chorando partiu
 um dia
 de Quiroga
 no Sil
 há tantos anos
 e tantos desenganos?

Amém
 Amei-a sempre
 porque nunca deixei
 de estar ligado a Ela
 pelo único
 Porque Ela foi meu berço
 e não quer que eu morra
 Ela não-de ser
 meu único castigo

Apo-to
 enfim
 Calor
 cidade, triste e bela Pátria minha
 como tu me
 como o Sereno
 mas nel diante foi
 crã de história e alienada de alma
 submissa e maliciosa
 rústica e pobrezinha
 Porã
 uso-to,
 sobressa
 como eu te quereria
 como eu te mim te grã
 eis apos dia
 como no encantamento da minha infância
 e da minha fantasia

Apo-to
 como eu
 transcendente poeta evangelista
 te invento e mitifico
 E, como com Jesus Cristo fez Azeus,
 visto por ilustres vovs
 a nós miserando e cinzento Peixão
 e inerte
 com íntimo e intença
 distante devoção
 pôr-te um filho de Glória imaginária
 num opúsculo Novo Testamento

Com uma forte apêta
 do

João Paulo da Cal

Arroio Guerra da Cal

ESIORELL,
 1984

Ernesto Guerra da Cal

"Albino"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 29-A

4 de Março de 1983

1165 Cabanel

Portugal

Seu querido amigo:

Nada me é longo do meu espírito de que o desejo de importará-lo. Pro-
vato, portanto, muito sinceramente, não escrever de novo se a este nível
resolver ser como resposta e silêncio. Lembo que manifestar-lhes, parem, que
não me deixa de surpreender a hesitação de sua visita - acompanhado das
suas filhótas, naturalmente, e esta "velhoas" que já se deliciava com a
perspectiva de ouvi-las falar o seu galego, que deve ser com certeza enfi-
verte. Não me surpreendeu nada a desistência de inequívoco Ian, pelas razões
que no meu carta anterior lhe expus: realmente talvez não lhe valhasse
a pena a deslocação até Lisboa, para ouvir coisas que já sabe sobre a lenda
ou coisas sobre a sua personalidade humanas que possivelmente lhe não interes-
sem. É bem provável que o que ele esperava era alguma revelação sensacional
sobre a autoria, ou a elaboração dos Poemas Galegos. Não o corre. Está em
seu direito.

Em todo o caso, para mim nessa visita a presença dele era agradável.
A sua é a que me ajudava - e continua a me ajudar. A Galiza está muito
longe de Lisboa - e o encontro consigo, conhecido desde velhas tempos de
"luções compartilhadas, fúrias - e fates - cuja possível reunião muito
prometedor para mim. Há tantas coisas de Galiza no hoje - que tanto mu-
dou - e respeito deo qual eu estou desparado, e para os que você se
podaria servir de bússola, de rumo e rote. Eu sempre exerceu o que leio
no veterano CRUAL (que não é muito notável), na ENORMIDADE e na A NOS-
SA TERRA (ambas confessional, cuja era do seu jeito). As três (untas
vão para dividir alguma coisa, mas não para muito entender.

Outro de eu lhe escrever mais uma vez tem varias razões interessantes:
a primeira é saber se posso contar com o favor que na minha anterior lhe pe-
dia - o saber poderia conseguir-me a cópia dos poemas da luz pelo Garza? Digo,
com toda a franqueza, não, com isso lhe vir a causar incómodo ou desastre-
ja nos seus afazeres diários, tentar obter essa cópia por outros vias.

Outro dos motivos pragmáticos desta segunda carta é de carácter lexico-
cal - e é portanto enfiada de lexicógrafo (não o motivo, mas sim a con-
sulta, que é dupla):

1. No poemário de Florêncio Delgado Curriarán intitulado Galicia In-
finita (Vigo, Galícia, 1963) aparece, a pág. 11, no poema "Resposta a
Rosalia", a seguinte passagem:

.....
"de suas pernas que brilham
e de zaxarás punteiros
de galas nas romerías"

O termo publicitário, para não descontentado, não figura nem nos
dicionários de Damião Fidal, de Teresa Villalobos, nem no Etimol.,
- nem no Franco Grande. O contexto não permite a circunscção. Será que
você se pode ajudar?

2. No poemário de Augusto Guesas, As Valls que vai pelo Rio, Vi-
go, Montevideo, 1964, no poema "Galícia Rosaliana", pág. 37, na pri-
meira estrofe diz:

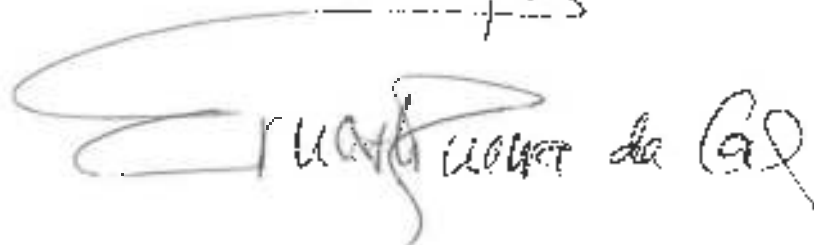
.....
"argue ro vou olhar a luz e a treva
de parte das nauídes acordadas"

Também tente sair o vocabulário é-mo desconhecido, e como o superior não figura em nenhum dos dicionários citados. Repito aqui o pedido de ajuda, e com ele a impertinência!

A última importância que se permite - em nome de autoridade com a sua benevolência - tocá-los não de perto. Não é assunto lexicológico. Este pedido vai dirigido ao conhecido poeta de Entre o Si e o Non. A primeira parte consiste em saber se se autorizou para incluir o poema "A Rosalia", que aparece na pág. 107, no tal "Dicionário Rosaliano" - que já é pentamétrico - que constituirá a Parte II, do volume de Fomençon, com motivo de Obituário, que está a "aparecer" (o Parte I, será uma antologia da obra poética de Octávio de Santa Vitória ao seu poema, cujo prévio esse autorizações, ou teria o prazer de incluir nesse dicionário antropológico de composições líricas u olo notórias, há o seguinte: no caso dos poetas que a parte levou (incluindo Ela) eu vou traduzir - não "traduzir" - mas "traduzir" para a simplificação, a grafia e a morfologia de tudo aquilo em que o galego aparece como diáspora: do português, e portanto rústico, alvestra. (Não se que esquecer que fora duas poucas vezes que nunca ouvimos o Vício, o resto do que hoje constitui o nosso língua escrita existe vivo no português rural ou popular - e não apenas nos falares vinhosos e transmontanos, mas mesmo aqui, no interior, e no Alentejo e no Algarve). Ora se nos poetas que, Dou seja lembrado!, ainda estão (estamos) a respirar, eu não posso fazer isso sem prévia consulta e licença dos mesmos. Peço, por tanto, ao José-Luís, para dizer a seu Justino do assunto. Incluo aqui o seu poema, no que são possíveis três fórmulas: 1) a reprodução inalterada do texto do original galego; 2) a tradução relativa, que é a que esse texto que aqui junto exemplifico - com os termos portugueses em notas de rodapé; e 3) o processo inverso, isto é, substituir os termos galegos pelas suas ~~próprias~~ suas equivalentes, e pôr as palavras galegas nas notas. Digamo com a brevidade possível qual a sua escolha, que eu gosto, em todo o caso, aceitar. (Isto que eu estou a fazer é o que o Pisco del Siego deveria ter feito antes de incluir os meus poemas "A l'ent'adobe" na sua antologia. Isto é o que o Alejandro Biniesterre fez comigo, na sua recentemente Poesía de Galicia, México, 1963, e Frases de Galicia na sua Poesía Galega em U.S.A., Madrid, Adonais-Sicap, 1969, e por aí fora. Não, com pedido a minha permissão, para nada - mas agora que lhe mandei o Fomençon e A.D.L. teve a benevolência de me responder. Vá-lhe para ver!). As diferenças de vocabulário entre o galego e o português são por vezes curiosamente perigosas: veja, por exemplo no seu poema, verso nº 5: "prego", - que em galego antigo significava "arado" hoje significa "roga", o mesmo que "erro", hoje em português é o nome "caravel" e "prego" é o cravo galego, ou pior, uma "santa de São João". Imagine o que isso causa semanticamente à primeira estrofe do seu belo poema no grande dicionário lírico.

Em todo o caso peço a gentileza de se responder, Sim ou Não à primeira parte desta pedido poético: o 1), 2) ou 3); à segunda. Sobre as consultas de página 1 dou-lhe curta, se provavelmente o mais leve indício, arruina-se nas páginas de cima. E tã amigos!

A espera da sua resposta, com a brevidade possível, manda-lhe um abraço muito firme, seu muito amigo



que eu do Franco grande! Obrigado pelo artigo publicado, 19-1-70.
 do Landeira y Lago - que já conhecia pelo Pinheiro. Perante a ex-
 tincão dos meus próprios autógrafos - que o Branco Amor sempre
 cultora, - terei que cumprir o meu longo silêncio. Coisa era na-
 da abdicante, por que me verei forçado a denunciar a trágica
 incidência de um morto, o dito Eduardo - que Deus haja! Terei
 agora que assumir - que remédio! - a parte que me coube na ori-
 gem, na genesse e na elaboração dos seus poemas. Confesso que teria
 preferido que o Branco Amor tivesse detido esse manuscrito, como

Con esta fecha y por mediación de Paquete postal
 enviamos los siguientes títulos: Evolución Cultural de Galicia
 Per indicación de nuestro Letrado-Asesor y común amigo Franco
 nos es grato remitirle un ejemplar del libro de referencia, que
 consideramos de su interés.

Este abdicante envio nunca teve mate-
 rializações postal. Sera possível nova
 tenessa, registrada!

Departamento de Publicaciones Pùblicas
 de Galicia

Referencia _____ Vigo 22 de Abril de 1968

SERVICIO DE
 PUBLICACIONES
 Y EDICIONES

Do maravilhoso
 de Iam, meu son-
 gros - apesar de
 várias antigas
 de visita!

Caja de
 Ahorros
 Municipal
 de Vigo

ere natural, visto o papel que ele se atribuiu neste assunto, no que nos
 teve meu cite nem parte. Muito, teve a parte de os dar à es-
 tampa praticamente à revelia do autor putativo. Eu cabei du-
 rante todos estes anos, porque ou tinha que mentir ou tinha
 que aparecer em publico tentando animar a minha pobre san-
 donha lúria à base de lembrante do prestígio literário de gran-
 de ganhador universal. Mas a vida é assim! e o que comen-
 çou como brincadeira é hoje assunto sério de repercussão mun-
 dial. Falarei quando der remate ao livro de homenagem
 à nossa Roalía - que Deus volenti et adjuvante' sciat' duo.
 outros. Um abraço do D. Uest. Guerre de Gal (à volta)

P.S. Também o exemplar autógrafo do livro, que o meu editor desconhece; Se a Cortez; "The Union and the League" - que foi em 14 de maio em 1915. Já tinha tempo de ter chegado - mesmo a hora de sair que é o meio de hora após a saída do Expresso Inter-Atlântico. Dizia-se Futura me me. Maneira de velocidade para principais. Tem um preço bastante polêmico sobre o problema grave da morte. Para a edição da língua. Já está fora das mãos do editor, que me honrou com a sua. Se deus de um tempo possível - isto é mais duas semanas, o meu material não chega em sua mão até para ela para ser revista. Deus!

Ernesto Guerra de Cal

"Músico"

Av. D. Mano Álvares Pereira, 29, 5.ª

2.ª 5.ª Edifício

Portugal

1 de Abril de 1885

Querido Amigo Xosé-Luís:

Cã vai esta carta - em seguida da
uaagem - por ter em usado, enade-
mente um endereço antigo.

Peço-lhe o imenso favor de me
responder com a brevidade possi-
av assunto do poema - porque
quero ter todas as autorizações
prontas para o editor para fim
da mên.

Até logo - com um grande
abraço do velho amigo.

Ernesto

Ernesto Guerra da Cal

"Mukwa"

Av. D. Mano Aníbal Ferreira, 55-A 21 de Julho
8705 Estrela de 1985
Portugal

Velho Artigo:

A minha correspondência tem um mau fado! Esta carta, dirigida ao novo endereço foi também devolvida. Estou já todo baralhado. Mando esta à Caixa.

Recebi o artigo do Mendes Ferriz com o desorbitado adjectivo - só válido para Reitores de Universidades. Eu sou fora decaus do Departamento de Românica da N.Y.U., pobre de mim!

Suponho na sua posse-se não se transição - um exemplar do meu futuro Smelloria foi enviado pelo editor em Junho/não tivesse recebido, apite para lhe mandar outro.

Enure - e sobretudo a pancia.
O Ian já ameaçou mais
duas vezes, mas nem soube
do homem, por enquanto!

Abraço amigo do

Ernesto Guerra da Cal

Ernesto Guerra de Cab

"Melrose"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A 5 de Agosto / 85

2765 Colord

Portugal

Querido Amigo Franco grande:
Muita alegria me deu não
só saber de si, mas saber que
vem visitar a Velha Lusitânia
com a sua família - e que
consequentemente a Elsie
e eu teremos o prazer de
os receber na "Melrose".

Sinto que o meu Futuro tenha
afundado no abismo seu fun-
do do serviço postal intra-pe-
riniçular. Haverá outro exem-
plar aqui à sua espera.

O nº do meu telefone - que
não é fácil localizar na
Lista é 268-78-50. Fico
à espera da sua chamada.

Vejo agora que a sua carta
datada de 30 de julho, tar-
dou 6 dias em aqui chegar.
Seja que veio a lombo de les-

ma. Como no 1º de Agosto já
partiu para a sua Terra natal
maudo esta para lá com a
esperança de que, como se
trate duma pequena vilazinha
lhe seja entregue. Amém.

Seja como for espero re-en-
contrá-lo em breve aqui, no
Estoril.

Com saudações afectuosas
para o "distaff side" da sua
família, minha e da Elsie
vai uma forte aperta do
velho amigo.

W. USTO

P.S. Tomo nota do endereço
certo, finalmente!

Ernesto Guerra da Luz

"Moloso"

6 de Setembro de 85

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A

3165 Estoril

Portugal

Querido:

Ontem chegou a vossa carinhosa carta, coletivamente garimosa que, naturalmente nos delicia. Hoje chegaram os livros. Obrigado por ambos envios.

Esta carta é apenas isso um acuse de recebimento. Depois irá outra, mais longa, como sempre. A vossa fugaz passagem pela "Moloso" deixou um ronsel de amizade sumarenta e luminosa que há-de durar, vibrando nos nossos corações, por muito tempo - e que as estupefadas fotos perpetuam visualmente. (Já passaram a fazer parte do nosso álbum de família).

Junto aqui um poema do meu querido amigo B.C. Warhest, com a minha versão portuguesa - que acaba de sair no Coloquio-Letras. Assim ficou como o esboço do perfil biográfico do Serafim Ferro - publicado em A Nossa Terra há tempo. Mando também duas das resenhas que saíram - e ainda estão a sair - do Futuro.

O envio mais importante é o poema "Posição vital", feito com motivo da vossa visita e a vós quatro dedicado. O encantador quadrilátero da vossa pretensa familiar - com os três lados feminino, medíto e sedutores (uma fada e duas fadas amadoras!) fez com que uma vez mais me afirmasse na mágica tangibi-

lidade imaginaria do presente - que vos
oferece tão ricos presentes, assim, sem
mais nem mais, da vossa presença.
Agora impõe-se pensar de maneira mui-
to concreta nesta viagem galega tão
longamente demorada - e com uma
demorada paragem nesse Vigo ideal
de Mendonho e Codax - e real, nos
dors sentidos da palavra, dos Franco-
-Grandes.

A Elsie - que está no cabelleiro -
manda amores succulentos para os
quatro, amores esses aos que est.
dresento o meu, montanhoso, com
uma aperta usina para o fai e
tres bicos chilreados para Mãe vai-
nha e as duas Princesinhas.

Vostor, do erração

Ernestelzie

P.S. Agradecemos à Navia, se não for segre-
do grimório, a decifração da linda assi-
natura, com o hieroglífico da teoria de
letras e o bonequinho, ave(?) geométrica,
que parece um pictograma dos índios Nava-
jos da Arizone e do Novo México.

P.S. 2. Espero com vivo interesse a resenha do meu
Futuro!

Ernesto Guerra da Cal

'Molhos'

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 23-5A

1765 Estrelas

Portugal

12 de Novembro de 1987

Benquerido José Luís - e benquerido triângulo equilátero feminino (umiliari):

Penitencio-me da falta de resposta a tanta coisa boa, tantos artigos, carti-
nhas explicativas da Xavis-pomba e artigos vários e contos diversos - e um
P O E M A dialogal com o meu, que é um amor poético e que merecerá comen-
tário adequado.

A minha morosidade epistolar não é voluntária. Tenho estado embebado com
a BOMINAGEM A ROSALIA, que a Editora Guimarães - com a melhor das intenções
encomendou para a sua impressão a uma tipografia de Vizou, supostamente muito
boa, equipada com a mais moderna das tecnologias computadorizadas, etc. etc.
Acontece que nenhum aparelho nem nenhum computador é nunca melhor do que o
homem que o maneja ou alimenta. Bom para abreviar razões, as provas que envia-
vem pareciam escritas em cretense linear E, Babilónico cuneiforme ou basco bu-
rlesco com demótico egípcio. Sabou a corrigir 3^{as} provas e a coisa está
longe de ter entrado pela calha certo. Principalmente no que tem a dizer com
a disposição tipográfica dos poemas recuילים - e dos dos postus de 'Cancio-
neiro' - entre os que te encontras tu. Bem é verdade que não é nada fácil de
se copiar um texto no que outros cinco idiomas - português, galgo, castelha-
no, catalão e inglês. Espero que no fim esta saracutada dá certo. No texto
daré, com certeza, porque eu corrigirei até ao fim. No que se temo certo re-
ceio, felizmente não compartilhado pelo editor, de que a coisa venha para a
rua antes do fim do ano do centenário. Bgo spero in Deo, valente e adjuvante -
que nunca se fulcou ate noia, bomzinho que és!

(Levantei-me cedo para poder escrever esta curta - que é a panas um pedido de
desculpas pelo meu silêncio que poderá parecer desortês para esse amado qua-
drilátero Franco Granda, mas que não o é, jurc). Tenho tantas coisas a dizer
sobre o polémico, e sobre as vilasas meliores e menores que nelas aparecem en-
tremeadas... tenho tantas coisas a dizer sobre o teu artigo, tão amigo, de tí-
tulo exorbitante, e respeito ao meu FUTURO... tenho tantas coisas a dizer sobre
a cartinha encantadora do encantadora Navie - a Rosalia não demorou, e a Mãe
Murier neg se diga... tenho tantas coisas a dizer sobre o teu POEMA ... e tenho
tantas coisas a dizer sobre este maravilhoso reencontro com a tua amizade - e
de presente inseparado com a das tuas tres meninas - que peço um pouco de pacien-
cia, uma moratória de uns poucos dias para escrever uma curta a respeito, in-
findável. Entretanto, para unciar a vossa impaciencia, incluo aqui um poema pa-
ra a Xavis; uma rendição à Ilha de serrateis - feito brasileiro procedente do selvo
amazônico - para a Rosalia, com dedictório; para ti uma prova da minha primei-
ra declaração pública sobre os Sais Poemas, que só tu conheces em pre-publica-
ção no 'Cancioneiro'; e para o Marjan dois beijos muito estíreados e muito amigos, do
de Nisio e outro meu. A Elsie ainda não conheceu-vos e disse, literalmente: "esses
são os que nos enriquecem a vida". Agradeço muito a dedictório do teu poe-
ma. Até muito breve, pais, meus queridos

Vasto do coração

Ernesto

Ernesto Guerra da Costa

Algarve

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 22, A

1763 Estoril

Portugal

19 de Novembro de 1985

Querido José Luís e suas Irmãs Ursulas (vestidas):

Suponho já de vezes passar a minha carta de lá trêz ou quatro dias (re-
stada) contendo diversas coisas, pessoais, vegetais e informativas.

Porque agora um desconhecido, sem gravas, que não sei quem vai du-
par, não na de página estão já de um momento para o outro. E quero aprovei-
tando para dar alguma coisa de todas as coisas misteriosas recebidas, algumas de pre-
sentas raras. Como sejam (ladras fixas) a cartinha de Maria, explicando a
assinatura anárquica - corta, para a que respondi com a revelação de dois re-
grados - na mais interessante e recobrida, para não de toda a poesia; outro
delicado presente - mais te my core - foi o do artigo de "galeria familiar"
sobre o meu FUTURO. Achei uma análise muito compacta, e boa do livro de Briza-
morre o título nomeou-me, para quem não se tivesse dentro do trinco de
avertimento. E já que estou a falar de minhas "magnificências", inauguradas
pela Perrin: acho curioso que lhe mandei um pacote, valioso, de publicações
minhas, autografadas, e com referências no "Magnífico", e até agora não sou
pão, nem sequer um cartãozinho de cortesia para minha mãe cada vez mais desca-
da e absoluta). E o também magnífico presente de teu poema - que tanto a Si-
nie como eu ainda sabemos a saborear. (Ela ficou muito sensibilizada com a
inclusão na dedicatória, como não podia deixar de ficar). Esse "Volta do Uti-
são" é verdadeiramente uma "bela resposta" à minha "Túria". Que extrapre-
cioso diálogo dialéctico a que se estabeleceu entre os dois poemas - que contes-
tando-se e respondendo-se mutuamente criou uma nova significação poética,
contraditória e a-lógica e certa - como toda verdade poética. Além de todo
isto, tenho de te agradecer o envio de OS ANOS ESCURAS. I - que tanto pela
rico documentação (que memória, meu filho! - ou que arquivo! - or both),
como pela visão global, em que todas essas partes se integram e fazem desse
livro (e de outras, ou outras adições, que case I. promete) um notável
vídeo - e indispensável para quem tenha a ousadia de se atrever a escrever a
história completa do nosso desenvolvimento cultural recente. Quanto ao teu
artigo sobre a minha parte na autoria dos Seis Poemas Galegos haverá que di-
zer que a minha intervenção na etimologia linguística de Leza - pois Pe-
drinho não sabia galego - e literária, na que também, mas muito mais parcialmente
particpei, não transfere a autoria de Garcia Lorca para Serra de Gal. A his-
tória porventura desse "jogo poético", tanto do ponto de vista de poeta genial,
é o que eu oportunamente farei. Um malha e vingar, retomando ao poema de Lem-
brança - vão do anos passados, carecho! e eu publicarei um "caucionete"
lorquiano", de poetas galegos, portugueses e brasileiros - ilustrado com algu-
mas fotografias inéditas das representações do clube "Arístora" - nome lor-
quiano que tem uma enigmática história, e de todo quanto eu não posso lem-
brar daquela extraordinária e dramática e brevíssima, da breve e trá-
gica II República.

Muito estimo o envio dos recortes de Quero e Vigo. O de O
um vórtice dum miserável com certeza nascido num protótipo de cidade aérea.
Quando a Elza fez a solicitação de nomeação de que me me dirigia, toda en-
volvida eu elogios aos meus merecimentos profissionais, etc de uma vontade.
Eu confesso que não sabia a importância em que me pôe esse laboratório "S. O. V. V."
não seja depreciativa, não são essas as condições que eu percorri por mim. De-
pois de pagar um pouco logo soube a importância desse pechincha pessoal e
relativa. Desde lá, das seguintes palestras. Esse objeto sujeito que se encon-
ta por trás do plúmbeo em osuna, que assim desforçar-se das humilhações
sorridentes e pela conduta peçonha dele e da sua milhar - em relação aos "arran-
glões" desses - e mais tarde em relação à grande edição da minha poesia galega
- que ele queria fazer em contraste e em direitos (como parte do "Obril Social"
da "Casa de Abertas Provinciais" de Ourense).

Já saber que eu tenho para porer isso não se negaram. Quando ele se apre-
 sentou no Estoril, em primeiros de Junho, esperando pela presença de Xavier Alca-
 lá como intermediário, e me pediu a autorização para a mencionada edição - que
 eu não a tinha, em vista de que não havia contrato, denunciarizei - convidou-me
 para ir ao jantar no restaurante local. Convidei-o para que eu não tinha porque não sou-
 ter, até porque o jantar com atitude humilde não-me pareia tão acolar pois frater-
 nos de "cantarinho local" (o drag local), e eu ser meu editor, também convidá-
 mos. Bem, para encerrar o diálogo, eu determinei alguma coisa mais, vi-me com
 surpresa que o dito Sr. Passada tinha posto à disposição, por meio de um fidejussor, um
 grevedor. O mesmo que isso não se fazia, seu orçário análogo das obras em-
 vedadas - neste caso eu - e o que isso era no sentido das paróquias em indele-
 toza e no pior uma figura de delito (pelo menos nos E.U.A. "invasion of privacy")
 Eu não tinha sido nada que não pudesse dizer em qualquer parte, mas não sou-
 berá-lo e meu desagrado e fedelidade a sua palavra, com o álcool com tange-
 do que aquela fita se mantivesse exclusivamente privada. Prometi voluntariamente que
 só o culhar fosse livre porir (e Francisco Henriquez Sr. João). Depois veio a minha casa
 lavando-se de projectada edição crítica de Luz e Escuro. Pois bem tuco quanto é stri-
 buída no teu volume e palavras textuais minhas, sobre as fessões carta em um ser-
 crito, é como todo o resto desse "recreacional" artigo, "tirada dessa fita. Como
 versos a tal Sr. Passada é uma criação desorganizada, que não sou admitivo "Coral"
 como texto de direito, procurador, se viagem, esse "pretensamente publicar
 seguras a condição de homocidónio". O meu primeiro impulso foi naturalmente, pro-
 ceptar-me em Ourense, proceper e hedonda Sr. Corral - e na sua não materializa-
 ção, Sr. Passada, do qual é o egoista, eu recusando-me a fazer-lhe o artigo o vómi-
 to. E Elise lembrou-me a minha idade - que isso não estava que se fizesse nos 20
 anos. Considerarei então que evidentemente deve existir no Código Penal da Espanha
 a definição do delito de difamação e que se tratava de um caso clássico de má-fé
 e honesto em levantar processo eu "autor" e que Elise sentiu também em dizer que
 eu tinha escrito textualmente "Nos a senhoria Pleno logo apontou ao facto
 de que evidentemente se tratava de uma propaganda. E que eu, americano, residen-
 te no estrangeiro, com muitas outras publicadas contra a Espanha Espanhol, in-
 torturo no bom do lado. Mesmo se ganhasse, que seria de considerar, dado que o Sr.
 Passada é possente industrial, proprietário de um palácio, Presidente de "Liga de
 Mortos" e grande "Marça para local" e ostentado à volta do processo só serviria
 para prejudicar-me, pela os invejosos e os malvados abundância, e sabem... que, como
 se aponta melevemente nesse livro, eu não angulo a Galiza perante a capital
 viver fora dele. Todos essas argumentos convergiram-me. Dava disso a Elise" quem
 sabe a tua vida e te conhece e ti, virá como eu. Os outros, já é tua vida
 particularmente, não te devem importar! O que o Sr. Passada e o seu benem de pena
 quereria é dar publicidade à difamação. Como disse Domènec Ruscall: há coisas
 que não merecem nem sequer a privacidade de serem consideradas faladas. Isto é o
 que, quando eu não atingem a dignidade mínima necessária para serem considera-
 das. Faltou depois das tuas reações, dirigiram-me também cópias enviadas pelo Direc-
 tor de "Luz e Escuro", Alfonso Eyro, oferecendo-me as cópias de exemplares vigiadas
 para o que eu quiser. Respondi-lhe com a carta de que te envio aqui junto.
 Além disso, bastava indagar que o Alvaro Romero publicasse parágrafos de
 certas particularidades sem a mínima intenção de se pedir a ignorância - que eu lhe
 tinha dito, pois também não havia nada de que eu tivesse que me retratar.
 De facto, não é suficientemente significativo um silêncio de 30 anos de minha par-
 te - que teria continuado se os meus noticiários - (que não são apócrifos) em líve-
 seu sido publicados? Porque nem eles nem prova, nem se eu quisesse reclamar-me
 do meu país de tradutor simultâneo e colaborador verbal, todo o mundo teria pen-
 sado e sem razão que o que eu queria, - sim, por fim para para meus pecados, mas
 como já me parece que me custava fazer "veritas e a minha pobre sardinha lírica é
 reiturbante braseiro poetas ibéricas mais universalizado dos nossos dias. Já é que
 poderia ser contestado - e sem razão. Na cópia da parte referente a Luce, de
 "Campanário rosselleno" que te enviou, e que virá a lume na fita dezoito, não se
 faz a minha própria declaração pública. A outra, não mencionada, de tudo
 aquilo que eu me lembrei de elaboração cesses piores e das circunstâncias de que
 eu se produziu, sei, e não me agrada, está perto da cinquenta e cinco de usua-
 riedade da Poeta - com um comentário "arquês" de poetas lusófonos (incluindo na gual-
 gos neste termo). Já não há mais nada a dizer para este testamento. Beate - e
 diz a tua justiça. E Elise e a sua mãe, advogado, o amigo, e possui inteligência
 deveras de acordo com ela. Cheguei ao fim desta folha e hoje
 já não escrevo mais. Tenho ainda muita coisa a dizer.

Relatar em tigo, sempre. A Elise manda muitas saudações para todos quatro. E eu
 um abraço te abraço. Vou do coração. Bruesfelsia

Ernesto Guerra da Costa

"Alôco"

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 33 A

9765 Estrela

Portugal

15 de Novembro de 1955

Sr. G. Alfonso Byrá
Director
A NOVA TERRA
VIÇA
S A L I Z A

Amigo Byrá:

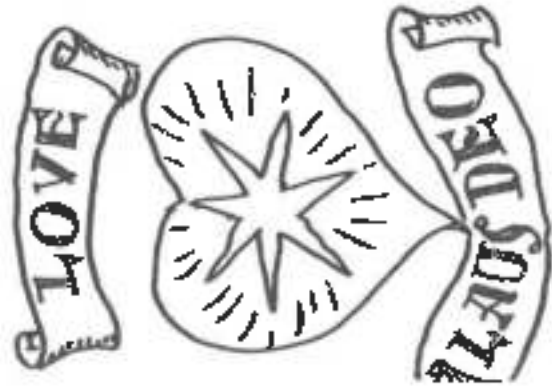
Venho agradecer a sua amável carta, datada a 8 de Maio em curso, assim
também como os recortes referentes aos Reis Romanos-delegados, de Frederico Garcia
Lorca e à minha intervenção na génese e elaboração dos mesmos. Bem de longe
em presença pela catófica entrar nessa polémica, até por produção higiénica, pois
já se registou nela alguma emissão de tubagem purulenta. Tudo o que eu tenho
a dizer sobre o assunto em causa — exactamente ao que vende obrigá-lo
pela publicação dos meus autógrafos — será feito escretamente, longe de su-
perfluidas, no momento que eu considerar oportuno. A minha primeira declara-
ção pública, a alguns dos factos a esta questão pertinentes, aparecerá no vo-
lume por mim organizado, de HONRAREM A ROSALIA DE CASTRO NO CENÁRIO DA
SUA SORTE. ANTOLÓGIA. SANCIONHEIRO ROSALIANO, publicado pela Guimarães Edi-
tora, de Lisboa — e de lançamento já iminente.

Quero, porém, agradecer também, e muito particularmente, a sua genti-
leza ao pôr à minha disposição as páginas de A NOVA TERRA, onde já alguma
vez no passado, apareceu algum trabalho meu. Agraveito este ensejo para acusar
o recente envio de nº especial, dedicado a Maria Amor, cujo qualidade, tanto
gráfica, como de conteúdo, muito me agrada. O amigo Byrá, e os seus colabo-
radores têm fortes motivos para se orgulhar dos trabalhos bem feitos.

Sempre cordialmente seu

Ernesto Guerra da Costa

P.S. Fica autorizado para publicar esta carta, se achar que isso tem algum
interesse. Muito me daria com essa plananda visita ao Bateria. Faça vi-
tos porque ela se venha a realizar.



Cã vão os meus corações e desejo
a todo o câ Franco Grande um
tal muito aconchegado e um Aus
Nom de 1986 sugulado de quanto
bom a Denda Fortuna grande a
sua Cornucópia para os seus eli
ton (Saude, sucesso, dinheiro - o neces
rio e suficiente - e Amor) e do c
no reino do Espírito o Deus Un
e Filho concede aos seus eleitos:
de alma e Consciência - e a ad
gria e a calma que delas se deriv
Votou

Enuestelsie

Boas Festas
Merry Christmas
1986

Querido João Luís triangulando atagórico:

tenho tido durante quase duas semanas as duas náquimas hospitalizadas (são valvas e alébricas, confusas!). Esta em que estou a bater, a mais vetusta, voltou da clínica que nem um peido bravo recem tirado do burro - está saltitante. A outra voltará na próxima segunda-feira (Luís). Essa razão é a que explica não ter respondido antes, para te agradecer todos os preciosos serviços de "Matéria Lerquiana": o último, chegado ontem, a fotocópia da ed. original dos "Seis poemas galegos" (o prefácio do Branco Amor faz-me sorrir, já o tinha esquecido); antes me tinham/ o trabalho do Cauoci - que conheço só de nome, o desavergonhado artigo do Alonsc Montero, da Enciclopédia Galega (que eu tenho) e cujo plágio da Cronica da Itua e de Landeira, (que também tenho em exemplar autografado por si, (Vigo, Setembro de 1944), é de fazer enrubescer um tenente de notas de M. Lafraque, as que por ser confusas, eu tracerei como tais - mas, que o erro capital é julgar que as versões em bruto são da mão do Amigo B e as que eu passei para limpo são do Amigo B. Muito grato por tudo, que me serviu de grande utilidade. Espere agora as fotocópias do livro de malandro do Carlos Morla - nunca gostei dele - na que entre outras nelúnias há uma que nunca lia perderei, mesmo morto, e que Deus o perdoe: a de dizer que a dissolução do clube Anfitriora foi devida à uma ligação entre Fura e Severino (dépota Andréa) Mojito - o galã da comperchia. Anfitrião podia ser, a verdade, filho de Fura, pois era dessa altura, salvo erro, dois anos mais velho do que eu - além de que a minha difunta sogra, já por esses tempos com filhas adultas, mais ao que cinquenta e nada bem conservada, estava moralmente além de qualquer suspeita nesse sentido, para qualquer pessoa mediana que a conhecesse. Quando o livro saiu, eu, que morava em Rowlorque com Margarita, a terceira filha, em idade, dela, e minha mulher, escrevi à minha curvada Tutilde, casada com José Ruiz-Castilho, o editor, e filho do editor do mesmo nome (que publicou a primeira edição de O.S. de São de Quilroz em versão castelhana), aconselhando a que rola por difamação contra o destravado solunador. (Eu era novo e impetuoso nessa altura: agora sou velho, mas por vezes ainda impetuoso. Graças a Deus tenho a Elsie para me refrear). Bom, Fura que era muito azeitada - e já se tinha retirado da vida artística - preferiu não fazer nada de publicidade que poderia iriam propiciar a "verdade de escândalo" do livro. Eu, porém, vou, agora que nenhuma das dois pertence ao reino dos vivos, denunciar o desufofo, "poet mortem". Nesse mesmo lugar do livro diz que outro dos factores da desagregação do "Anfitriora" fora a formalização das minhas relações com a Margarida - coisa esta absurda, visto essas relações terem sido formalizadas já em 1935, data em que eu comecei a ser recebido como "socio formal" em casa da minha noiva. (Casamos em corinthia militar, depois judicialmente reconhecida e averbada em Valência, em 1936, no começo da Guerra Civil.

Como te digo, espero que o Landeira Yrago me envie essas fotocópias, com todas as referências a mim, a Anfitriora e aos poemas galegos ali feitas. (Dito seja, em passant, o Yrago nunca me acusou a recepção nem do futuro Imemorial, nem agora da RCMHIA. Será que tu és o único galego que responde às cartas e tem a delicadeza de agradecer o envio de livros autografados pelo autor, (com um cartão de visita que seja): nem o Landeira, nem o Ferrán, nem o Pikeiro, nem a Bola-d'arraz pio. Como não pinto nenhum dos poetas galegos incluídos no "Cancioneiro valenciano" - nem sequer a tua amiga Johanna Ferras. Não te recordo há poucos dias uma carta muito expressiva de Manuel Maria - a me comunicar que vai escrever sobre o livro em A NOSSA TERÇA. (O Carvalho Galero (ele pediu para eu escrever-lhe o nome à portuguesa), que é repetidamente citado na HOMENAGEM, e poeta também do "Cancioneiro", não poucos vez simula de vido. Esço-te a favor de insistires com o Landeira para não deixar de me mandar as fotocópias morlonezas - e, se julgar que merece essa atenção, o meu novo livro de B.L. y Galicia. (é assim que se intitula?). Oxalá o faça. Para acabar-me com o nefando Morla, e a exactidão de seu "Diário", bastará recordar (de dizer bem me lembro), que afirma que Federico Ibañeta os "seis poemas galegos" em 1935!!!)

chegado/

P.S. Como era da prova. Aproveite uma chamada telefónica de T.V. Galiza, para fazerem um encontro. Como o gesto de cá é de dar com a mulher, recorde-me, politicamente, o homem, um Sr. Pérez Bella, "died not take no for an da rula" e disse que visitaria a delegação de cá.

Também recebi o artigo de Manteiga, malpescado, que foi levado no embrulho lúdicamente das "Impressões posticas" federicinas - e mete os pés pela cabeça.

Costei muitíssimo de tua reavaliação da ROSALIA no Faria; muito completa e "just to the point". Aqui o Livro teve - e está tendo - um ótimo sucesso de crítica e de público. Segundo o SEMANARIO - que faz essas sondagens - foi o best-seller da quadrilha do Natal; já foi reavaliado até nas Ilhas. Na Galiza, que eu saiba, apenas saiu o teu artigo de Faro. Escreveu-me um rapaz, talvez José Luis (teu rapaz, como dizem os brasileiros para irmão) Fontela, Presidente eleito das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, pedindo-me autorização para incluir o prefácio num número próximo da Revista LINGÜÍSTICA, SÓCIO-LINGÜÍSTICA E LITERATURA GALIÇO-PORTUGUESA. (Já me tinha pedido o mesmo em relação ao "Inteléquio indispensável", do FUTURO IDEÁRIO, este para ser publicado no O-ENSINO).

Também achei muito bom o artigo sobre o "galago" de García Lorca, que põe muito bem os pontos nos is, para aqueles que ainda querem acreditar que o grande Federico era capaz de aprender galego por obra e graça do Espírito Santo. Ele que não aprendeu nem uma palavra de inglês na sua estadia nos E.U.A, apesar de o ter estudado "formalmente" na Columbia University.

Perguntaste-me numa das tuas cartas se o Fernando Pérez Guerra que assina um poema na revista NÓS era eu. Parece que já te disse, na nossa última conversa telefónica que era meu amigo íntimo, um ano e meio mais velho do que eu, ótimo poeta, muito antes do que eu. E que depois de formar-se em Direito na Universidade de Madrid, passou o resto da sua vida, por desajustamento, dependendo da minha mãe - até que em 1944 morreu atropelado em Madrid por um carro a alta velocidade que ia a contra-mão. A minha mãe publicou uma seleção de sua obra - na que aparecem várias poemas galegas - em 1959, sob o título Indica Eucra, com prefácio de seu Guillermo Díaz-Plaja e posfácio de Federico Muelas. Os críticos souparam-se muito favoravelmente do livro (junte aqui três dessas resenhas. Infelizmente do programa a ele dedicado em "Radio Vigo" em 1956 apenas consegui encontrar a capa de "script" - mas como tem a data não será difícil obter o texto). Federicinho, que de facto o conheceu antes que a mãe, e conheceu alguns dos seus poemas, tinha uma boa opinião de seu óstro. Junta também um autógrafo e documento lorquiano - 1944 - sobre incluir na minha monografia sobre os Poemas galegos - e de qual só tu tens cópia. "Seleção de la plaza", era um dos poemas favoritos do Fernando.

Quem me tem mandado também muitas fotografias, sobre as representações de Arletores - que me são de grande utilidade na questão de datas para as quais a minha memória é sempre novata - e a mãe. A última que me enviou é de dessa entrevista de Benito Blanco Amor, de 1963, que é o cúmulo do seu insuperável "confusionismo": Eu não sabia galego na altura da elaboração dos Poemas (os três autógrafos meus foram feitos só para escrever a grafia do poeta andaluz (!!!??)). Mas um pouco mais adiante na entrevista, maravilhosamente inocente que Federico; depois de ler Rosalia, se tinha aproximado dos poetas galegos porque os nomes que cita são Amado Jorballo - morto em 1927 - e eu que se viria a fazer a minha estreia poética em 1938, na Nova Galiza que Dieste dirigiu, em Barcelona em 1938. Mãe nos surpreende menos, enteirando-nos de que Lorca, depois de se tornar amigo de Amado Jorballo e Feraz Guerra, os lere, novamente o EMO se pode ir muito longe no pretérito dos andrômedas. Nesse campo ele demonstrou ser campeão olímpico. Como não sei se a mãe, junto copia dessa recorte. Junta copia também da minha última carta ao Ian, na que lhe esclareço o ponto do re-arranjo que eu fiz nos meus apêndices. Não sei se tu lês inglês direitinho. Gase não for assim, apita, para eu mandar-te a tradução dos parágrafos que te interessaram.

Numa das tuas cartas levantas o problema da morte de chorado D.O. Barnest em 1977. Esse problema não existe. E tenho toda a sua obra póstuma, inclusivamente aquela, como o poema "A trágica Ceité rose", que ele escreveu depois de morto. E eu cuido que na actualidade continua a escrever e a me mandar - por vezes com as torias queimadas pelo fogo das chamas do regno de Plutão, onde ele agora velozmente campê.

A aniversária dele - que se fosse viva teria cumprido no 19 de Dezembro de 74 anos - foi celebrada com grande e circulo-quadrado vigília dos Franco Grandes, com champagne Most-Chandon, uma garrafa "super magnum" oferecida para essa efeméride pelo antigo Embaixador de Portugal em Paris, e ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha - e, como o espumoso vinha, um vidro de vinho "vintage", grande enólogo e proprietário dum das adegas mais bem sortidas de Portugal.

Veja que esta página atega ao fim. Ponho aqui ponto final. Escreve, quando poderes. E dá às meninas para escreverem. LOVE GALORE FOR EVERYBODY from

Ernesto

Ernesto Guerra da Costa
"Melrose"

Ed. Il. Novo Mundo Editora, s.d.
2700 Estrela
Portugal

17 de Janeiro de 1986

Mensagem poética
particular
quadrangular

A vida e a poesia uniram-se na geometria anti-euclidiana do mistério, nos recôncavos da abstração. Há poucos dias eu estava a pensar em vós (este vós gallego tem em português repercussões medievais ou renascentistas) quando de súbito o Arcanjo lírico cobriu-me com as suas asas. O resultado dessa trémula comunhão foi um poema que surgiu quase limpo - e que aparentemente nada tinha a ver convosco. Só depois de sair desse "trance" para de novo entrar no mundo do imediato vim reparar que não somente tinha a dizer com o quadrilátero-circular Franco grande, como constituía uma parte prefacial, inevitável e indiscentível, do outro poema que vós tinha dedicado em Agosto do ano passado. Posto o novo poema ao lado do anterior logo ambos se reconheceram - e se ligaram e unificaram de maneira inseparavelmente siamesa.

Cá vai, pois, o novo "Posicionamento vital" - "em dois tempos", o significativo e o cronológico, a se deitar silenciosamente aos vossos (8) pés. I hope you like it!

Vosso "et nunc et semper"

Ernesto

"Melrose" - Estoril

PSICOTRANSMENTE VITAL

Do 'Erroto do Sil' para a Marlene, a Ross-
lia, a Nátia e a José Luíz, "with love".

I

O Presente
é só aparente:
Uma linha ideal
apenas unificável
geometricamente
como abstracta fronteira linear
do inexistente escuro
do Passado e Futuro
Porque o Passado
está
pelo seu próprio ser já condenado
a nascer morto
a ser
de vida
aberto

E o Futuro
sempre em nos encerrado
Pelo mesmo modo
da matriz da consciência
está
predestinado a ser
eterno nascituro

II

Quanto ao Passado
eu sou ultra-optimista
porque o que foi
já foi
e na lembrança
confiar-se ele afasta
mudo só p'ra melhor
Quanto ao Futuro
eu sou catastrofista
porque nele está a morte
na esquire à minha espera
Quanto ao Presente
(espelho que preside Jano
bifronte e sorridente
em que nos desviamos ao vivermos
sem podê-lo antever
nem recordá-lo
eu sou
de corpo e alma
imaginista
Porque o Presente
pertence inteiramente
ao Imaginário
E isso permite-me
viver meu riso ao je
pleno e radiante
a imaginar que sou
septuagenário

ESLORIL
24 de Agosto de 1985-
14 de Janeiro de 1986

Ernesto Guerra da Cal

Enrico Guerra da Cal

Milano

C. D. Nuno Álvaro Pereira, s.s.A

January 16, 1966

9,745 Esplan

Portugal

Dear Ian:

First of all, belatedly, happy NEW YEAR 1966!

Let me, secondly, humbly apologize for my tardiness in thanking you for all the precious materials you kindly sent me: on Anfitrión, to refresh my memory on dates - more than half a century went by! - and for the xerox of the Elenco Amor interview of 1963. Boy, oh boy! That one really took the cake! (I did not know Galician well enough at the time the Southern eulemas were composed, when I transcribed three of them "para cambiar la gráfica del poeta andaluz" (!!!??). And then, miraculously I became one of the "new poets" of Galicia, together with Amado Carballo (1900-1924). Lorca read the two of us, and then again, after we became his friends, Lorca never met Amado Carballo and I published my first Galician poems in 1936, in Barcelona, in Rova Galiza, a weekly printed by the Generalitat for the Galician Republican soldiers. All this is just too funny for words. To my knowledge Federico never se parted with him. If he had any letters he certainly would have hurried to publish them well before 1963 - the date of that lecture. The fact is that Federico did not like him too well. When I introduced N.A. to him, in 1933 - his impression - not quite fair - was that "era muy artificial, con ribetes cursis de largo argentiniano". The first part was perhaps true; the second, rather unjust. The reason was probably that poor Eduardo strove too hard to make an impression on the great poet. I will be sorry when I have to expose all the extremes he went to to muddy the waters in this matter, to hide the truth. What really baffles me is why did he not destroy the damn manuscripts? In that regard I want to give him all the benefits of the doubt: at the bottom of all the confusions, half and full lies and misrepresentations there was an ultimate honesty, that prevented him from doing so, God bless his soul! However I would have preferred that he had done away with them, so I would not have to denounce in print, after more than half a century of silence, all his underhanded manipulation of the truth in regard to this sorry affair.

Through the Anfitrión 'fotocopies' I can see now that I was wrong: in fact our Lorca evening at the Festivo Español was "double featured": first a re-staging of the 1533 "estreno" with Margarita Xirgu - and then the world premiere of "Ferlimplín". (Thanks also for the picture of the cast of the "Zapatera". -I could have recognized practically everyone - but myself! Time plays such tricks on us. By the way, I do not remember whether I told you over the phone that the oldest original of "Ferlimplín" - typewritten with numerous corrections and inter-lineations in the author's handwriting - is at present in the manuscript section of the Library of The Hispanic Society of America, of New York. After the production, Federico left it with Pura Ucelay (mother of my first wife Margarita). Then, before she died she sent it to me to N.Y. as a gift - we were very fond of each other. When Margarita and I parted ways, she (M.) claimed it ^{others} and I let her have it. When R. retired, she donated it to the Society. What I remember mentioning to you in relation to this play was that, while we were rehearsing, F. pretended to improvise the beautiful monologue, by Ferlimplín, at the dawn following his multiple cuckoldry during the wedding night: "Amor, amor/ que estoy herido..." (he went into another room and wrote into the script - and we all, Dura, Santiago Ontañón, Pilar Bassarén and myself were astonished at his miraculous instant inspiration. Then you told me that that poem already existed and it is included in the Galtes. It does not appear in the edition of the C.O. that I have (4th ed. 1962). May I ask you for a xerox, with the bibliographical data? Thanks in advance. In exchange I could send you a copy of the only printed edition of that first version which I included in my book LITERATURA DEL SIGLO XI (New York, Dryden Press, 1957; 2nd ed. revised, New York, London, Toronto, Holt Rinehart and Winston, 1965).

Tell me whether you are interested in having it for your files. Do you happen to have in them a review of the Lorce-Caslay production of Peribronca, by Lopo de Vega? It appeared in El Sol (Madrid, 26 de Enero de 1935, according to the A. del Mayo bibliography in the E.C.). If you do not, please send me the exact address of the Hemeroteca Municipal. I recollect that it used to be located at the old Plaza de la Villa, next to the Torre de los Lujanes, but it may well have been taken somewhere else.

Now, about the re-ordering of my family names. It goes back to the times of the Civil War. Guerra in the Blanco Amor interview is an obvious misprint. My mother's names were Guerra Taboada and my father was Román Pérez de Cal. So my name at birth according to the odd Spanish system was Ernesto Pérez Guerra de Cal Taboada. In that system (mother's name last) if your patronymic happens to be Pérez, or Martínez, etc. or Ruiz or García, you become known by your matronymic (witness the cases, among numerous ones, of Galdós, Picasso, or Lorca himself) and the father-son name connection is lost. I was never happy to be Pérez Guerra (my father had always been known as Cal or de Cal). In 1938, when I was sent for the first time in an official mission abroad by the Ministry of War of the Government of the Republic I requested to be allowed to use both my father's family names. My request was granted, pending the entering of the change of order in the Registry of Births of Ferrol when Galicia would be liberated! - it never was (and still is) and, accordingly, my passport was issued as Ernesto Pérez de Cal. And as such I entered in 1939 the USA. Later on, when I became an American citizen I dropped the Pérez and, in the best New England manner, I put my mother's name as my middle name. And Guerra de Cal has been my one and only legal name ever since - and all my literary and critical work is thus signed. It is now legal even in Spain, because I requested at the American Consulate here that my change of nationality and reordering of names be entered in the Civil Registry in Ferrol (still not liberated), but apparently not anymore "del Caudillo" - which is an improvement! - and they did, naturally, as they were supposed, by law. As for the diacritics in Guerra the explanation is that my maternal grandfather, being an Italian (an engineer who came to Spain to build railroads, got married in Galicia and died there) in order to preserve the sounded y in his name added the dots to it. My mother never used them. My only brother, Fernando - a poet that Federico admired - and I, being younger, followed suit. We both dropped it later on. At any rate I see Guerra de Cal, and I like it better, much better, than Pérez Guerra, or even Pérez de Cal. And to come to it I did not have/far back as D. Ramón del Valle y Puga to become D. Ramón María del Valle Inclán, to mention ("mutatis mutandis", no pun intended) the most illustrious Galician cases: or Félix Antón García Sarmiento to become Rubén Darío, for that matter.

Changing the subject, and in regard to Federico's autographed motto for the Hispanic Institute in the U.S.A., I thought that I might have failed to identify for you the origin of the text in question - though you probably know it. It is taken from the last verse of "La Salutación del Optimista" of the above Rubén. The complete line reads thusly: "Inclitas razas ibéricas, agente de Hispania secunda." The poem was recited by its author at the Ateneo de Madrid in the evening of March 29, 1905 (Centennial years of the publication of the first Part of Cervantes' Don Quixote). Later in the same year he collected it in Cartas de Vida e Esperanza. The idea of using it as part of the emblem of the Institute was Federico's - according to what the other grand Federico (de Oña) told me. Probably now you and I are the only ones alive who know this little item of lorquiana.

It is late at night. I am tired. I think this is all for today. What are you going to finely take (split infinitive); the trans-Iberian train to Esteril?

With Very cordial regards,

Rueto

P.S. I am enclosing herewith an article I published last year about my friend (and Rueto's) and fellow Galician poet Serafín Ferrer - where I already referred to Blanco Amor's blaud disregard for truth in his recollection of facts and people.

nun) + Kagner Callad.

o reach

Guerra da Gal
"Mitos"

Al. B. Novo Museu Guerra, 22.8
3765 Echad
Portugal

25 de Janeiro de 1986

Querido Xosé Luís:

Há poucos dias, enuevi-te uma em-
ga carta dactilografada na que
julguei ter tratado de todos os
assuntos que nas varias tuas le-
vantavas. Hoje, porém, ficou-me
o rei-rei de não ter respondido
a uma sugestão que me fazia, na
última - isto é, sobre a possibili-
dade de preparar, para ser edi-
tada em Portugal, uma antolo-
gia de poesia galega contempo-
rânea (século XX). A ideia já me
tinha rondado pela cachimónia,
mas com todos os outros projectos
que la habitam esse não tinha
conseguido passar de "rondadora".
Tu ofereces a tua colaboração - e
eu aceito-a, com a condição de
que apareça com a autoria de-
pta Guerra da Gal - Franco Grande.
Que achas? Além de útil e u-

interessante seria prazenteiro, não é?

Como haveria que adaptar todos esses poetas à novela Lusíada - suponho que não achas-te máis o traço idiomático ecuménico com que aparecem vestidos Rosalia e os seu cantores. E o teu? Que che pareceu? Convém Palamos mais demoradamente neste empreendimento português - que só vantagens pode trazer para ambos os países irmãos.

Quando responderes, dá a tua justiça por me honrada neste assunto.

Teu - e da tua Santíssima (e belíssima) Trindade - com o coração na mão

Ernesto

Ernesto Guerra do Couto

Melhor

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 93-A

2705 Lisboa

Portugal

5 de Março de 1986

estas mágoas de perderem são da amplitude que acaba de ser dada - mal criada!

Querido José Luís (o Bolfeixe Trindade):

Estou entorpecidíssimo, vendo que a tua última carta tem isto de - ai! ai! - 50 de Janeiro. Sei que depois dizem falámos pelo telefone; isso porém não me exculpa por desculpa.

Já te agradeço - parece-me, mas tanto faz, agradeço novamente - o envio do livro de Alvaro Monteiro, (o envio e o presente, generoso, como tu és). Já comentámos a entrevista do teu com o lamentável palhaço satânico. Desta vez o nosso amigo deixou-se enredar nas malhas de publicidade do escândalo, por aquele mesmo motivo, contínuo a praticar a péssima que o simpático irlandês - que é um investigador sério - e que tratou com seriedade a homossexualidade do Poeta - matanze a cabeça nas espantosa intrínseca que o valeu renúncia - já quase sorrofacto - soubo, com incrível rapidez, lhe arranjar. Triste o sujeito! Ele pediu-me a minha opinião. E como me pediu eu dei-lhe. Disse-lhe que lamentava que a tivesse publicado, que lamentava eu tê-la lido - e que lamentava ainda, que me tivesse pedido para lhe dizer a minha justiça. Acrescentei que fazia meus os comentários que ele próprio, com convicção e sinceridade, manifestava no último parágrafo da reportagem, e que foram também os teus (coisa esta que eu não lhe disse). Não sei como reagirá, mas eu tinha a obrigação moral - uma vez que ele me perguntou - de dizer-lhe a minha verdade. Versués!

O Ladeira Yrago não ficou, ficando mal corrigido - e antigo. Faz sequer nasceu ainda muito novo do FUCURO com a ROSALIA. Decididamente tu és o único galego, "raríssima ave", que responde às cartas, aos envios e aos pedidos de favores. Haveria que instituir para ti um galardão modalístico como "the best correspondent of the Iberian Peninsula". Dos poetas gallegos incluídos no "Camisheiro", só tu - naturalmente -, Carvalho Calvo (ela quero que se seu apelido seja grafado à luz) e Manuel María nosaram reconhecimento de livro. Os outros... "niclos"! (como se diz em mala lisueta). Nem sequer a Katana Torres, que é tua amiga. (E o Ferrir continua taciturno). Enfim, a Galiza é assia e não há nada a fazer. Mesmo as pessoas cuja ajuda eu agradeço, também não piaram, - os galegos, tu se vê. Praticamente de costumes, talvez.

Tentei antes falar contigo pelo telefone - mas ao longo de serão ninguém atendeu. Vou tentar hoje outra vez. Preciso da tua colaboração e ajuda em várias coisas maçadras. A primeira é que gostava de me mandar uma cópia fotostática do poema do meu pai Fernando, publicado segundo me dáisse em A ROSA TERRA (o artigo) ou em NCS. Se não subia dessa publicação, e como vou falar dele, em relação ao Larus, que ele também conheceu - e Federico conheceu poemas dele que eu lhe mostrei e sobre muito bons) ser-me-ia de utilidade essa reprodução. (Ele está trabalhando a toda a "maça" na monografia das Poesias Galegas. Já tenho as traduções para inglês e para espanhol (estas últimas tentando estabelecer o mais aproximadamente possível o texto original oral larquiano). Ora bem, para o estabelecimento crítico do texto galego as cópias xerográficas que eu tenho - as que o Fdez. Montesinos me enviou, e as que tu me trouxeste - não são porque não se podem ler algumas das palavras riscadas (que são de enorme importância para a história de elaboração dos poemas). Isto quer dizer, que eu precisaria, com certa urgência, de fotografias profissionais (negativas e positivas) desses autógrafos. Sei, com certeza, que se eu comparece à "Biblioteca e Arquivo de la Diputación Provincial de Gronse" não receberia resposta alguma, ou receberia-a no dia de Julgamento Final. Ora bem, tu conheces alguém em Girona, ou em Arçhiva, ou algum fotógrafo profissional a quem eu se pudesse dirigir na cidade barça, para tomar conta do recado? De, não esquecer, ter uma grande responsabilidade nesta minha decisão de publicar a monografia sobre a minha colaboração nos Poesias Galegas. Também não podes esquecer que o oferecimento de ajuda

Hoje fiz novo tentame com identico insucesso. Será que novamente te tenho o nr errado? 00 34 86 - 43 17 89. Tá certo? Ou dá impedito (ocupado) ou não atende. Misterio!

P.S. 2: O "posicionamento vital" só foi entregue à revista Coloquio - onde aparecerá num futuro número - e não chegou ao seu destino.

P.S. A pesquisa portuguesa da Realidade já está perto de duzeite. Mas a tua (a última gallega) (conspirações de Silveira) e esta da famosa Natália Freire foram as duas de que eu mais gosto. Juntos aqui numa cópia.

partir de ti - portanto agora tens que arcar com as consequências. Então a trabalhar que nem um proco - nos artigos de galiza e chibete, porque os pretos da boia, livros, não se distinguem pela sua especial laboriosidade. A coisa vai ser mais comprida do que eu pensava. Levarei uma introdução sobre o Leran que eu escrevi. Outro capítulo sobre a 'história da origem e elaboração dos poemas' e a 'história editorial dos poemas', com todas as trapalhices e trabalhos de Bisnpo Amor, desde o princípio até ao fim - isto é, desde que se apressa dos meus manuscritos até à aparição (insoponível deles no seu espólio, no tel. Arquivo e Biblioteca curvada, e não se obter os manuscritos com a sua transcrição textual crítica - com a informação dos dados que eu me lembro da versão oral bastantada do Leran - e as muitas soluções linguísticas (sem as diferentes opções que eu lhe ofereci e as decisões dele) e uma análise das fontes temáticas e formais de cada um dos poemas (das que eu me "recreo"). Cada poema irá seguido da versão gallega-portuguesa actualizada, da versão espanhola (a que incorporarei o que eu lembro do texto oral federativo) e da versão inglesa. (Todas essas versões já estão prontas, assim bem como uma parte considerável da análise crítica-textual dos poemas. Agora, como tu digo, para fazer a análise definitiva preciso de fotografias bem definidas - tanto para o meu estudo, como para a sua reprodução no livro. Ora também irão todas as dedicatórias e desenhos que do poeta eu tenho. As fotografias destas matérias estão a ser feitas pela Biblioteca Nacional de Lisboa, em reprodução (não as illyps, deus no livro) aparecerá numa edição programada para Julho vindouro. (O Manuel Montalvão pediu-me para lhe emprestar as originais - para outra exposição do Ministério da Cultura-Jurdação Garcia Leran, de vários poemas e del-lha um não rotundo. Oferecia um alto regalo, mas uma coisa dessas não é quantificável). Ah, antes de esquecer, outro favor, em relação a tudo isto. A edição da E.U. de Aguilas que eu tenho, apresenta variantes próprias - ou galgas - diferentes das 'bureações' blancemorinas que examinei nos textos de ed. príncipe de 1962, 1935. Se tu tens um "Aguilar" mais actualizado do que o meu (1962), peço-te para conferir se as tuas ou o seguir sempre nas edições mais modernas aparecer - ou se foram eliminadas. (E também se por acaso se deslizaram outras novas, em relação ao texto de 1962). As que eu detectei na dita edição da E.U. são as seguintes:

- "Cantiga do Seno da fenda". Linha 3 - que tem o ventp - em vez de - que n' toca o vento
- " " 11 - un val imposibla - " " - imposibel
- " " 12 - na varda riba - " " - na varda
- " " 24 - na tarde amortecida - " " - na tarde
- " Canción de dona.... " 10 - que brala a dor - " " - que bral a dor

Acho que para agradecimento de favores chega o poema. Quê mais eu litta para te dizer? Ah, já me lembra obrigado por teres posto o meu nome entre os que apoiam a bela iniciativa das "fil primaveras para a língua gallega". Será que de facto a coisa mais importante sinal de identidade não se vai perder? Deus e faga! Recabi hoje o teu artigo, belo artigo, das FOLHAS SECAS. Quando vov a lume esse II Volume das ANOS SECOS? Tenho mais temas de conversação epistolar, mas têm de ficar para a próxima carta. Por favor ocupa-te, logo puderes, do assunto das fotografias profissionais, (no original, e reverdo das folhas completas, margens incluídas, dos meus autografos). Eu inclino-me que o melhor é o endereço dum fotografo de Ourense. De tudo isto depende a nossa viagem na primavera, ou verão, à Terra para ver o quadrilátero EC, pois eu não saio daqui até deixar esse quiculo pronto para Gumburg. Love galice for the four of you from the two of us

Prudente

P.S. Um ano ou duas receberas um belo presente quadrilátero. Obra dum amigo diziguita brasileira e sua obra fotografica - recebi dois exemplares deofer - tu a censest que o de tinta com mais de dois para ti (você).

P.S. As fotos pequenas não são para se ler o rascão, nem para reproduzir. Preciso de
cópias individuais de cada poema ou página do manuscrito, em
tamanho o mais aproximado possível ao do original. A "Dança
da Lua" tem uns versos riscados que numa foto nítida poder-se-
iam ler. Manda-me por favor o nome e direção dum bom fo-
tógrafo - esse que tu conheces, do outro. Sem pechete em
pagar tu!

Enviado: Lisboa de Cal
Alto. Dr. João Álvaro Pereira, 22. A
2765 Estrela
Portugal

27 de Março de 1986.

Querido "Quadrângulo" gentil!

Estamos ainda a "curtir" - como dizem os brasileiros - a vossa lu-
gida passagem pela "Malrose", que tanto nos agradou. As "meninas" (as três)
estão cada dia mais bonitas - e as duas crocodólicas, cresceram considerá-
velmente (especialmente a Maria, que deu um estirão desproporcionado) tanto
em estatura como em beleza. Deus seja louvado!

A Elsie está como criança de seixtos. Novos são o pai, o tio, o avô.
Levou a Mãe (artor de gala à Sociedade de Geografia e Ciências Exactas). Fe-
das as madames a perguntar-lhe onde o tinha comprado, irresistivelmente, por-
que aqui nunca se viu um calar desse estilo e feitio. O pai sabia que eu vos
ia escrever, insistiu para eu não esquecer de agradecer de novo o belo, rian-
te original presente. Eu não estou mesmo grato pelo belo abraço em cartão
de ouro. Só tenho pena de, à diferença dela, não o poder levar posto. Mas fica-me satis-
feito a fazer logo com o da Ordem de São João da Espada (que ela mandou fazer para
mim quando fui condecorado com essa Ordem (que em Portugal desde o sé-
culo XIX é de Mérito e não Nobiliárquico-militar); Também não é de esque-
cer as "marrons glaces" de famigerado esbarrosada, que quando, como estas,
não são do Picoas, não realmente óptimas. O seu consumo na Malrose está a
ser bastante e com notável parcimónia, para fazer rir.

(28 de Março). Deixei esta carta começada ontem - era muito tarde e
estava muito soberano e fui fazer nada. Levantei-me, fui fazer uma pouca
de jardinagem - e veio o corteiro com o teu postal algarvio. Que pena! Bom,
o Algarve, na primavera e o outono é mesmo assim: ou faz um tempo esplêndido
ou é inverno. No Estoril é a mesma coisa, mas - não é para vos dar inveja -
todos estes dias tem estado um sol radiante, com considerável arrefecimento
nocturno. Hoje continua a brilhar veiosamente.

Hoje também ser-me-ão entregues as cópias que encomendi das negati-
vas das manuscritos dos "Poemas Galegos". Mandei fazer umas pequenas aplicações
para ver o que resulte. Eu, depois de examinar essas negativas à lupa tenho
a impressão de que não vão dar para ampliação ao tamanho natural. Logo te digo.
Se for necessário fazer fotos de mesmo tamanho das originais não sei de
forma nenhuma que sejas tu a arcar com o custo. Mandos-te o endereço do fo-
tógrafo de Juroque e eu entendo-me com ele directamente. Aceitei o pagamento
da cópia feita pelo prestímo. Isso - de deve nestá momento andar pelas Avós
Lorques, fazendo pilatas lorquistas - mas desta vez, paga-te pelo amor de Deus
que não me deixes sentir - e com razão - que estou a abusar da tua generosidade
e boa amizade. Tá bem? Acabou usar dos teus bons serviços, que já é chegada para
ti, porque supudicíssima como eu bem sei, mas pelo menos deixa-me pagar as des-
pesas dos serviços que essas teus favores acarretam. Doutra maneira fico afli-
to e coagido.

A ríscão de parecer "pesado" vouho lembrar-te do meu interesse em saber
as datas (ano e mês) do número 67 do Tomo 52 de Boa, onde se publicou o poema
de 1908 quando "Cheve na alta" (que como terás comprovado é muito bom, ainda
por cima se considerarmos que quando o escreveu, no Jorgo, Lago, não tinha ain-
da 15 anos, pareço-me (e ainda tá a tetya reza e Bacula, se já muito deturcado
mas ainda maravilhosos, Fazo dos Valcarlos, cuja fachada aparece representada na
pág. 140 do Vol 7 da Enciclopedia Galega e cujo pátio de cavalos era um azen-
bro. Nós dois passamos lá a primeira parte do verão com ela, para iram depois
e passar o resto a Quiroga a casa da minha avó, antes de voltar para Madrid).
Vouho lembrar-te também a referência bibliográfica e a citação de James Alon-
so relativo ao reconhecimento, ou falta de reconhecimento do uso do galego por
parte do federico. Trata de lembrar-te ou de perguntar a alguém das outras sobre-
vivas da reunião, à que assistiu o Elenco Amor, na Pubsção Feuzol, de Vigo.
Eu passo em última instância, tentar, apesar da sua epistologofobia, perguntar

ao Piñeiro.

Quanto ao Prof. Anderson - que parece duvidar francamente das minhas declarações - e das tuas, consequentemente - sobre a minha intervenção nos Poemas Galegos e que, pelo contrário, parece achar que todos os equívocos de Blanco Amor, desde o prefácio da edição de 1908 até ao último artigo - que o livro fardeceu e de qual te mandei cópia - representam uma atitude clara - podes, como já te disse aqui, mandar-me o meu endereço, para (mantendo) por-me em contacto directo com Guerra da Gal. Parte do princípio de que loras os contactos directamente no mal galago e que Blanco Amor e eu os corrigimos e terceiro, e fantasmático, amanhoso teria notado também a tua co-her.

Debruçando-me sobre o curioso - e nada explicável-distanciamiento que o Landeira tem mostrado a meu respeito, vejo que podes andar pela meio esse professor Anderson. Porque agora vejo que a tua atitude em relação aos manuscritos mudou consideravelmente desde que, aparecidos estes e tendo ele recebido a "Pavana" com dedicatória manuscrita de D. C. Wagnast, escreveu-me uma carta, em 17 de Maio de 85, que "trabalhando no século, na letra de Guerra da Gal-trabalhando as palavras pliegas e oitavas. Disse que gostava a caligrafia da dedicatória de "Cemag... a paragon. "e de certo" (assim, em galago) a carta era em castelhano). Acrescentava que "naturalmente es una hipotesis de riesgo minimo, pero hipotesis al fin, que me encantaria elevarla a certeza". Na nota de comentário à reprodução dos manuscritos em La Voz de Galicia, em 6 de Junho dizia "cuatro son apógrafos, presumiblemente de la mano de Ernesto Guerra da Gal". Ora bem, essa probabilidade desapareceu, e com ela o meu nome, na nova reprodução de Grial (4º 98 - Abril-Maio-Junio-1985. Eu bem sei que a tese dele, na minha mão, também em GRIAL - 84 - Janeiro-Fevereiro-Marzo-1984) "e paralelismo das vozes, e dos sons entre Romances Galegos de Eduardo e os Seis Poemas Galegos de Federico. Tese essa que deve-se reflectir nessa "conclusiónen bastante distinta de las ahora publicadas" de Anderson. Entende-se que essa tese veio tristemente abaixo quando apareceram os manuscritos de minha mão - a mão de do Lera, como Blanco Amor tinha indicado na sua apresentação de 1935. O engraxado a que foi o próprio Eduar-

a partir de 1955/ do que começou a atuar na água com as repetidas referências/ a minha pessoa em relação aos poemas, cada vez mais confusas, como tu bem sabes. Que interesse teria eu em reclamar dessa colaboração, e que em artigos e entrevistas me se referiu - referências às que eu então respondi durante mais de um quarto de século. Ora, depois de aparecerem os novos manuscritos, identificados como tais pelo próprio Landeira, como podia ficar calado - com toda a gente a pedir que eu falasse, como tu sabes. Eu teria preferido que o Eduardo tivesse destruído essas originais, porque agora tenho que, forçosamente, reconhecer as suas ocultações e tergiversações, pois essa que não é agradável, porque, como no caso do Professor Anderson eu narro como sendo "mala sangre" em relação ao morto. Como se eu estivesse tratado de subar-lhe "post mortem" a suposta autoria a Blanco Amor: É uma chatic! Mas o que realmente mais me intriga é a conduta de Landeira. Podes-me dar uma explicação, tu que o conheces bem. Como pode/

me dizer que/
Blanco Amor
"bugé limpo"?

F. M. T. Costa
1985 46

1985 46

O trabalho vai avançando, mas lentamente. Os 34 anos passam - e o trabalho mental cansa-me, e ainda por cima tenho que retesar a memória, o que é esgotante. Enfim, tem que ser. Se se deixa de trabalhar, morre-se.

Mais um pedido: podes-me dizer se o versão do o "Madrigal" de El Sol, de Madrid, e na do Sorrego Galego de Buenos Aires, caso as tenhas visto aparece no verso nº 10 o erro de "Caio", por "Laio", como acontece nas de Yáñez, logo (que tu e mais o Landeira reimprimiram na Cronologia), na de Agui, cujo número poético é na do Pueblo Gallego, Vigo, da qual tenho uma cópia fotográfica?

E mais nada, por enquanto...

Um abraço desfibrado para ti
e três beijos suaves nas três flores
do verso

Ernesto

N.B. A minha máquina adoeceu de tecladite (ou talvez, aí! 2
tecladoma) e está na clínica. Tenho, pois, que "manusear", vi-
Brevete Curioso do Cal Sã esta para a que estão fora de Treito)
"Atéss"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A 23 de abril, 1986

1745 Estrela

Portugal

Querido quadrilátero:

Estou envergonhado de ver que deixei pas-
sar "13 dias 13" sem responder a carinhosa
última carta de Vigo. Ernestela está
entireiramente de acordo em que os nos-
sos contactos tem que prodigar-se mais.
Tenho tanta coisa ainda por fazer "muito
pauco pro manga", como diz o velho
rifão luso. Quanto mais nos conhe-
mos mutuamente mais queremos conlu-
cerno-nos - pois mais "afinidade, electivas"
descubrimos. Pensando nesta apreciável di-
recção quero lembrar-te que não caíu em
saco roto aquela tua sugestão de uma
"Antologia de Poesia Galega contemporânea"
que seria um belo projecto de colabora-
ção - seguindo o critério de adaptações
orto-morfológicas por mim aplicado aos
textos galegos da cronometria rosaliana.
Acho que esse é o melhor caminho para
tornar conhecida em Portugal - e no Bra-
sil - o nosso viçoso jardim lírico modér-
no. Acha bem? Se achar, podemos
começar, cada um pelo seu lado, acor-
dadamente a ralar notas e rimas
- e mesmo poemas - que nos pareçam que
devam entrar no círculo da nossa primei-
ra península. E por aí, adiante.

(A uteta)

Ainda não escrevi ao teu amigo del Cato,
pois tenho andado muito atarefado com os
seus poemas - trabalho lento, de refrescar a
memória. Acabei o primeiro rascunho da
parte de "Anfístora" (já tenho as traduções espanho-
las e inglesas). Para dados de datas, o Ian aju-
dou muito, com fotocópias de resenhas críticas,
das actuações do Clube. Tenho andado também
numa grande azáfama, por ter aceitado a Presi-
dência da Comissão para a integração de Ga-
lida no acordo ortográfico luso-brasileiro". A
Elsie era contra, mas eu, estúpido, não segui
o conselho (conduta esta rara em mim) e ago-
ra vejo-me obrigado a ir a Lisboa, assistir
a reuniões, etc. - que se vão intensificar com
a visita do Presidente Sarney. Enfim, de facto
eu vi tratar-se duma Presidência (a minha
não a do Sarney) simbólica, mas não acen-
teceu assim, infelizmente. (Queriam enviar-me ao
Brasil, mas a isso recusei-me categoricamente).

Obrigado pelas cópias de Nós e do trecho
do Dâmeso Alamo. Hoje escrevi ao Ian, que
já deve ter voltado dos USA. Tenho vontade de
ouvir as impressões dele, que devem de ser in-
teressantes, mas se é a tua primeira visi-
ta ou se lá já esteve antes.

Li em El País (suplemento Internacional) que
já se tinha encontrado o corpo do Celestino F.
de la Vega. Coitado, eu só o conhecia de nome,
excelente leuista.

Incluo aqui um trabalho meu, antigo, do que
escrevi há pouco dias que tinha dois exemplares.
(Já te disse isto, assim como o artigo sobre o eusébio
do galês).

Quotei mesmo da tua chamada telepática: "There
is love between Heaven & Earth that's dreamed of in
your philosophy, Horatio". Essas coincidências fazem
parte do mistério da vida.

Imensos abraços para o F.G. do vosso

Ernesto

24 abril
depois da
entrevista

Ernesto Guerra da Costa
"Músico"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 22-A
2765 Estrela
Lisboa

5 de Maio / 86

Querido Xoré Luis:

Junto aqui copia do trabalho do Sr. Anderson - e da minha resposta. Mandei copiar também ao Ian.

Por aqui tudo bem, graças a Deus - ou a quem seja.

Quando del Cairo começarem a jogar fotografias apita.

Beijos musicais do dueto para o quarteto

Ernesto

Encomenda Lucrecia de Cal

Malaga

Mr. Dr. Nuno Moura Soares, 25 A

1745 Eskal

Portugal

May 4, 1986

Professor Andrew A. Anderson,
Department of Romance Languages,
The University of Michigan,
Ann Arbor, Michigan 48109
U.S.A.

Dear Professor Anderson:

I am in receipt of your letter dated in Madrid on May 25, 1986 and the paper on the SEIS POEMAS GALEGOS of Lorca, which you kindly sent me and I read with interest.

Apparently your positions regarding those poems are already well settled - and have already been made public - so I think it wouldn't serve any purpose to contest now any of your conclusions. Specially considering that I am at present - as you know - engaged in preparing a monograph in which I will tell the story of those compositions as well as I am able to recollect. I hope to have it ready for publication by the end of the current year.

There is, however, one little point to which I should like to call your attention - regarding the credibility of Blanco Amor's statements. On p.13 - and note 38 - of your paper a reference and a quotation are made dealing with an assertion by him to an anonymous journalist concerning my command of Galician in the 30's. He says about me (in 1963): "no sabía el gallego suficiente - nunca lo estudié y lo decían". Apparently your attention was not caught by the strikingly conflicting utterance that appears a few paragraphs below: Referring to Federico's background in Galician literature he says: "Querdo lo conocía había leído mucho a Rosalía, se había acercado a poetas nuevos, Axada Carballe, Rrmento Perez Guerra. Los levo, despues de hacerse amigos, nuevarento...". Rather strange that the same person who did not know sufficient Galician (sufficient for what?) turns out to be one of the 'new poets' that Lorca had read, just at that time. I was very flattered indeed to be paired off, among the many 'poetas nuevos' of that period, with no less than Amador Cortallo, perhaps the greatest of them all. Unfortunately Lorca could not have read me since I had not published any verse yet - it was in 1938, during the Civil War, that my poetry was first printed. Blanco Amor was in fact thinking of my second book of Galician poems, Ric de Sonho e Tempo, which had been issued by Galaxia of Vigo, about that time, with a preface by Steru Pedrayo, the donm of Galician letters. Like the previous one Luz de Alén-Mar, 1959, it met with international critical acclaim. I confess that I am puzzled by "los levo, despues de hacerse amigos, nuevarento". To my knowledge Lorca never met Axada Carballe, who died in 1927, and regarding me it does not make any sense. Hope you can elucidate me on that one? There is another phrase that follows the one first quoted, and that appears at the end of your quotation in note 38. Blanco Amor, for the first time, admits that at least part of the original manuscripts he holds are not by Lorca's hand - (for 38 years he either implied or asserted that they were). Well,

(over)

here he changed his story and he made the sensational disclosure that three years before, in Buenos Aires, he had shown to the public 'los manuscritos' (?): tres manuscritos por Federico y tres transcripciones hechas por Ernesto Pérez Guerra (he was lying in his throat on two counts: he only had five manuscripts, ^{only} and/ or one was, in part, by Lora's hand). But what really perplexes me, and I sincerely hope that you can help me to clarify, is the incomprehensible reason for the nature of those 'manuscripts': son para cambiar la grafía del poeta español (!?). I assume that since you quoted that sentence in full, and without any comments, its meaning must not be obscure to you. I would greatly appreciate your assistance in this connection. In note 32 you point out Blanco Amor's inaccuracy regarding my birthplace. That's nothing. He described, in another article, my hair as golden-blond and curly. (It was; before I lost it, alas!, dark brown and it had a not very pronounced wave; he said that my eyes were blue. (They were also dark brown... and still are, since, thank God, I haven't lost them!). I could go on. He did it with me, he did it with other people (like poor Serafín Ferrer. I had to write an article about him, setting the record straight). Blanco Amor, who late in life blossomed as an outstanding fiction writer, had that propensity to make life imitate art; that gratuitous 'artistic' lying sometimes bordered on libel.

Regarding one of the remaining "stumbling blocks" on your way - I am enclosing a sample of my present handwriting. Perhaps you'll react as Landelino Yrigoien did upon seeing it: "Basta lo que le digo? Pues que transcurrido más siglo, la letra de Guerra de Jal transcende de los pliegos cantores. Sembró la caligrafía de la dedicación del 'Hexágono paragon, 'e da certo', Naturalmente es una hipótesis de riesgo mínimo, hipótesis al fin que me encantaría elevarla a certeza". I did confirm its truth.

Apparently you do have a dearth of information about me, both as an educator and a creative writer. For your information I am enclosing herewith an extract of mi Vida up to the beginning of 1909.

Faithfully yours,

Ernesto Guerra de Cal

P.S. Although your paper was read at the L.A. gathering, it has not yet seen print. Please, tell me whether I am at liberty to quote from it in its present form.

cc to my friends X.L Franco Grande and Ian Gibson.

Encontro Guerra do Gal
Mebano

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 27-28
2755 Lisboa
Portugal

7 de Junho / 86

Querido José Luis (e lindo novo feminino):
nas duas últimas conversas telefónicas
esqueci dizer-te que a cópia do livro
(cópia de cópia) do triste Carlos Morla já
trouxe saído a caminho de Vigo. Foi re-
gostado, mas não pela via aérea por-
que era um dombeirão - e a diferença
de dias ou é pouca ou, por vezes, nenhuma.
ma.

Junto aqui o meu "Vita" académico
e profissional, para poderes encontrar
uma boa neurologia quando eu for
deita para melhor (ou ^{PARA} pior, quem sabe!).
Prezando, em tudo quanto estiver da mi-
nha mão, de te brindar um bom espe-
ço de tempo*

Recibe-te a recusa do meu Futuro
saída ao Colóquio-Teatro?

Incluo aqui também a carta que rece-
bi do barbaque do Anderson - à falta
de informação. E a minha resposta -
sem lhe dar nenhuma.

Estou um tanto quanto surpreendido

* Descobri que não o tinha mandado. Esta-
va todo preparado num envelope que
malvadamente se ocultou entre umas
pastas (cartafóis) de arquivação.

com o mutismo epistolar do Ian - de quem não recebi nem uma letra desde que partiu para os USA (minto, recebi um postal de Nova Iorque). Será que ficou arreliado comigo por ter desaprovado a sua entrevista com o cotado do Dali - sou- bra senil, e portanto mais triste, do seu antigo eu juvenil de produtor e goza- dor do escândalo, "pour épater le bour- geois", burguês esse que hoje já não se escandaliza com nada. Sortava que lhe perguntasses, visto eu ter-lhe enviado vá- rias coisa várias (i.e. a carta de Lorca a Teixeira de Pascoas) e "moita carra- co" - que em calão luso significa "ni piô".

Com dilúvio de beijos e abraços para os quatro vai a funda amiza- de do dots

Ernesto

P.S. Junta também um autógrafo e um desenhinho (héritos, do granadino - dos cartões que elaborei e monografia).

Mi querido poeta.

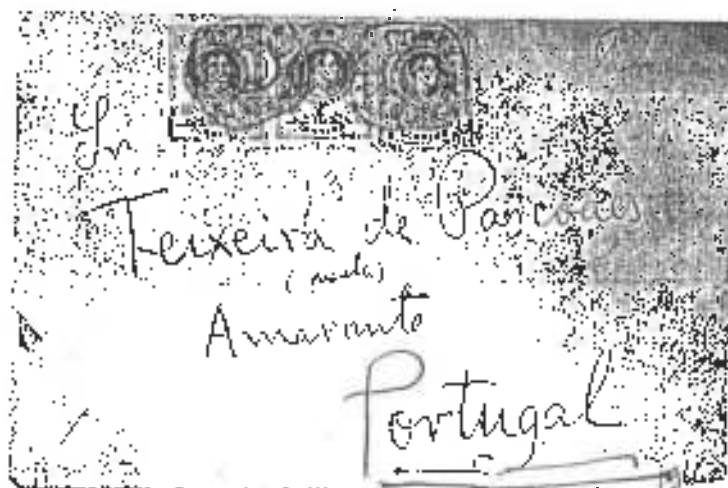
Desde la embalsada villa de Granada
donde paso el verano, te envío un saludo
amigable y cariñoso. Nunca olvido los
días que vivimos juntos en la Residencia de
estudiantes, ni se me vanle borros de la
memoria ni figura tan llena de cordialidad
y de pura belleza. ¿Tendrás noticias nuestras?

Federico García Lorca.

Mi amigo: Gaspar (apócrifo)

Granada

Incluye a su hermano.



Com um imenso abraço, para os
teus arquivos

Brett: Etoile 19-VI-86

Ernesto Guerra do Couto

Alentejo

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 32-34

1755 Sobred

Portugal

20 de Junho / 86

Querido José Luís:

Embora na nossa conversa telefónica última deixamos quase tudo falado, não quero deixar de sublinhar o prazer que o teu Herde me deu - depois de tão longa espera. Reli, mais uma vez, Entre o si e o non, que me trouxe saudade dos tempos, tão próximos e tão remotos, do nosso encontro poético. O poema que me dedicaste tem data de 1960! Conhecemo-nos há mais de 20 anos, quase 30! O Tempo à espreita: And now! Mas, enfim, cá estamos e ainda nos fica muito caminho para andar juntos. O teu novo poema aparece muito bem conjugado com o anterior. Maduro, de motivos y de estruturas, mas fiel à tua original percepção poética do mundo, directa, sóbria, funda - e ricamente ritmada, no ritmo natural (de Natureza, tema capital de tua mundividência - inibição do 'asfalto'). O meu poema favorito - fora de "A volta de Ulises", que é meu - são "Humus", "Ars amandi" "Asfalto" e os dois que dedicas às tuas filhas. Autentem

P.S. Ontem chegaram os quatro exemplares da N.º. Obrigada, mais uma vez.

Ficou aqui, para não atrasar mais esta resposta. Profusão
abração e babilon e xi-oração, para a sua equitativa distribuição
quadriplie, do volume
Gustafsson

enveni à minha sobrinha Návia, enviando-
-lhe outro poeminho, por ela inspirado.
Já chegou? Já registado.

Acho que o Ferrão agora está a
se conduzir como um paizoco. Então,
não era, apenas, "pour la bonne règle,
mon Dieu!" natural que me pusesse
duas linhas que fosse, para me agra-
decer a dedicatória do poema? Cada
vez me sinto mais distanciado da ru-
ralidade agreste e bucol deessa minha
triste Pátria. Também, me não mandou o seu último livro

E falando em bucolidade: o Kau
Carballa, nem publicou o poema, coisa
perfeitamente explicável - apesar de ter
dito que apareceria em ANT em Abril
ou Maio - nem, o que é pior, me res-
ponden às duas cartas em que lhe
pedia a devolução do "Toque de Rebate".
Queres fazer-me o favor de, da minha
parte, pedir-lhe que te entregue este
original, sim? Obrigado.

Do druida não soube nada desde
o seu retorno das Américas. Amante
von escreveu-me longa epistola. Fico
espantadíssimo com a minha opinião
de que "O Público" não acrescentava nada
ao traço de Lora - e que este tinha
andado muito avisado deixando essa
peça intermitente, com a outra gêmea, na
gaveta do esquecimento. Atirou-me à
cabeça com o Joyce - de quem sou fer-
vido devoto e fiquei atordado sem per-
ceber o sentido desse insolito arrecesso.

Ernesto Guerra de Cal

Albino

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 27-A

1705 Lisboa

Portugal

25 de Junho de 1986

Querido Tetrasedro:

Ontem tive a sensação nítida de que faltava qualquer coisa para te dizer, e de facto faltava: a Maria está a ser copiada, e com certeza entregará-no-Bo hoje - e amanhã sairá com destino a esse D. Feliceppo da Luz Mourada.

Das unicas que te mandei parece que ainda não chegaram nem o extracto do meu Curriculum vitae, nem a carta do Larua a Teixeira de Vasconcelos. Lem cob registar - o qual não é garantia de que não se percam; esse torcedor avisa, para fazer no te envio, se a tardança indicar sumço certo.

Conto aqui a resenha, ultima da dez até agora aparecidas, juntamente com a que hoje recebi, enviada do Brasil pelo Gilberto Mendonça Teles, notável poeta e crítico e galegofilo militante. Sem vaidade, mas com orgulho, posso dizer que ex tornei a Galiza e as suas letras conhecidas naquela vasta nação da mesma língua comum - a começar pelos Meas grandes poetas da nossa época, Manuel Bandeira e Cecília Meireles (meus queridos amigos infelizmente já desaparecidos) e Carlos Drummond de Andrade, que com 84 anos está próximo da costa (e também amigo).

Mando também uma fotografia - de arquivo - que documenta o ano em que tu e eu nos conhecemos pessoalmente - neste longo amizade agora tão vivamente recordada. Como te liam pessoalmente, tu - e as três meninas - constituís o único vínculo vivo com essa terra tão vitaliciamente idealizada e amada, mas cuja realidade imediata actual é tão magoadamente divergente da que eu levo na alma como a custódia de nosso encudo leva a divina Nóstia.

Gostei muito dos teus três poemas da Barna - particularmente do amoroso-erótico, dedicado à Margarida. Cultiva esse vale que parece rico. De facto o suor, de qualquer espécie, físico ou psíquico, é apenas poetizável em visão retrospectiva. Quando ele está a ser vivido "we can't see the forest for the trees". É, para usar-lhe a definição que Wodehouse dá de poesia em geral: "emotion recollected in tranquillity"; é sóra tranquillidade que se pode dar realidade artística ao amor; as árvores já não dependem a visão de floresta. Esse é o sentido que tem o "Abscedá-rio-desfalado-de-Venus-Victrix" do meu Future Imperial, "Esquó, - essa -, de Paraísos perdidos e achados", de que tu aparentemente gostastes e elogiastes na tua bela - e gentil - recensão do FARO DE VIGO.

Ter, cá estou eu a tagarelar contigo - interlocutor favorito e distante - com quem um dia soubo ter ensajo de falar, dialogar secretivamente, até calmar es-faladas.

Tequaci agradecer-te novamente essa tua solta generosidade com que novamente me-minuseaste em relação às reproduções de meus manuscritos europeus. Vou, logo a seguir escrever a esse benéfico del Caño, agradecendo os seus bons ofícios e lhe dizer que esses agradecimentos, a ele e a Exmª Srª Diputación Provincial, ou mais exatamente ao Exmª canal do Sr. Arquivo e a Srª Biblioteca, estão em letra de molde quando o Libresco vier a lume. Bom, agora sim, penso ponto final.

Infundos abraço de manteladros
para a meiga tetranquia, do vobro
Ernestelise

José Lúcio Dantas

EMBAIXADOR

O Embaixador Jayme de Barros decidiu-se, desde as primeiras páginas de "Chão da Vida", a não se deter demasiado nas possíveis memórias amargas, que certamente também as teve. Por isso, a algum leitor menos avisado poderá passar a impressão de que ele só conheceu o lado dois de rose, os privilégios e as mordomias da vida. Mas não. Sobre os privilégios e mordomias de um mundo frívolo, que a outros teria deslumbrado sem remissão, o Autor transita com a naturalidade de um grande senhor e de um brasileiro de fidalga estirpe. Narrador de primeira água, apostilando suas descrições com referenciação séca de uma vasta cultura humanística, o Sr. Jayme de Barros sabe como estabelecer de imediato a empatia com o leitor, levando-nos pela mão a presença de vultos históricos e personalidades célebres que povoam a mitologia particular de muitos de nós: Vladimir, Raoul Dufy, Utrillo, Portinari, Villa-Lobos, Gentio Vargas, Bernanos, Gulomar Novais, Bidu Sayão e muitas outras figuras da hagiografia deste século, algumas ainda vivas, felizmente, como a admirável Edá Sayão.

"Chão da Vida" é todo um desfile de lugares, situações e personalidades que despertam no leitor um vivo interesse. E se existem no livro algumas zonas crepusculares, como altribuir a Washington Luiz a criação do cruzado para substituir o mil-réis (pág. 71) ou colocar Tancredó Neves no Ministério da Justiça em 1888 (pág. 222) quando só lá chegou em 1954, elas não chegam a tolher a beleza do mural que é "Chão da Vida". De leitura absorvente, incutiva pela técnica de grande estilista que possui o Autor, "Chão da Vida" passa a integrar a galeria de nossas me-

ROSALIA DE CASTRO

Antologia poética
Cancioneiro rosaliano



Organização...

Ernesto Guerra de Cal

ROSALIA NO MUNDO

Gilberto Mendonça Teles

A coleção "Poesia e Verdade", da Guimarães Editora, de Lisboa, acaba de lançar, num mesmo volume, uma **Antologia poética** e um **Cancioneiro rosaliano**, em homenagem ao centenário da morte da grande poetisa galega Rosalia de Castro, comemorado o ano passado.

A organização é de Ernesto Guerra de Cal, ilustrador estudioso das literaturas galega, portuguesa e brasileira. A sua notável

de Castro, seguida do **Cancioneiro rosaliano**, reafirma as qualidades críticas de Guerra de Cal e põe em cena, para leitores luso-brasileiros, os melhores momentos poéticos de quem é a mais importante figura de toda a literatura da Galiza.

Ao escrever em galego os seus dois primeiros livros de poemas (**Cantares galegos**, 1863, e **Folhas novas**, 1880), Rosalia de Castro tomou corajosamente uma atitude literária que não tinha de ver com

rioca e goiano ararapes, da UBE

vo Grandnecchi Castanho de Carvalho, do Rio.

As menções especiais da Categoria C cobrem os livros publicados... Pau Brasil, de Dinorah de Valle, de São José do Rio Preto, SP; A voz submersa, de Salim Miguel, de Florianópolis, SC; e O pêndulo do melão, de Charles Kiefer, de Porto Alegre, RS; e as menções honoríficas a O dia do sol chega ao meio-dia, de Cicero Sadrutti; O país da enchaca, de Gilson Relufo, do Rio, RJ; Uma sombra nas ruas, de Cleonice Regino, de Juiz de Fora; e Helena do Borel, de Clair de Mattos Santos, do Rio de Janeiro, RJ.

PERSONALIDADES E MÉRITOS

Como faz todos os anos, por ocasião da entrega dos seus prêmios literários, a UBE vai homenagear aqueles que, nos diversos campos da cultura, se destacaram por sua atuação, sejam pessoas, sejam instituições. Receberão diplomas de Sócio-Honorário o Prefeito Municipal de Jabotão, PE, José Fagundes de Menezes; e os escritores venezuelanos Ramón Urdaneta, Heli Colombani e Oscar Mora Contreras, responsáveis principais pelo êxito do I Congresso da Federação Latinoamericana de Sociedades de Escritores, realizado no ano passado em Caracas, e PRADO VILLAGA Prado, um dos expoentes da cultura venezuelana. Serão homenageados Especiais Fernando Lobo, Mário Lago e Radamés Gualdi. Os diplomas de Personalidade Cultural vão ser concedidos a Antônio Nassara, Amarty Vasconcelos, Alberto Cunha Melo, André Carvalho, Antônio Gomes da Costa, Scazziz Segall, Carlos Lima, Dinorah de Valle, Edino Krieger, José Raymundo Martins Botelho, Manuel Ilgino dos Santos, Roberto Pereira, Ronaldo Cunha Lima e Telênia Hill. Caberão os Diplomas de Mérito Cultural a Aleixo Leite Filho, Celestino Bachel, Dyrmo Elias, o programa Galpão, da TVB, Chio Takahashi, Nélio Pinheiro, o jornal Mulheres, a OAC, dirigida por Afrânio Coutinho, Paula Balduino, Roberto Werneck, Rolando Boldrin, Wandersley Cabral Xavier e Washington Novais.

das literaturas ibéricas, bem como a sua atividade de professor em várias Universidades americanas (Inclusive na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde esteve como professor visitante); estão patenteadas em livros como *Língua e estilo de Eça de Queiroz*, um dos mais importantes estudos de estilística narrativa em língua portuguesa.

Pela própria natureza metodológica da estilística, que encontrou um campo favorável no exame da microestrutura da linguagem poética, pouca coisa se fez no Brasil e em Portugal sobre análise de estilo dos discursos narrativos. É possível que isso tenha contribuído para o afastamento dos estudos estilísticos da área universitária, sobretudo quando o estruturalismo pôs em moda a análise dos diversos tipos de textos narrativos. Assim, o estudo de Guerra de Cal sobre Eça de Queiroz foi realmente um passo além, mostrando que a ciência não era bem a do método estilístico, mas dos vários filósofos e linguistas que, sem muita sensibilidade literária, terçavam armas com o texto poético, cujas estruturas pareciam mais adequadas às suas análises. Guerra de Cal soube sondar as estruturas linguísticas do estilo do grande romancista português, anotando as suas principais tendências expressivas, seus torneios de elegância e de ironia e a sua força erudita diante das possibilidades da língua portuguesa. Tudo isso feito com clareza, numa linguagem crítica de inegável bom gosto.

A publicação da *Autobiografia poética de Rosália*

uma não tradicionalmente poética, deu a seu povo a consciência política e cultural que durante anos o centralismo espanhol procurou estagnar.

Voltando-se para as coisas comuns de sua terra, Rosália de Castro pôs em relevo a força telúrica e a nostalgia cética de um povo, que se via estrangeiro na sua própria terra, que ia deixando de falar a "doce língoa"; pátria lírica dos trovadores e mátria de todos nós, falantes do português.

O *Cancioneiro rosaliano* reúne quarenta e nove poetas da Galiza, de Portugal, da Catalunha, do Brasil e da América do Norte, espécie de horizonte de recepção do talento lírico de Rosália, prova de que a sua poesia tem o dom de enturpecer todos os que têm o privilégio de a ler no original. A nossa Cecília Méhreis chega a crescer que gostaria de fazer ressuscitar e receber pessoalmente Rosália: "(E que Santa Teresa me perdoe); mas é assim, naturalmente.../ tratando-se de poesia/ e não de santidade". E eu mesmo, ouvindo na Galiza certos traços linguísticos quase idênticos aos do falar do interior goiano, pude escrever que "No teu cantaba no teu canto/ no teu 'timbre vaginal'/ vou soletando solidades/ vou navegando este mar/ quero ouvir lá d'outra banda/ nas 'lonxuras' de Goiás/ aquele 'fundo sin fondo' de Brasil e Portugal".

Para Jacinto do Prado Coelho, Rosália de Castro é "um dos mais altos valores da poesia universal". E para Gerald Brennan, citando na apresentação de Ernesto Guerra de Cal, ela é "the greatest woman-poet of modern times".

8/

COLÓQUIO

Letras

NO CENTENÁRIO DE MANUEL BANDEIRA

Lêdo Ivo

Ipan Januária

Lúcia Helena

Edson Nery da Fonseca

INEDITO DE

Manuel Bandeira

ARTIGOS DE

Mário Vieira de Carvalho

Fernando Alvarães

POESIA DE

Eugênio de Andrade

Antônio Ramos Rosa

Olga Savary

Fernando Guimarães

José Bento

Al Berto

CONTO DE

Maria Ondina Braga

NOTAS E COMENTÁRIOS DE

Maria de Lourdes Belchior

Bella Jozef

Antônio Guerreiro

número 91 Maio de 1986

no
próximo
número

homenagem a Mário Dionísio

Alexandre Pinheiro Torres

artigos de:

João Medina

Alvaro Cardoso Gomes

Luiz Costa Lima

Eduardo Prado Coelho

poesia de:

Ernesto Guerra da Cal

Matilde Rosa Araújo

Renata Pallottini

Manuel António Pina

António Cardoso

Miguel Serras Pereira

*é o anúncio
vossa poesia*

texto de:

Mário Dionísio

conto de:

Alphonsus de Gaimaraens Filho

ERNESTO GUERRA DA CAL

FUTURO MEMORIAL

Manual de Velhice para Principiantes

Livraria Sá da Costa Editores

Lisboa / 1985

Ernesto Guerra da Cal é um claro exemplo de escritor galgo de diferença, não obstante o seu vasto conhecimento — e reflexão, e percepção, e monumental *Leitura y Método de Ligeza de Guerra*, com uma imponente e massiva bibliografia (intencional, activa e passiva, em vários tomos —, e de estudos literários, e seu nome e os seus trabalhos não são conhecidos no Galiza como o reconhecimento. Isto deve-se, em parte, ao facto de ter passado a maior parte da sua vida no estrangeiro.

Desde sempre empregnado na luta pela reintegração da língua e da literatura galgas na esfera cultural portuguesa, Guerra da Cal escreve para si os livros — motivados — de, grande de sua lista de poemas *Canções de Guerra* (1969), englobando poemas escritos entre 1915 e 1950), ter sido o primeiro escritor galgo depois do Restoramento a dar um passo em frente com vista à sua reintegração.

Uma *Intencional* representa um novo momento neste sentido. Com efeito, trata-se de um grande livro de poesia escrita em verso galego, com uma ou outra emergência lexical galga, através do qual o A. *responde e defende* — sobretudo no «Anelôquico Indispensável», que é uma homenagem de ânimo à língua e de caráter arguto — a sua tendência de «qualificação» por reconhecimento, por formação e, finalmente, por epeto. Para além disso «Anelôquico», o livro é constituído por seis partes, representando cada uma delas, a meu ver, diferentes estádios das experiências vividas pelo A., e por ele caracterizadas positivamente, e a renúncia o reconhecimento um espírito que se recusa a envelhecer — por último a substituir.

Muito se nota a pátria galga — e mesmo o longo e generoso poema «Galiza» —, *Intencional* é aqui e ali salpicado de sentimentos pela terra natal, permeado por manifestações de nova sentimentalidade (sua) sua *branca senhora / no vento a galveca branca / a minha senhora / ...* (p. 29), e imbuído pela subjetividade negra (a) e espalhada do A., expressa em poemas de caráter afônico (sobretudo os de III parte, «apresenta sem olhos de disciplina vifado»), como se poderá ver em «Anelôquico»: «De todas as troças / no Arco / não se capta de amor / é o

poeta (p. 62). Especificamente, o A. apresenta composições bastante peculiarizadas, muito diferentes — até pelo rigor formal, extremamente regular — da poesia que por si se vai fazendo (e acerca disso resolve: «aparece praxico / e anômalo / e ainda por cima / heteróclito-esquímico / sem ritmo / sem ritmo nem compasso / sem ritmo — / *Vade retro!*» — p. 67), distribuída pela página versus que contribuem com o peso e a profundidade léxica e afônica do conteúdo com a leveza ejetada visivelmente para os poemas estruturais literários do heterotopismo a quando heterotopismo (e até em ambas as), no não alinhamento vertical da infra das versos, como se pode ver pelo exemplo:

«Noite de New York
tu não és doitada
como se pudes
ou até menos
José Juan Teitelboim (p. 23).

Tretos, pois, de um manual para principiantes, de prova de que para se ser escritor não implica costume, com a tradição, e, fundamentalmente, de que a um trabalhador da língua é sempre possível estar-se das duas partes dela. Porque, para Guerra da Cal, a poesia é um *poeta* e a língua é uma *palavra*; e o *homem sapiens* é sempre um *homem laicus*.

Luís Espinheiro Soares

FERNANDO GUERRAS

CASA: O SEU DESTINIO

Col. Autores Portugueses

Jornal Nacional-Casa da Alameda

Lisboa / 1985

Veremos a mais recente poesia de F. Guerras através o notável interesse de olhar a outra face da imagem de perfilada, de rigor de pensamento e informação que é a do crítico Fernando Guimaraes. E uma vez mais, como livro, patente resultado da publicação do *Poema* (1952-1969) (Lisboa, 1981), é a ocasião dessa imagem de rigor e seriedade que inicialmente o trabalho. O novo título, *Casa e seu Destino*, propõe uma espécie de reflexão poética como desenho, parece como traçar. E a elevadíssima tradição de estudos académicos afins aos de desenho e de arquitectura se reconhece de colar as curvas na mesa. Dos títulos dos cinquenta poemas resultam, por outro lado, algumas sugestões para entrar

GUERRA DA CAL, EN GALICIA



En Lugo, xornada de guerra, profesor (suena da Cal, malen desastrosa nos anly-
dadois orientes do Norte Xord, de enquerida, en compaña de en disonancia espe-
na, en Galicia, se huren ukall. Na ha miltada en JAKU do Yllio, queda cuanta
con grandes amigos e admiradores de se oira. — (Foto René.)
PARO DE VIGOS, Ombre, 1961

Queridos Xoré Luis (e trípico de beleza feminina):

Junto aqui - para quando apresentares a Caixa o projecto editorial dos Sets poemas galegos - o "Índice" da monografia, que dá uma ideia, necessária, do conteúdo.

Há dois dias te mandei uma carta - sou um grande chato! - para te perguntar se tinhas recebido o meu "vítas". Chegou? O Anderson já recebeu e mandou-me uma carta toda mansinha e "respeitosa" - que amanhã partirá para a "urbs olivæ", com a cópia do calhamaço do Mola. Vai, ou irá, sob registo, mas via superfície, porque pela aérea é um balúrdio.

Chegou-me o "projecto cinematográfico" do bom do Ian e o Barden. Que irão fazer com o copiado do Federico, já tão legendarizado? Ver-se-á. A fama mítica tem alto preço a pagar!

Abração quadri-dimensional

do
Ernesto

P.S. Enguia: vai cópia da carta de acuse de recebimento ao lírio do Landestein.

Ernesto Guerra de Cal

"Nobis"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33, A

2755 Estoril

Portugal

27 de Junho de 1986

Querido Amigo:

Recebi há poucos dias o seu Viaje al guetto del agua - que é um belo trabalho. Tenho que lhe apontar um pequena dato errado, que não é seu, e tem pouca importância; na pág. 41 reza, ao meu respeito, citando Carlos Morais (digno de uma confiança relativa), que Lorca me reservou um papel no reparto de "Ayer de D. Perlimplín". Isso não foi, não podia, ser assim, pois como todo o mundo sabe essa obra tem, um único personagem masculino - o do protagonista. Que foi desempenhado, como também todo o mundo sabe, pelo ator e escenógrafo Santiago Ontañón, maravilhosamente. O meu primeiro papel no grupo dramático do "Club de Cultura Cívica Francina" - que ainda não era "Amistosa"; e que tinha sido fundada, e era dirigida, por aquela mulher extraordinária - cujo impacto teatral sobre Federico não é despreciable - que se chamava Fura Martus de Uslay e meu primeiro papel, repito, foi-me dado por ela; papel esse bem secundário, o de "Mozo del Sombrero" em "La Zapatera prodigiosa", que, em reposição, foi apresentada no Teatro Español, em 5 de Abril de 1933. Fura, que foi minha sogra e minha amiga do coração - morreu 29 anos, é uma figura, que tem sido muito injustamente esquecida em relação à carreira de Federico como encenador - justamente com a de Eduardo Ugarte. Essa atribuição de papel de "Perlimplín" a este seu amigo - absurda, pois nem pela idade nem pela figura poderia ou ter encarnado esse difícilíssimo papel - indica a ligeireza da(s) memória(s) do bendito Carlos. Que entre outras lindezas afirma que Lorca lhe deu, em 1931(!!) os Seis poemas balcicos. É por aí adiante, disse Lorca,

Sobre todo o resto do seu livro tente apenas ologico a tecer, agitando as pedras terribes da homenagem. Quanto à imagem mitológica com que (na pág. 68) descomunalmente se mimoseia, e que não pode deixar de me envidiar, é

(à volta)

P.S. Suponho que não considerará eu discreto da minha parte o envio de cópia desta carta a Kati Lúis, visto em parte dizer-lhe respeito.

quero deixar bem claro, que eu nunca, nem oralmente nem por escrito, pretendi que o meu papel na elaboração desses famigerados poemas tivesse sido o de dar simples tangência poética - função de encenação linguística da que também não deixo de me orgulhar, mas nem a mais remota pretensão de partilhar nos poderes líricos, jupiterina, do autor do Romanço galego.

Vou permitir-me, com a sua licença, fazer outra observação de pomenar. Acho que (a pág. 69) o meu admirado Amigo comete uma pequena injustiça com o nome Franco Grande, quando cita, desqualificando, uma afirmação dele: "Evidentemente, Lorca não sabia uma palavra de galego" (o grifo é do Autor do livro). Porque, é claro que casa Franco, que é idiossincrática, não pode interpretar-se literalmente. Lorca sabia, certamente, mais do uma palavra de galego; algumas activamente, poucas, e muitasíssimas mais, passivamente - como sabia de Inglês e de francês. Mas para escrever criativamente - e poesia, ainda por cima - numa língua adquirida, há para começar para começar que ter um conhecimento objectivo completo de todos os mecanismos de seu funcionamento normal, de romaticação; e além, muito além, desse há que chegar a dominar, personalmente, todas as suas potencialidades de expressão individualizada. Isto é, há que possuir 'la langue' e, dentro dessa posse, criar 'la parole' - para usarmos o binómio de Ferdinand de Saussure. Ora bem, Federico, em relação ao galego, não era, nem de longe, de nenhum dos dois termos da fórmula estilística saussuriana. Isso é o sentido, não literal, em que o nome comum amigo Franco Grande usou o modismo não saber nem uma palavra. Que reflete a realidade, como ele demonstrou no artigo de FARGO vigués em que analisou a parte da "Canção da Lua", autografada pelo grande granadino. Julgo, portanto - e espero que por este meu julgamento não me considere impertinente - que se lermos essa afirmação como ela deve ser lida - não é justo dizer-se que "ni se tiene en pie, ni se recibe".

Esperamos, muito sinceramente, que um dia "le dé la ventolera" (que seja a expressão espanhola!), de dar um pulinho até ao Estoril, de tão belo céu-mar, para ter o prazer de conhecer em carne e osso o homem que em letra redonda já já temos consideravelmente admirado.

abraço do amigo e certo
Buenos Aires de Cal

Í N D I C E

- I. Memória de Federico.
- II. Blanco Amor e os Seis poemas galegos. O "mistério" dos manuscritos e a sua publicação.
- III. Os "seis poemas galegos" e a sua evolução.
 1. Os textos. Cronologia e elaboração.
 - A. "Madrigal a la ciudad de Santiago".
 - B. "Vella cantiga".
 - C. "Danza da lua".
 - D. "Ay, rueda, rueda..".
 - E. "Nocturno do adolescente morto".
 - F. "Cartiga do neno da tenda".
- IV. Novas versões espanholas e primeiras versões inglesas e galego-portuguesa, normatizadas.
- V. Apêndices.
 1. Breve história do "Club Teatral Anfitrión".
 2. Seis autógrafos e desenhos inéditos de Federico García Lorca.
 3. Fotografias e outros elementos documentais.

HOTEL PALACIO



14 de Julho de 1956

Queridos José Luís (e "tarzan rosa"):

Aconte de receber o teu dossier - ah! Até onde essa Rosa trata Terra vai chegar. Fiquei completamente deprimido com a leitura. O teu artigo é lapidário: vergonha da nossa inferioridade, que faz com que nos atirem com saibolhos espartanos e alhemias para eles com guloficos, como se se tratasse de torturas doces e apetitosas. E depois fazem comemorações do 50º do pichiscoito do Salatato de 36. É de ferirte ironia carnavalesca. Isso "Ho é um País - é um Entrudo", trágico.

O que não chegou com a tua bela carta "em rosa" foi a cópia de minha dos "tempos idos" de 59. Naquela altura não tínhamos muito - mas tinhamos esperanças - e os Pinheiros deos dos dia não eram os Pinheiros de hoje! Manda-me essa cópia que, sem dúvida por isso, ficou fora do envelope.

Espero que já te terá chegado o extracto do "Curriculum Vitae", que mandei há dias. Fiquei feliz de que tirasses gotada da carta ao Leandra. cujo texto, no essencial passará para a minha monografia - que vai lenta, mas segura.

Como as obras tornaram a "Melrose" desconfortável - e El-sis é muito sensível aos choiros das pinturas - viemos passar umas semanas a este magnífico hotel, que está a uma 500 metros da nossa residência, tem piscina olímpica e uma das melhores "quintinas" de Portugal. Eu trouxe para esta sala, que é ampla e minha máquina de escrever e o material de trabalho e aqui estou, trabalhando e trabalhando, alternativamente. Como gostamos, penso que vamos ficar aqui até ao fim de mes - em todo o caso continua a escrever para a "Melrose", porque sempre há os nossos empregados, e ela traz-nos o correio todos os dias.

Estou muito de desejo de receber esse perfil humano de minha pessoa, feito por um amigo como tu. O del Ceço não respondeu à minha carta, mas mandou-me um pacote de n.º 2, das Polizas Secas. É sempre qualquer coisa, mais do que silêncio. E falando em silêncio, de facto começo a crer que o meu dufer da tarde Brin, esta arreliada comigo - talvez, é a única razão possível, pela minha opinião adversa sobre a entrevista com o Dalí. Desde que partiu para os EUA nunca mais respondeu às minhas numerosas cartas - e envios (traduções dos Parsons gulegos, cartas do/ó para o Anderson, etc.). Investiga e di-

HOTEL PALAÇO



me, porque não quero estar a fazer papel de parva. Se tem alguma coisa contra mim, que diga, e acabou. Eu de facto liquei-me porque invocou de início a amizade contigo, e depois porque gostei dele. Em todo o caso interessa-me saber, como te dizes, a localização do apartamento de Frederico e Faco Lorde na "Calle de Ayala", e a data em que ele foi viver com a família em Alcalá, aquina a Marvão. Lá, sigures, na obra dele, mas não conseguí novamente localizar a referência. (100)

Também me interessaria, caso tu a tenhas - suponho que sim, porque a citar - cópia da parte referente aos SPG dos C.G. em tradução francesa, do Tolantich (apareceu-me que tem um acento, mas neste momento não sei em que sílaba). Poderias mandar-me cópia das traduções da matéria prefacial a eles referentes? Deu-te pague, "amice maxime"!

Sobre a edição, não deixa sair em seco rato a tua sugestão sobre "O Castro" e as "Edições Kornia" como alternativa à Caixa de Vigo. Embora, te diga francamente que só apenas se a Caixa se recusasse à ideia da edição eu acataria essa opção, porque no caso da Caixa eu abdicaria de receber direitos de autor - apenas 300 exemplares de autoria - o qual não poderia ser o arranjo com uma editora comercial. E sei bem que estas, na Galiza, pela falta de meios, geralmente pensam que o autor fica radiante com a ideia de ver-se publicado, sem receber um tostão. O qual não é o meu caso. Dizes que a Caixa 'sozinho concionalmente publica livros' mas não sabes que este é verdadeiramente um dos casos excecionais, por tratar-se de um livro que tem um interesse local-universal? Seja como for, o assunto está em boas mãos, as tuas, que não poderiam ser melhores. Com esse pensamento fico tranquilo.

Ah! Já me esquecia perguntar-te: qual é a data do teu trabalho inédito sobre o vocabulário dos SPG, que aparecerá repetidamente citada na minha monografia? Não te esqueças!

Copiamos abraços para ti e para a tua
Belíssima Trindade do vosso

Ernesto

P.S. Até quando vr. vão ficar nas terras coniferaes e acalantadas do Alentejo? Não se esqueça de escrever a C. Folgarço.

Ps. 2. Logo em acção em na Outubro, com os SPG, e através a habilitação, claro

Querido José Luis (e trio do coração)
Recebi, com a mesma data data
da tua, carta do paspalho An-
derson, com um artigo claríssimo
sobre Poeta em N.Y. (vai cópia). Su-
cesso também a minha resposta
- quero informação, vá pelas a
outra porta. Vejo que agora des-
cubriu o Alvin Karpis - e que

na que tu lhe des a papinha feita!
Epitro sobretudo o Jossue sobre
a nota alborada do amante "Reine
de la Antokopia" - "um grande
y libro".

afacissimor

Professor Emeritus of

Comparative Literature

The City University of New York

P.S. O Iam parece ter confido a
relação epistolar comigo.
Então - 15 de julho 186.

Ernesto Guerra da Cal

"Lobos"

Rev. 26 Nuno Álvares Pereira, 17.58

5763 Estoril

Portugal

14 de julho/86

Querido Xosé Luis:

Suponho já terás recebido
a Punto y Coma, com o arti-
go sobre Lorca, traduzido que
te mandei há dois dias.

(Com grafias profusas, como é há-
bito ibérica - e com subleções
sobre as muitas referências a
"lo de la cabeza cuadrada" - como
eram cognominados em Madrid
no meu tempo os membros da
"Buenaventura Institución".

Aproveito agora o envio deste
poema - que julgo não te ter
mandado - para juntar aqui
uma nota de 1000 pesetas que
a Elsie encontrou com outras tam-
bém espanholas - e de outros país-

ser que, eram sobre monetários
de diferentes viagens. Toda fo-
ram trocada no Banco, aqui
no Estoril, religiosamente. Era
porém, indicaram, tinha sido
tirada da circulação e só se
Espanha pode ser trocada por
'legal currency'. Trou, e com-
pra com esse "actual tender" o
que quiseres ^(uns troques, p. 2, 3) da tua parte
para a Rosalia e a Navia.

Não dáis para muito, porque
1000 pts. hoje não são di-
nhedo - mas é pela lembrança
do tio do Estoril

Quando não tiveres coisa que
melhor queira para fazer, e-
creve uma linha.

Beijocas efusivas para a
tês fadinha e um abraço de-
finhado para ti do teu

Ernesto Sie

Ernesto Guerra da Cal

"Melroe"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 22-A

1705 Estoril

Portugal

Muito querido Xoré Luis (e C^{ia}).
Recebemos autêntico a tua carta de
31 de julho - com as fotografias, que
saíram muito bem e constituem uma
bela recordação dum encontro inesque-
cível - que ainda ecoa no nossos
espíritos. Gostara muito (gostaríamos
muito) ^{de} que a Carol e o Iau voltassem
convosco num futuro próximo para rece-
bê-los na "Melroe" e fazermos-lhes as
honras - e eu, vaidoso que sou, mostra-
-lhes a Cama. E ter de novo a vossa Companhia

Oxalá que as melhora, da tua Mãe
se confirmem e que essa preocupação se
derrameça - e que ela ainda te dure um
bom número de ann. Oulem, na TVP,
o Fernando Pêssis - que nos conhecemos e
que tem 83 ann - entrevistou um campo-
diês do arredor, de Lxa. que tem 105
ann, está na porta da unha, mexe, tra-
balha (então sachando batatas) e bebe um
grande copo de vinho todos os dias.

Descansa em Tebra - tu trabalhas muito
e há que poupar-se. E esta vida virgilia-
na que desceves é muito descansativa e
reconfortante. Por isso, mais Tebra!

Nos estamos no nosso delicioso rame-

rama da melrose - toda pintadinha de novo
e sem cheiro nenhum. Eu retomei as minhas
actividades auacueñticas, de rega e jardina-
gem. Desde que voltámos a casa temos ti-
do mais três casamentos. E em princípios de
Setembro nos esperam mais dois. Toda a
gente moça está com febre matrimonial.
Um destes dias vou a Rosalia. Prepara-te.
Nessa ocasião com certeza vamos a Vigo.
Se estiverem ainda aqueim do espelho.

Manda um pacote imenso de beijinhos,
todo enfeitado de lacarotes, para a Návia
celta. Diz-lhe que "Viva Irlanda livre"
em gaélico é "Erin go Bragh!" Se dizer
isso, os "Irish Boys" vão ficar de boca abe-
ta. Vai voltar falando inglês "with an
Irish brogue" (acento irlandês) - que é engraçado.

Escrevi ao meu Pai - para agradecer a
colecção completa das Follas Secas - que
me presenteou - e mandei-lhe esse poema
feito, cujo original aqui incluo

A Elsie manda para ti e as duas
meninas um abraço muito amigo - como
o dela vai outro, estrangulado, meu.

Vosso

Inestelsie

A M E I G U I D A D E

A José Franco Grande, com veíhs amizade irmã

TUDO

o que nos acontece nesta vida
é milagre

Mas

ainda é mais milagre
co que não nos sucede
que é matéria infinita
de outras vidas possíveis
também incompreensíveis
que nós vamos criando
dia e dia
com a livre vontade trase-à-luz
da franquia
da singular
varinha de condão
de virtude
estênicas
da imaginação

E Deus

com a sua sempiterna
refalçada ironia paternal
- que é o seu natural modo -
desde o começo
da sua imensidade
astrei a eterna
corri
com magestade
de nada
o do

TUDO

Esqueci-me da Caf

ESPORIL

10 de Agosto de 1986

Inédito de livro em preparação DEUS, TEMPO, ESPAÇO, MORTE e outras batelias

21 de Agosto de 1986

Querido Xosé Lufo e bi-ângulo temporário:

Recebi-me a tua última carta, sem data, na ns que dizes que tinhas dado uma volta por Vigo e tinhas encontrado a nossa última Shagoo - nos também um lindo postal dublinense da região Navia, fadínca insignia.

Muito nos agradou saber do teu "beatissímo" nessa virgíliana leura, dedicação ao "trabalho e as dias". Tu sabes que eu compartilho esse amor pelas grúas burocráticas que a vida oferece - e também faço "jardinagem" no quintal - agota reduzi-la a uma série de beirões à roda da casa, como resultado das excessivas expansões da área habitacional. Nossa árvore, como as tuas, são cheias de frutinhas cantoras - e que cantoras! Eu tenho um que até já começa de vista - ele também me conhece a mim - que tem o ninho num galho que se estende até quase a janela do meu escritório, um tentilhão, que me parece ser fêmea, e que é uma verdadeira Galli-Curci ou Malibran - quem por vezes me dá vontade de aplaudir, tal é o seu virtuosismo.

Junto aqui o vosso poema, publicado na Solóquio. Letras, expurgado com outros, também do teor filosófico, dedicado a minha amiga de ocracão, e grande Mãe. Espero que o "Posicionamento", (que além do título me parece ter umas letras variadas), não demore do original na vossa posse. O da Mãe-Fênix está programado para publicação no 12.º número de Má, nova revista de "Associação de Escritores em língua Galega". Junto também um artigo sobre o grande Federico, extracção do primeiro capítulo do livrinho "Os seis poemas galegos" de Federico García Lorca. Teve enorme sucesso: desde segunda-feira passada que está o Jij o telefone não tem paragem de tilintar. Toda a gente diz que nele está o Poeta "rivo" e não expulso. Gostava de saber a tua justiça, pois com certeza não ignora quanto eu valorizo as tuas opiniões. (Final, poemas e artigos saíram em involucre separado, pois esqueci incluir a certa naquela série postal. Não sei qual deles chegará antes: se for o primeiro, talvez registado, peço-te de antemão desculpa por não ir acompanhado de mensagem nenhuma, o qual pode parecer grosseira, quando, como neste caso, não for feito por lapso). (Foi o Martinho!)

Acho engraçadíssimo o Dragon Rapido - que se bem me lembro era o nome do avião particular, pilotado por um inglês, que levou Franco das Canárias para Marrocos. Deve ser engraçadíssimo ver o nosso Ian a dar lições de golf no gramado e aquele pequenino valeroso (como o Belisário de Bizâncio, - pena o ferrolistino não ter estado como este, a pedir esmola). Se a fêmea passar aqui, em Lisboa, não vamos perder, só para ver o nosso grande Trishrap. Escreveu-me uma carta muito simpática contando como tinha sido esplêndido o nosso encontro do Estoril, tanto para ele como para a Carol (que nós, à escuras, julgámos ser Carol - e que é realmente encantadora). Para nós também o Sei, e ficámos gostando muito de ambos. Ele, melhora muito com o trato directo, pois ex fotografia, sem ârnis de o donegrir, parece o Ham de Islândia, de Victor Hugo. Em pessoa, até fisicamente resulta melhor. É delicado, cordial e dá a impressão de ser homem sério, honesto e leal. É alegre e divertido, natural, sem maneiras nem com afectações - que é como as pessoas, como tu sabes, com quem nós gostamos de lidar. Tanto ele como ele parecem ser verdadeiros - qualidade esta que, como a vida em si, é bastante rara.

Dessa forma a triste Terra, que é que eu te saberia dizer: dos Garcia Be-talle... e dos Pinheiros: o que me conta do teu Diário é uma fabulação de proporções mastodónticas, ou melhor dinossáuricas. Parece impossível que pessoas

maulter ser galoteiros vulgares - ou talvez mais exaltamento, invulgares. For
uma dinheirinha - ou mesmo dinheirões - passarem a arriscar-se a serem exch-
tação como vigaristas comuns. Faz impressão. Por isto, as vigarices políti-
cas e linguísticas e as trações à Pátria que pretendiam fazer, e que diárium-
te vendem por um prato de lentilhas, não é nada, pois essas pecadas graves, não
são formas de delito, como a outra, definida pelos códigos penais.

Voltámos à "Galiza", da qual já também saudamos. E o Meritino já está al-
gre e activo, como é a sua natureza já no essencial várias coisas - e a Elia teve
de intervir para o meter na linha, pois, com a massa suscitada, estava indolente.

O teu galiceo-português cada dia está melhor. Sem deixar, graças a Deus, de ser
galego, tornou-se, como não podia deixar de ser, português perfeito. Sabes que a
questão da inclusão da Galiza no acordo ortográfico das palavras lusófonas, reali-
zada no Rio - no qual eu, como Presidente do Honra da Comissão Galega, consegui
para essa Comissão "status" de Observador/ Hon, lá foram, e bem recebidos, o Pon-
terias, o Estravís e a Adela Figueroa ("uxor" do primeiro). Com o resultado de que
a Galiza apareceu como país "unifónico" - e res, em certos momentos difíceis, de modo
neira privilegiada. Jalem, telefonou-me, para me dizer que vai ser representada na
Borcas um nobre para o Governo Central aderir ao Protocolo do Rio, e que o Minis-
tro das Relações Exteriores - que foi informado de tudo o processo "in initio" -
está favoravelmente inclinado a apoiar essa iniciativa. Os que estão fideismente
opostos são os Alvoros e os Pinheiros - lindas e bonitas as paisagens, mas funestas
nas suas funções de retardadores do Poder "Autonómico". Seria engraçado que Madrid,
com a sua mira no Uec da Galiza nas difíceis relações com Portugal e as desajoveis
com o Brasil (mira essa, se os emparelhar, muito elucidada), aprovasse para a Galiza
e grafia universalizante e alargadora dos horizontes, até, hoje rúnicos e montana-
res, de mesmo idioma, e os organismos "galegos" ("Hon" "Academia Galega, de García,
e "Instituto do Castrejo", do Constantino "astur") ficassem a "ordem" em "autónom"
qualquer como aprovado e ainda mais conculcamente imposto pelo "Governo de Aamba"
(de boia?) e o "Parlamento" de castro-castrom do "Galicia". Cada dia sei mais
convicto de que a única maneira que temos, no mundo moderno, de salvar-nos como
povo - e a língua é o sinal mais caracterizador da nossa identidade - é a rota in-
sólida, que é tão nossa como do Portugueses, Brasileiros, Africanos e Galicianos. Po-
lo semelhança dialectal, é apenas uma questão de tempo - e não muito - para passarmos
a ser (eu não porque eu já estou fora de problema, por não ser "espanhol") uma
das mais tristes "províncias" culturais, e não só, desse triste mundo "quetarivo"
que Madrid representa na Europa e no mundo. Apenas, como anúncio a "Iberia Air Lines"
os "tipos muito típicos", que "também" tocam galta.

Foi muito
útil/

o Elia Meritino/

2 Bon, fáce-lo por aqui. Com saudades óticas para os Deús - e o Lindorim
ângulo enorme - dos vossos

da criação

Ernesto

P.S. Espero sufregamente o teu artigo na
Folha Seca, do que o Del Cauho me
falava na sua carta.

P.S. 2. Parece-me ottimo a tua ideia de assinar o JL - Tira, embora não seja uma publicação "scholar", mantem muito bom nivo Ernesto Lacosta da Cal da vulgarizacao. Acho tambem interessante o teu projecto de desenvolvimento de escrita para "geleia" - para a qual, ja levei mesmo a minha ca-
lha. D. Nuno Almeida Pereira, S. M. Nuno Almeida Pereira - e para a qual contes da d
9765 Estrela com qualquer ajuda na qual podes ser de prestimo
29 de Setembro/86
Portugal

Quando clã Franco Grande:

Esta é uma resposta insufficiente para a longa carta dominguista com que em 21 de Setembro fui minosado. Acontece que tenho andado ocupadissimo com o decabamento da expansao imobiliaria. Por outra parte, como ja falei na nossa conversa telefónica, ando a braco com o plano-atevidissimo para um homem tão provento como eu - ("old dog don't learn tricks") de estabelecer relações intimas com uma computadorista que atende pelo nome de Anstrad (Computer Word Processor, 8256) de loulhas atractivas, mas talvez perigosamente jovem para um cavalleiro da minha idade. Paciencia, seja o que Deus quiser. (A culpa é do nosso Iau, que no Palácio, lembrou-te, olhou para mim de maneira comiserativa, do alto da sua rugidade. quando eu lhe disse, que "ainda trabalhava" numa paleografica maquina de escrever. Tive consciencia pungente da minha "geronticidade".)

Em todo o caso cá estou escrevendo a mão (!!) porque a tal velharia (Smith-Corona electrica, obsoletissima) resolveu fazer mais uma vez fazer "hulga de teclas caídas" (duas deixaram de funcionar e teve

que ser enviada para dar-lhe um jeito no "euclireta" ou "saludador" - como donia Don Ramón del Valle Inclán.

Muito gostei de que os poemas te agradassem. O dedicado a ti já apareceu nos nº desta semana do IL, juntamente com outro dedicado à Carol e ao Ion, ambos acompanhando uma resenha - ainda pingam - da minha Poesia desmistificada. Também me deu a natural satisfação que adresses que o meu perfil do Loria apresenta um Federico vivo, e não empalhado. O artigo, como verás, teve uma certa ressonância - pelo facto do Poeta não ter sido por mim nem sa-credalizado nem banalizado - que têm sido, infelizmente, as duas formas habituais de o vitimizar (pela segunda vez), coitado.

O meu trabalho sobre os Sets Poemas Galegos já está inteiro em 1ª versão ou rascunho (como poder pensar tu em que a tua pergunta seja incorrecta?) O malinho não mexeu nem numa só página, pelo menos por enquanto. Quero ver agora se sou capaz de transferir essa primeira forma para o tal "Processador de Textos" - e aí é que o maldito travou e capaz de me fazer "trashed". A Elsie diz que não, que ele, com os milhares de anni mais do que eu deve estar muito mais apanhado perante as mirabilâneas da moderna tecnologia. É capaz de ser assim. Ver-se-á.

Adiei engraçadíssima, por chamada, em relação ao teu lindo artigo da Folha de. Sobre bailar o tango - poder comunicar isto ao magnífico Ferrin - há poucos dias numa festa tocaram "La Comparsita" e a minha uxor e eu saímos à pista de dança, poucos momen-

Enviado Luciano do Rio

"Albino"

Av. Dr. Nuno Álvares Pereira, 1322

2105 Estrela

Portugal

tos depois estavam sozinho - todos os ou-
tros pares tinham-se retirado. Fizemos uma
exibição e quando terminou a orquestra ti-
vemos um aplauso rotundo no que entra-
ram os músicos, em pé. Houve pedidos de
repetição! Desta vez foi "Barrio Pasa", outro tan-
go, "de corte y quebrado", como dizem em "La
Boca", o bairro platense onde nasceu o tango.
Foi o clou da noite. (Cá entre nós, é muito
confidencialmente, porque pareceria vaidade
de "setentão", tive depois vários pedidos feme-
ninos de "lições particulares!")

Voltando aos "Seis Poemas" dir-te-ei que
há um elemento de incerteza da minha par-
te em relação ao texto definitivo: se o li-
vro for editado na Galiza - como seria
a minha preferência este texto será mais
extenso e pormenorizado: falarei sobre per-
sonalidades galegas e asturianas que eu
conheci e toda a gente sabe quem são - ou
foram. Para Portugal - onde tenho pedido de
varios editores, inclusivamente há concordia
do próprio IL, que também é editor - to-
dos estes pormenores teriam que desapare-
cer - e o texto reduzir-se a metade, quase,
pois todas estas referências por mundo a
coisas e pessoas do mundo literário e

político galego e español da década de 30 pertencem à história ignota e tornariam o livro para o leitor médio e não hispanófilo (e deste há um número negligenciável) um chamado aborrecedor.

Por tudo isto peço-te que me digas quanto antes poderes se a tua Carla usara ou outra editora galega da que menciona-te estaria interessada em publicar o trabalho - tal como eu entendo que ele devia ser publicado, i.e., por interesse. Na edição feita em Portugal, até um bom número das ilustrações - que tu viste - teriam que ser eliminadas.

Bom, falei de carta curta - e não respondeu bem assim. Você agora tem que enfrentar a primeira saída do vinho dumha das duas pombinhas, a votar caso a Santiago e case a vida - como é de lei. Porém Santiago e Vigo são duas vilas praticamente vizinhas, suponho que a Rivalia até irá passar fora de semana no colinho do país.

Fico-me por aqui, com um abraço quadrangularmente tórrido dos vossos

Ernesto

P.S. Gostei mandei-te pelo correio registo F.G.L Poesias Galegas. Versión y epílogo de María Victoria Sáenz. Madrid, Ediciones 'El Observatorio' 1986. Não há lugar para Palamós. Ele é um poeta muito malogrado, que tem o seu interesse, literário e pessoal, eticostolamente, já se ve.

Ernesto Guerra da Costa

"Mitos"

Av. Dr. Nuno Álvares Pereira, 2.ª A

2, do Estoril

Portugal

17 de Novembro de 1986

Querido Tetrágonos:

Acuso o recebimento da carta do dia nove do mês que cursa, tão longa e cheia de saborosa e prestimosa informação.

Quero agradecer-te muito perhorandamente tudo o que já fizeste, e estás ainda a fazer, em relação ao problema do nicho da minha Mãe e o conflito a ele inerente - entre proprietário (!!) e covairo. O meu agradecimento é ainda maior por saber como a tua vida está atolhada de afazeres. Desculpa eu vir dar-te chatice, mas esses são os ossos da amizade. Não sei se eu alguma vez, de alguma maneira, terei oportunidade de poder vir a ser-te de algum valimento - mas se isso chegar acontecer tu sabes bem que contas com todos os meus humildes préstimos, de todo o coração.

Não me surpreende nada a atitude ferrenha das "Luiciós Xérais". Com certeza essa cultura, como todas as outras da Galiza, está sujeita a pressões de toda a ordem, económicas, políticas, etc. por parte dos caciques "xunteiros". Em todo o caso, por enquanto, isso não me preocupa, pois não tenho apertos nenhuns que me obriguem a pôr o livro na rua em qualquer data fixa. O texto já está completo em segunda redacção; suponho que para o fim do ano já terá atingido a sua forma definitiva. Nessa altura, se na Galiza não houver nenhuma possibilidade, publicá-lo-ei em Portugal, em versão reduzida, ou em Madrid, como "tradução espanhola".

Tens toda a razão ao que dizes do livreiro do Lameira Yrago. É todo arrevesado, lento e sinuso - gallego típico. L ainda por cima não acrescenta nada ao tema que lhe serviu de título, pois tudo o que lá está é "roupa velha" - e o que poderia dizer não o diz. Coitadinho! Acho que não te deve surpreender o facto de ele não ter enviado o exemplar da praxe, a pesar de tu lhe teres fornecido dados e informações: é conculca característica dessa fidalga de "personagens". A mim também não me mandou - como, aliás, teria sido natural, visto

Ernesto Guerra da Gal
"Móbico"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 2.º A
2765 Estoril
Portugal

em parecer mencionado
repetidamente, até como "criatura excepcional" (!!!). Finto, além disso, também o dever de urbanidade de reciprocidade a minha cortesia, pois ter na sua posse, adlogrefados a minha ROSALTA e o meu FUTURO IMEMORIAL. Não há nada a fazer, é sempre a mesma coisa com as nossas gentes: uma brilhante lição aleatória de rusticidade e servandijismo. É todo e qualquer caso eles são assim e nós somos como somos e não podemos deixar de ser.

Obrigado pelo duplo recorte e por todas as informações que me das sobre a charcazinha autonómica e as rãs que nela coaxam. Dá nojo, mas essa é a realidade, pelo menos por enquanto; e como tal temos que a aceitar, mesmo "esperpéntica" como ela é. Não é de surpreender que tenha sido um gaiego quem criou e deu nome a esse tipo de visão estética. Tudo quanto na tua carta me contas é dum cómicu grotesco e sombrio. Agora perceberá bem as fundas raízes e razões do meu separatismo pessoal.

Muito me alegrou receber a cópia da minha carta de início de 1959 - quanto água já correu pelo cole da azenha, por Deus, e aqui estamos nós ainda amigos, e ainda eu vivo e em razoável estado de saúde e de humor - depois de passadas quase três décadas. Tens toda a razão quando dizes que temos muito a falar e que nos temos que encontrar dentro do mais breve prazo possível. E com periodicidade e frequência. Porquê, além do mais, ainda temos que fazer de colaboração algumas coisas importantes - antes, de eu me tornar tão velho que não valha mesmo a pena falar comigo, - um vetusto e carunchoso "xexé".

Gostei do artigo do Ferrão - é natural gostar quando dizem bem de nós - (não sei se te disse quanto tinha

Encontro Encerra do Cel

"Molico"

Ab. Dr. Nuno Almeida Pereira, 33.34

1965 Estoril

Portugal

Lembér-me o teu artigo sobre o encontro do Esteri com o Ian. Desse ilustre sacerdote druida recebo notícias frequentes. Recentemente forneci-lhe considerável quantidade de cartas e fotografias - uma delas inédita - sobre a estadia do Lorca no Uruguay; elementos todos que me tinham sido facilitados pelo meu velho amigo Joaquim Montezuma de Carvalho - descendente do Imperador dos astecas - que foi muito íntimo do prosador uruguaio Enrique Amorim, que eu também conheci em Madrid, por intermédio de Neruda. Amorim - de origem portuguesa, como o seu apelido indica, - era muito simpático: rico, casado com mulher rica, e ambos militantes do PC do Uruguay. Ela, D^a. Ester, ainda é viva. É prima de Borges. (Este também com avós lusos, provavelmente cristãos-novos). A D^a. Ester que é avançadíssima - mente octogenária, mas plenamente lúcida, lembra-se muito do Federico. Infim, que tudo isto deu grande gáudio ao nosso Irishman - que logo em agradecimento mandou ao Montezuma exemplar autografado da Vol. I da monumental biografia. Com o que o dito Joaquim ficou radiante.

Acabei há pouco de escrever o rascunho do artigo lorquiano do JL, corrigido e aumentado, para a revista NÓS. Podira-me mas já eu o tinha mandado para A VOSSA TERRA, onde, como verias, foi reproduzido. No EL PAÍS, de Madrid, rejeitaram-no por julgarem "que não acrescentava nada de novo". O Ian, que tinha sacado o retrato "estupendo" - como Claudio Guillén - filho de Jorge - não me disse as verdadeiras causas da rejeição; mas eu sei-as: qualificar Madrid de "fossa séptica" e chamar assassinos aos dignísimos "cossacos" da sinistra "Benemérita Institución", não são coisas que EL PAÍS possa engolir sem engasgar-se.

Concordo contigo no dogmatismo, um tanto quanto heterodoxo, dos marxistas-leninistas de A VOSSA TERRA. Mas também

M. D. Mano António Pereira, 33-A

1765 Leiria

Portugal

parece-me ser, à distância, os únicos puros, pois por estar
afastados da fábrica de favores, sinecuras e toda a porcaria
nepotística do poder "xunteiro", talvez ainda se mantenham limpos.
São em todo caso os únicos nacionalistas que temos. Nesse sentido, confesso, não posso deixar de
me sentir solidário com eles. Não lemos outros. O resto, todo, é lixo, escumalha porfítica e
triste cáfila de salbagns, volúacos, simoníacos e traidores, que
agora, com a parêlha "autonómica", podem, por conta da ouêrem,
consumar o crime de asfixiar o carácter e a energia vital do
nosso Povo, destruído para sempre a sua auto-imagem e a sua consciência orgulho de entidade
histórica diferenciada, e transformando-o numa triste imitação macaca do
Tastimso "modelito madrileño.

Vejo que gostas do JL. De facto é uma publicação bastante bem feita e que
teve - e tem - grande sucesso. Chego a toda a parte. Eu, em relação à
"Rememoração" do Lorca, recebi cartas até do Capão.

Dum verás, esta carta vai cheia de erros dactilográficos. A razão é
simples: Como já te contei, por influência de Ian, tentei funcionar com um
"processador de texto". O resultado foi catastrófico. Aquelo "robot", como na
peça de Karel Capek, tinha vida própria, e o malvado queria dar cabo de mim.
Precauidamente, mandei o moístro a tempo de volta para o Centro Comercial das
Amoreiras onde mo tinha impingido. E para o substituir, encomendei uma
máquina de escrever electrónica - que é a que neste momento estou a usar. Há
só três dias que estou a coabitá-la. A relação amorosa é desfavorável
para mim: é novinha de trinco e eu sou velho. Terei que tirar forças de fraqueza -
e ela terá que demonstrar ser uma peça compreensiva e aceitar as minhas
irritações elárias.

O Xan Carbalho - que foi quem me pediu para reproduzir no A NOSSA TERRA
o artigo sobre o Lorca - já me tinha dito que queria fazer-me uma entrevista.
Eu não o conheço pessoalmente - como não conheço a nenhum dos que fazem esse
semanário. A única pessoa relacionada com essa publicação com quem tenho uma
relação, porque veio visitar-me duas vezes ao Estoril, é a Pilar Garcia Negro
- que também é comunista, mas siçvera e simpática, e pura, parece-me - e
profundamente nacionalista.

Bom, chega, por hoje. Juízo aqui o último número de PR.LO., onde

Ernesto Guerra de Cal
"Mitos"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 22 A
9760 Évora
Portugal

aparece uma breve, mas arguta recen. Eu da minha ROSALIA. No próximo nº de COLÓQUIO-LETRAS está programada outra, seguida de informações, do Albano Nogueira. Realmente não se possa cuixar do êxito, tanto se venda como crítico, em Portugal e no Brasil: aqui foi um dos "best-sellers" da quadra natalícia; e nos dois países apareceram já 10 resenhas. No entanto, na Galiza, fora do teu belo artigo no FASO, siñencia. O Piñeiro, recebeu dois (2) exemplares e nem uma linha de cortesia me mandou. As boas maneiras não se estíam na Terra de Selmires.

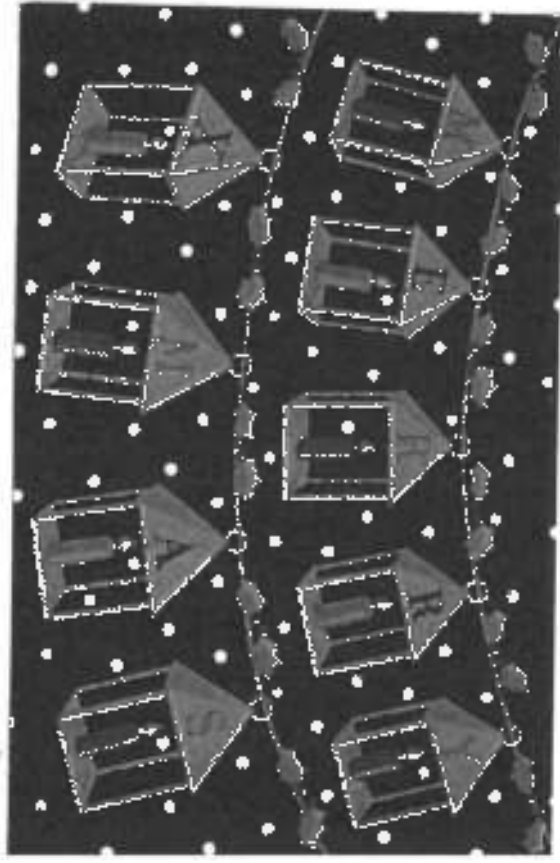
A Elisinha Birequinha manda hircanias de beijos para a recendente e quadripétala flor Franco Grande. O Martinho sucrove ^{também} esse osculatório envio. L eu a quadruplico, também montanhosamente. Vossos,

Ernesto

Quenidos José Luis e a Fronçeta
sua Flor de Lis: 10 de Dezembro
86

Os letrados já tem visto - de olhos estre-
vados como olhos alheios da RDA, no Bra-
zil de hoje. Já tem ditaram quase enque-
cido dos aldriscas uniformes dos países desenvol-
vidos. Foi como voltar a Nova York - em
Bastante novos fascistas e bastante mais
prodigiosos. Derivam e vão de todo ~~os~~ ^{os} ~~os~~ ^{os}
procurar a vida, que finalmente encontram ao
norte do rio, ao pé da Universidade de Lin-
den e da Universidade Britânica. É um "flat" miú-
do simpático no centro do bairro de Slough-
bury. Há alguns da escola de jornalismo ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de}
podem ocupá-lo no início da nova vida - e
consegurem ali a mesma nova vida, que se
nun aparece sorridente e luminosa - e desen-
volvem-se. Assim não, em todo o sentido
da que derivam ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de}
Portugal, que ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de}
"proprietário", tem ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de}
alguns.

Por enquanto, ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de} ~~de~~ ^{de}
e novo endereço é: Flat 647, NELL
Gwynne House, Stone Avenue, Chelster,
Sunder, SW3 3AX, England, U.K. Fog



puder, eu sei o definitivo. Venha, com uma
certa antecedência - em previsões das demora-
dos corações muita guarda natalícia - man-
dar-vos ao Quatro, com os outros res-
pektiv corações na sua direita, os mais
ferrosos e apimentados votos de um Natal
a qualquer custo de amor familiar, saída
por parte da quáchupla e - como se digia
um tempo de minha divida infância no
men encantado vale quiropu, do Sil - Ven-
turales nos. ^{Quatro} ^{Quatro} com paatigo
e mais um ovo ^{Quatro} ^{Quatro}, do peito
Erwentesia

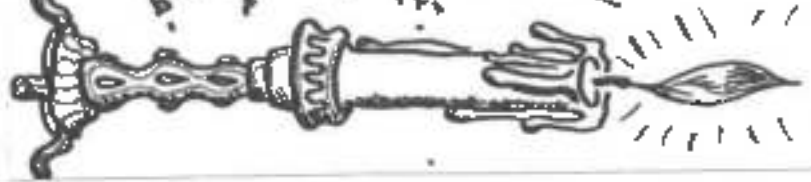


LAUS DEO

Quarteto:

Querido Presente, por todo tempo e lugar, o Deus
 Pai, que nos criou e nos sustenta, o Deus Filho, que
 se fez homem e morreu por nós, e o Deus Espírito Santo,
 que nos consola e nos santifica. Glória a Deus Pai, ao
 Deus Filho, ao Deus Espírito Santo, sempre e sempre.
 Amen.

Dear Santa
 Merry Christmas
 Joyeux Noel



mentes para uma visitinha, como
a autotia céleste e fugidia,
Amen!

Nã noite de S. Silvestre, ao pe-
ter da deima - segunda brinde-
de do relógio, entusiasmou onde an-
timentos, levantaram an tupa,
taça num brinde, pela volta sou-
de. Fazer o próprio, para enfor-
mor junto em espírito.

Votos 'ab'imo pectore'

Ernesto Silva

Se por promissão, visto os benéficos
mão sabem nada de escrita de que-
te hospital

ASSOCIAÇÃO DO AMBULANTE TEMPO

Quil. Nova
Rua Paraíba 184 - A/2
Ata. Nacional de Curitiba

700 - 814

Brasil

Cartão de Identificação: 16/80/161

Associação



24 de Fevereiro de 1987

Querido Xoré Luís (e suas Três fadinhas):
Há seculos que não nos comunicamos
e isso é uma vergonha. Hoje, cheio,
entopado de saudade, volto a resabir
e escrever. Pouca noticias tenho para dar,
mas não faz mal.

Reubi há dias uma carta-convite da
menina (Dra) M^o do Carmo Kautiquez (con-
sorte do empresário industrial Sr. Porada) e
co-autora do divertido episódio das car-
tas-fôrseis. Nessa missiva muito gentil-
mente me convidava, como "pessoa de lita"
que sou a assistir a "II Congresso da Lin-
gua Galego-Portuguesa", programado para
fins de Setembro do ano em curso na
cidade de Braga. Respondi-lhe, com
distante cortesia, que me sentia honradis-
simo com o convite, mas que nessa data
estaria em Nova Iorque - o qual não é
seguro, mas provável, ou possível.

Tive também noticia do Fontela que
me disse que brevemente receberei prova-
-doctamente da Tipografia, em Braga -
da versão ampliada do perfil do Lorca
publicado pelo IL. Aparecerá no nr em
preparação da revista Nos (Nova Série). Tam-

ben me comunica que o Póz Andrade - que fora,
mais uma vez, internado numa clínica já me-
lhiorou muito e parece que, dentro em pouco
podrá voltar para casa. É um milagre: tem
(98) anos! Fui ver ao Diunario do Concerto Frei-
Jomil: nasceu em 1889. Puxa vida! - como
dizem os brasileiros, expressão que neste caso
vem a talho de foice, pois isso é realmente
"puxar pela vida". Estes casos são animadores
- para os septuagenários (ou, melhor dizendo,
setentões).

Também me escreveu o Carvalho (de ANT).
Em Hubs-lhe enviado o tal poema "revolu-
cionário", para o jornal. E tinha ficado sem
cópia. Pedi-lhe e perguntei-lhe quando pen-
sava que se poderia publicar. Mandou-me
o original (fiz uma cópia para si) e infor-
mou-me que o Semanário estava aparecen-
do só quinzenalmente - e sem a secção
de criação literária, que será restabelecida
em Maio ou Abril, e que neste altura
inserirão o poema. Eu não sei se lhe deu
recio a natureza combativa desta composi-
ção. (Este carta tinha que sair hoje, mas
vou adia-la até amanhã, para juntar-lhe
cópia desse Toque de rebate, para tu julga-
res. Se para fim de Março não for use-
rida em ANT, fica livre de oferecer o
poema ao del Caño, para as Folhas secas.
Caso essas Folhas não tremarem com esse ba-
dalado, contra "o Sistema".

Do "mirabolante" Iau há longos tempos que não sei nada. Falei com ela pelo telefone para avisá-lo, em Janeiro, do envio do filme do Lorca pela mala diplomática portuguesa. Telefonou-me depois ele para acusar o recebimento do filme. E aí, "prou, como diuen els catalans". Silêncio sepulcristico. Vou escrever-lhe para aguilhoá-lo para me mandar a minha cópia da itoda película - que foi com a dele - para eu não as danificar (estavam juntas na mesma bobine).

O poemário Deu Tempo, neste Amor e outras bagatelas atingiu a sua forma definitiva. No fim deste mês, "Desolante", irá para as mãos do editor (Horizonte "Coleção de Poesia Horizonte"). Caso não entendamos, por a capa, obra do magnífico Raguez Calder - que tu tão bem conheces - não é nada barata. Nesta colatânea (Deu Tempo, etc) a tribu Franco Grande aparece em três poemas dedicados, coisa que muito me apraz, como facilmente suporás.

O livro sobre os SPG do Lorca está já em segundo borrão. Ainda estou a pensar no dilema da publicação: o texto que esse original tem já, com muito pombo de dados e pectas, que é dirigido a leitores galegos ou espanhóis - ou um

texto muito mais reduzido - condensação daquele dirigido a um público luso-brasileiro, que obviamente não digeriria o texto porventura. Ainda não resolvi, cá contigo, esta alternativa. Ver-se-á. Não tenho presta nenhuma de por o livro na rua. De facto, prefiro prote-las, por enquanto, a sua aparição - para deixar passar a enxurrada das publicações "cinqüentenarias", que, como alguém já disse constituiram, internacionalmente uma "Kermesse" literária-funerária-comercial. O meu livro, é de edição na la barata (a começar - aqui me surpreendem o teu telefonema) a começar, já dizendo, pela capa do aludido artista gráfico teu conhecido, capa que também conheste no Hotel Palácio. As numerosas reproduções de autógrafos, desenhos, fotografias acrescentam evidentemente o onus do editor.

Tudo isto e mais já te disse na nossa telepática conversa telefónica, mas a carta vai à mesma.

(O poema Toque de Rebate foi inteiramente refeito, corrigendo as fronteiras combatives. Dize-me a tua justiça.

Kisses galore for The Three beauties from Gotta of us - e uma aperta, também dupla para ti dos vossos

Ernestina

10001

DE
—

REDACTE
=====

"En la frente del pueblo corriendo
el poema es una constelación de sangre"
OCTAVIO PAZ

Todo menos silêncio
em face do ultrassônio
O Crime é sempre Crime
mesmo se o vitimado
passivamente aceita o assassínio

Ai, noosa Terra-Mãe!
Ai, que tu mezeas!
E como dói
ver que os desgraçados são
do mesmo sangue
Os imbecis e duros
te engravem no madeiro
da Gúlgota sinistra
como a picr ralé do povo eleito
faz com o seu Ungido
irmão de raça e sangue:
o Cristo Salvador

E ignobilmente
a massa indiferente
a grei escura
acompanha o Calvário
diár o e travestido
e sonolentemente testemunha
da Mútria e imolação
lenta e segura

Mas o poeta
se sentir
-como deve -
que faz parte da estrutura do seu povo
não pode ficar mudo
Tem que clamar
berrar com alarido
como faz São João
sozinho
no deserto

Oh, Mãe Galiza
acorda
acorda
acorda!

Não te deixas matar!
NÃO te entremurchas que murchado isante
como fez o Nabi de Nazaré
Ai
peio amor de Deus
desperta do teu sono!
Teremos que chamar
para nos ajudarem a acordar-te
todas as altas e sagradas vozes
da nossa triste História
nossos Evangelistas e Profetas:
Rosalía e Poudal
Curros e Cabanillas
o Daniel
o Alexandre
para gritarem também.
..... desde o Além-Túmulo
contra os fariseos Poderosos
as Milras
os Capelos
os Tricórnios
e todo o Sacerdócio de Santiago
contra os Levitas
contra os Saduceus
contra os vis Fariseus
contra o Poder Romano
de Madrid
que sorri
lava as mãos
e sorratairo espera
que a urja dos galactos mercenários
lhe ofereça em sinal
de respeito o vassalagem
a tua Crucificação
a tua Paixão e Morte
e lhe apresente
abjectamente
envolto num sudário
o corpo inerte, frio e lacerado
desta nobre Nação
sacrificada
Ventam todos os bons e generosos!
Vamos todos berrar
a pulmão pleno
contra o nefando crime
já quase consumado
de destruição do Verbo
ancestral, sacrossanto
da nossa Mater-Alma
Que como um Ecos-Echo
ludibriado
com Coroa de Espinhos
amarrado à Coluna
e agitado
com serviço duroza
pelos sicários do Imperial Pilatos
amarrado
numa infame agonia
tecida de apagada e vil tristeza

Encicla Guerra da Lib

"Matar"

Alm. St. Novo Silveira Pereira, 22 St 26 de Março/57

2705 Street

Portugal

Querido Xoré Luís:

Para te animar a escrever
essa longa epístola prometida
ca vai esse ramalhete poético
rosaliano, com flores dum jar-
dim espacial bi-continental e
(temporal de 40 anos, ai!). O
Fontula quer publicá-lo em
Nós (isso é o que ele me dis-
se pelo telefone). O meu inse-
parável (e inha-útil) amigo,
Ragner Calder, surptendeu-
-me com essa efígie de Ro-
salia, depois de eu lhe ter da-
do os poemas (juntos) para os
ler. Tu dirás a tua opinião.
Acho que, embora um chisquiho

Si Erueste em tua noticia sobre a gravacao com o
Fondule em relacao a edicao da monografia do SP.6.

idealizada não o é tanto como
a de Maside - que não ^{tem} base ne-
nhuma de parentesco com a nos-
sa Rosa.

Também junto copia da
última recensão - a mais de
um ano e meio de publica-
ção - da minha Rosalta.

Devido em pouco irá o
prometido original de DEUS
TEMPO MORTE AMOR E OU-
TRAS BACATELAS, que está
para entrar - "Deo volente!"
no prelo.

Abraços e beijos (e bicos)
Torrenciais para os 4
do vtorro

Eruestelsie

Ernesto Guerra de Cal
"Molero"

Sto. D. Nuno Álvares Pereira, 23 A 10 de Abril 1987
1275 Estrela
Portugal

Querido Xoré Luis:

Recentemente o envio dos poemas
normalizados - com o tema de "Ela"
desenhado pelo Ragner Caldeira?
Hoje, endereçado à Nãvia, pes-
soalmente vai a "Avs pãtica"
no N.º 2 de NÓ - que final-
mente apareceu.

O meu novo poemário já en-
trou na editora "Livro Horizonte"
de Lisboa. Está programado o seu
lançamento para o Outono.

Quando é que ena tardouha
'Edições Kerais', fazem o teu
peça a tua? Estou ávido da tua
poesia.

Conta-me da tua conversa com
o Fontenla, se é que o tiveste
em relação à edição dos SPG?

Juntar aqui um interessante artigo
sobre seres tão bonitos e levados
PG - que me foi enviada pela autora
há pouco dias.

Segue também cópia dum
anúncio - que apareceu duran-
te várias semanas no 'écran'
de RTP na que o cotidiano
do Pessoa é usado para ven-
der café. Com o Lora ainda
não se chegou a isto! Oxa-
lá nunca se chegue...

Quando puder escreve. As
tuas cartas são feitas!

Com exaumes de beijos
para as três meninas vai
um defibrador abraço dos
teus

Ernesto

P. D. Devido em pouco recuperas, como
presente, cópia autografada do original
de DEUS, TEMPO, MORTE AMOR e outras ba-
teias.



TODOS OS PESSOAS BEBEM CAFÉ DELTA

Uma chávena de café Delta:
um dos pequenos grandes momentos
de todos os dias. Pausa trabalho-descanso.
Prazer que recria corpo e espírito.
Encontro com a pessoa autêntica
de cada um de nós.

MANUEL RUI AZINHAIS NARTIRO CAMPO MAIOR



em verdade do café

Los "originales" de los seis poemas gallegos de García Lorca

Por un nuevo de este año Tomás Vidalica, Federico García Lorca, con traducción más allá, debían aparecer...

Siempre y que, en mi poema del verso gallego de los poemas he a unca...

En un rápido repaso a mi mente con lo que García Lorca me multiplicaba de aquellas...

Al principio ya de esta primavera publicamos un libro a Guerra de Cal. Yo solo uno de él resp...

Esta comisión la había reunido el poeta gallego no aminor, aunque muy de...

El dedicatario a un sabermos ahora - dice el momento así: es...

yo de la apreciación de unos aplausos al que: siempre me fraguara, de puño y letra de Federico, al...

Guerra de Cal escribía también, en su libro la razón de esa doble auto...

Reprodujeron los textos -cambia la nota de Que...

El objeto de esta intención con su edición es más...

La Virgen era la plebana y su acción de plebana...

Padre que viste el rostro de la Virgen por la montaña...

atribuida al título de "originales" que restablecieron las traducciones...

Guerra de Cal, mientras que los poemas de amor y...

Otro día aquí una revista, sólo de poemas españoles...

Virgen, deja de cantar en los días de las vírgenes...

Por la arena de Galicia venir alabando al abno...

Federico García Lorca Poeta gallego condecorado por Franco y por el...

Romance de Nuestra Señora de la Barca

María Victoria Aranda

Virgen, deja de cantar en los días de las vírgenes y lleva ahora un anillo...

La Virgen era la plebana y su acción de plebana...

Reprodujeron los textos -cambia la nota de Que...

El objeto de esta intención con su edición es más...

La Virgen era la plebana y su acción de plebana...

Padre que viste el rostro de la Virgen por la montaña...

Federico García Lorca Poeta gallego condecorado por Franco y por el...

Exposto Guerra da Escócia

"Mitos"

Rev. D. Nuno Álvares Pereira, 19-74

2765 Lisboa

23 de Abril de 1987

Portugal

Querido José Luis - e as suas três Dimensões:

Recebi a tua carta do dia 12 do mês em curso, ontem. Tens razão em dizer que o falecimento da tua Mãe, como a mim aconteceu com a morte da minha, não deixa de ser sempre dolorosa, por esperado. Tu tiveste a grande consolação de acompanhar os seus últimos momentos. Eu estava no Brasil, de férias, e só soube do seu desaparecimento quando já tinha sido sepultada. A tua Mãe, dizem, teve uma vida plena, vendo-se rodeada de duas gerações de descendentes. A minha, coitada, com cinco anos de casada enviuvou e teve que tomar conta de dois filhinhos que cabiam num cestinho. E teve que ver o mais velho morrer tragicamente depois de uma incognição mental de muitos anos. E viver lá anos sem ver o outro, exilado. Era uma criatura ímpar, Deus a tenha na sua Glória. Muito lhe devo, - além de que todos os filhos devemos às nossas boas mães. A base da minha formação espiritual foi obra dela, e de sua irmã, a minha inesquecível "Tia Tebeço". Bom, como verás a tua Mãe removeu no fundo do meu velho coração a lembrança saudosa da minha. Se tá um Deus e um Céu - oxalá! - elas estão no seu colo, com certeza. Amém.

Compartilho contigo a alegria do Pedro de Ouro para o Perrão; e mais ainda por seres tu o arauto desse galardão, bem merecido. Ainda me lembro quando ele com um gesto de alta e nobre dignidade patriótica rejeitou o outro. Tive a intuição de dar-lhe os parabéns de alguma maneira, pessoal - e ocorreu-me a ideia de dedicar-lhe o "Toque de Rebato" que, tanto a impressão, que A NOSSA TERRA não vai publicar. Mas mesmo se ele vier aparecer nesse semanário, agora quinzenal, o poema não tinha dedicatória. Junto aqui outra cópia, dedicada e autografada - com o pedido de entregares-lha por mão própria. O meu desejo seria que essa composição fosse lida no acto da entrega do prémio, como a minha forma de admissão e essa homenagem ao escritor e ao patriota - mais isto fica naturalmente ao teu livre critério, o, "ça va sans dire", ao dele. Em todo o caso pedi-lhe-ia o favor de comunicar "at your earliest convenience" a dedicatória ao Xan Carbella, para, caso ANT resolvesse publicar o "subversivo" poema, apareça já como o meu preito poético a uma figura das poucas que neste momento salvam - tu és outra - a dignidade dessa triste "Pátria" mais do que nunca hoje aviltada pela "autonomia" com que Satanás nos mimoseca, - da colaboração com Balcázar, que é o Poder Central.

Muito nos contrariou a notícia dessa viagem frustrada do clã PC do Além-Minho - que incluía um pulinho até ao Estoril, e outra "Melroze" onde as saudades deixadas pelas Quatro Flores ainda hoje podem-se cortar à laca. Oxalá essa digressão não tenha sido do gosto de parte, mas apenas adiada para ocasião mais propícia.

Interessa-me imenso esse clube, ou agrupação nacionalista "Além-Mós" (tens razão, o nome não é feliz). Suponho que é um núcleo de "bons e generosos", como tu e o Perrão. Inscreve-me já hoje, como membro, numerário, super ou infra-mercenário, cor-

respondente, ou como seja, mas inscreve-me! F, como anúncios, tem-me pontualmente informado das actividades do mesmo.

Muito gozei com a alegria da nossa Návia em relação à "Ars poética". É verdade que não apareceu com a flor - que eu tinha esquecido - mas logo o Álvarez Ciccamo me enviar mais exemplares, que espero (ai! ai!) não esqueça, mandar-lhe-se um com outro motivo floral. Agradeço a tua preferência pelo livro resumo do meu amigo alemão Raquel Caldas. Ele ficou muito sensibilizado com a tua justiça, em relação à effigie do Maside. O do SETE (poemas) é de facto pelos Sete Pecados Capitais, pelas suas correspondentes Sete Virtudes (teológicas e cardinais), os Sete Planetas, as Sete Notas da Música Histórica, os Sete Sábios da Grécia, as Sete Maravilhas do Mundo - e, naturalmente os 7 Ensayos sobre Rosalía (Galícia, 1952) nos que se publicou pela primeira vez o desenho do Maside - que, se ainda é vivo, não é já reconhecido ou está para sê-lo, pois, segundo a Gran Enciclopedia Gallega, nasceu em 1897. Estupendo pintor, do melhorinho que já tivemos!

Do nosso cruelda far, suponho esleja pelas terras das Antilhas e do Rio da Prata, no faro e rasto da passagem do barco por aquelas belas terras americanas - que eu também palmito! Quando ele voltar haverá que planejar uma nova reunião estorilense, nesta vez já na "Malrose" já reformada. Vi com a natural satisfação algumas fotografias da entrevista dele que me mandaste do DIÁRIO 16, que tinha na parede da sua casa o cartaz da imagem do Federico que eu lhe dei - tu também reconheste outra - no Palácio Hotel, quando da sua vinda aqui. É ver-se as cores da bandeira republicana (Tenho uma aversão catolégica pelo trapo "rojo y verde").

Muito agradeço a tua carta, conversa escrita dum tarde de Domingo. Parece-me que respondi a todos os pontos desse teu parrafeio. Um destes dias tentarei telefonar-te; e digo contarei porque conseguir do Estoril uma ligação para a Galiza pertence ao nível do impossível metafísico.

Folhudas, quivernaldas de abraços, felicidades de bairros, totos quadruplos, dos vossos Ernestelsia

P.D. Corria muita dificuldade em conseguir-me dois artigos ou entrevistas do Blanco em: intituladas "Pequenas memórias de Galla y Federico" (LA VOZ DE GALICIA, I, C., 1976, 3 e 4 de Enero)? Se não te causar excessivo desconforto gostava de ler uma cópia, pois a tenho visto muito referidos mas poucas vezes citados - e parece que alude aos SPG. Ficar-te-ia muito grato pelo favor - como digo, se o incômodo for mínimo. Caso contrário, esquece o pedido, pois sei bem que não tem tempo livre nem para coçar o cachão.

TOQUE

=====

DE

—

RESATE

=====

Para X.L. Méndez Merrin, escritor
e patriota exemplar.

"En la frente del pueblo dormido
el poema es una constelación de sangue!"

QUINTO DIA

Tudo menos silêncio
em face do etnocídio
O Crime é sempre Crime
mesmo se o vitimado
passivamente aceita o assassinio
Ai, nossa Terra-Mãe!
Ai, qué te matam!
E como dói
ver que os algozes são
do nosso mesmo sangue
Os liberais e duros
te engravam no madeiro
dum Gólgota sinistro
como a pior raia do Fovo Eleito
fez com o seu Ungido
irmão de raça e sangue:
o Cristo Salvador

E ignobilmente
a massa, indiferente
A GRII ESCURA
acompanha o Calvário
diário e travestido
e sonolentemente testemunha
da Mártir e imolação
lenta e segura

Mas o poeta
se sentir
-como deus-
que faz parte da entranha do seu povo
não pode ficar mudo
Tem que clamar
berrar com alarido
como faz São João
sozinho
no deserto

Oh, Mãe Galiza
acorda
acorda
acorda!

Não te deixes matar!
Não te entregues em mansidão incerta
como fez o Rei do Nazare
Ai,
pelo amor de Deus
desperta do teu sono!
Teremos que chamar
para nos ajudarem a acordar-te
todas as altas e sagradas vozes
da nossa triste História:
nossos Evangelistas e Profetas:
Rosalia e Pondal
Curros e Cabasilhas
o Daniel
o Alexandre
para gritarem também
contra o Alcor-Tumulto
contra os lervos Poderes:
as Mitras
os Capelos
os Tricórnios
e todo o Sacerdócio de Santiago!
Contra os Levitas
contra os Saduceus
contra os vis Fariseus
Contra o Poder Romano
de Madrid
que sorri
lava as mãos
o sacerdote espera
que a corja dos galaicos mercenários
lhe ofereça um sinal
de preito e vassalagem
a tua Crucifixão
a tua Paixão e Morte
e lhe apresente
abjectamente
envolto num sudário
o Corpo inerte, lido e lacerado
desta pobre Nação
pobre e sacrificada
Venham todos os bons e generosos!
Vamos todos barrar
o pulcão pleno
contra o nefando crime
já quase consagrado
da destruição do Verbo
ancestral, sacrossanto
da nossa Mater-Alma!
Que como um Ecce-Homo
ludibriado
com Coroa de Espinhos
amarrado à Coluna
e agitado
com servil dureza
pelos sicários do Imperial Pilatos
amortecido
numa infame agonia
tecida de apávida e vil tristeza

Com um abraço
amigo do admirador
Ernesto Guerra da GQ

P.S. Há tempo queis fazer-te uma pergunta e sempre a mesma: que foi do Ra. m. em Luçis? Onde para ela? Em Coimbra-o em Nova Foz de Iguaçu, na década de 60. Depois sumiu e nunca mais ouvi dalle falar. Morreu?

Ernesto Guerra da Silva
"Mabuco"
R. Nuno Álvares Pereira, 33-21
2705 Estoril
Portugal

23 de julho / 87

Querida Tetrarquia:

Devo carta à sobrinha Návia: carta e poema, belo poema de amor. A menina entrou com o pé direito no templo de Apolo, e demonstrou o velho adágio que diz "filho de peixe sabe nadar". Continua por esse caminho, que vai directo a ter à Fonte Hipocrene. Apenas um conselho: disciplina a forma, impõe-te padrões justos de ritmo e rima. (Só quem domina o uso desses marcos e balizas conquista o direito para prescindir deles - na altura própria. Cultiva, para afazer a mão ao ofício o género amatorio, para o que parece vocacionada. Nesse doce terreno do natural peudor erótico a mulher tem sempre muito mais a dizer do que o homem, pois nela o sentimento amoroso, abstracto e concreto, é por natureza intrinseca, muito mais complexamente matizado, dado

que sentimento e sensação não têm na
psique feminina fronteiras tão marca-
das e vivências tão independentes co-
mo na masculina.

Xosé Luis! Há seculo que não
nos "epistolografamos". E estou com
saudades das tuas cartas, mesmo
das não "fundosas"; isto é, as menos
falhadas, em linguagem mais di-
recta.

O druida recebeu longa carta mi-
nha, depois do seu periplo oceâ-
nico-atlântico. Está mergulhado no
vol. 2º, até às orelhas, coitado - e
a conversa foi breve. (Aliás, eu a
encuntei de propósito, sabendo que
a sua situação financeira não é
favora - e o custo da chamada in-
teruacinais onerosíssimo.

O Ferrin continuou no seu mutis-
mo. Vá para o raio que o parta!
Não sei se o Fontenla te contactou
ou não. Há tempos que me deve
resposta. Deve estar de veraneio. (By
the way, tu também com certeza es-
tás em Tebra, nos teus eidor. Mas
com de costume de dias a dias vais
a Vigo recolher o coneio).

Comissão Governativa da Real
Academia

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 27-28
1755 Lisboa
Portugal

Tenho vários encargos bibliográficos a
te fazer, chato que eu sou! (More are
The wages of friendships!). 1) Não me en-
queço dos outros 'blanco-americanos' que
o teu amigo da Corunha te está fazem-
do desejar. 2) Manda-me indicações de
preço da colecção dos trabalhos apre-
sentados ao "Congresso Rosaliano" de
Santiago. 3) Indaga se já apareceu
o último vol. da Gran Enciclopedia Ga-
llega - o último que eu recebi, há já
mais de um ano foi o nº 29, que
se chega até VAZ. Talvez acabe no 30 ou
haja ainda um tomo 31. 5) Também
me interessa adquirir um livro recen-
temente aparecido, de Ramón López
Suevos, intitulado "Portugal no qua-
drante peninsular". Em A Nossa Terra
foi amplamente resenhado, no nº
de 16 de Julho, mas naturalmente
sem indicações de editor, data ou lu-
gar de publicação. Ai, ena, nosso
galeguinho, meu Deus do Céu!

Junto aqui um exemplar dum versão
para a nossa língua, que eu fiz de

de M^{rs} Victoria Ateucia

um belo poema a Rosalia - que muito sinto não ter conhecido atempadamente para o ter incluído no "Cancioneiro Rosaliano". Vai dedicado à linda sobrinha homônima da Rosa do Sar - para ela não ter a errada impressão de haver da parte do Tio. Quanto uma predileção pela maná Nãora. (A M^{rs} Victoria deu-me a engrandável surpresa desta bela edição privada, feita pelo marido dela, o Rafael León, em papel especialmente fabricado a mão pela própria poeta - que é uma mulher interessantíssima, física e psiquicamente - e como esse papel demonstra, muito prendada. A "Imprenta Sur" é um atelier tipográfico "hobby" do dito Rafael, cujo ganha-pão, é gerência ou gestão de hotéis. Junto à essa tradução o original cartilhano do poema, que pertence ao poemário Marta e Maria (Málaga, 1976). Como já te contei o casal León-Ateucia fez-me uma visita inopinada: apareceram num domingo, em viagem especial de Málaga, para conhecerem-me, depois de várias cartas cruzadas. Fiquei encantado com eles, pois ambos - como o outro casal que não preciso nomear - são encantadores.

Quando tiveres um lazerzinho que não preste para melhor, escreve Vosso, do coração Ernestina.

Ernesto Guerra da Cal

"Melrose"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 37-A

1165 Estoril

Portugal

(Guerra-Guerra)

10 de Agosto de 1987

Querido José Luís:

Há séculos que não tenho notícias tuas. As últimas que recebi, aversas, vinham enquadradas num parco postal, no que comunicavas que o simpático Carlos Curão te tinha visitado, com a mulher, que eu não conheço. Nada mais longo do meu espírito do que ser-te enfadado. Sei muito bem que és um homem muito ocupado e que quando os teus afazeres te deixam algum lazer, nem sempre estarás com a disposição do ânimo para a epistolografia. Ora bem, não esqueças nunca - peço-te com o coração na mão direita - que além da amizade fraternal que te devoto, tu és o único amigo com que eu conto nessa bendita Terra com a que, como tu sabes, sou agora ligado por um permanente cordão umbilical que só a morte cortará, suponho. E não és apenas o único amigo; és também, e isto tem igualmente para mim enorme importância, o único contacto familiar - e aqui entram também a tua mulher e as tuas filhas - de que disponho nessa Galiza que em todo o tempo como a custódia leva a hóstia: sonho e mito e Fé, "encantamento da minha infância e da minha "anexia", sem o qual a minha alma murcharia consideravelmente. É por isso que a nossa correspondência é para mim tão importante. Porém, tudo isto nem por sombras deve ser por ti interpretado como uma chantagem afectiva. Escrevo quando puderes, ou para dizermo-lo em galego oxebre, cando chegares, mas não cortes a nossa linha de comunicação, please. Particularmente sabendo eu como sei, que não é nada provável nova visita vossa à "Melrose". Vigo, infelizmente, está muito mais distante do Estoril do que a geografia indica. E eu com certeza só voltarei - definitivamente - à Pátria - depois de morto. Sei que o Martinho há de levar a minha alma - bem controlada num caudo - para o cemitério de Póiois, naquela encantada e luminosa Quiroga infantil, onde descansam os meus avós: por vezes dançam em forma de toques-féguas, como todos os outros defuntinhos. (Falando no Martinho, temos a convicção - foi a Elsie que descobriu - que ele não está só, que ~~trouxe~~ para a "Melrose" os sobrinhos, que são três, como os do Paulo Ronaldo. As brincadeiras destes são muito mais travessas do que as do tio. Há um que se alojou na fechadura do nosso quarto do dormir e que se entretém - em, no meio da noite, levantar a lingueta da fechadura e fazer ranger (apenas) a porta, por pura teima de nos inquietar o sono. (A Elsie já comprovou a trapaça, pois verificou, antes de nos deitarmos, que a lingueta estava passada). Não a nada a fazer! Poder-te-ia contar outras muitas diabruras, mas seria o conto de nunca acabar. Dever a dull moment!

Não há muitos dias lembrei-me de ti por uma notícia que apareceu no HERALD TRIBUNE que tem a dizer com aquela instituição sinistra da que sabes que sou teu amigo: a "Benemérita". Junto aqui cópia dessa notícia. Segundo a qual o Sr. Luís Rodán, o primeiro Director desse corpo de janizares-cossacos não procedente da casta militar, ti-

(à volta)

mas descoberto, finalmente, que o tricórnio desses selvagens uniformados tinha passado a ser visto por muitos espanhóis como um símbolo de repressão, durante a ditadura de Franco. Como se esse cavaleiro não soubesse que esse cubrecabeças era já sinistro desde muito antes do "ferrolano" vir ao mundo. "Los de la cabeza cuadrada", como eram conhecidos pelo povo quando eu era menino e moço em Madrid, foram uma terrorífica força de repressão social desde a fundação do Corpo, em 1833, salvo erro. No terror branco que se seguiu à Semana Trágica, em 1909, em Barcelona, o "Benemerita" embbedou-se no sangue popular. (Por aqui ia eu, nessa digressão sobre uma das minhas assanhadas "bêtes-noires" quando tilintou o telefone - e "voilà", e a eu, e o diálogo continuou de viva voz.

(24 de Setembro). A carta supra estava destinada-a não ser continuada até hoje, 14 dias depois. A razão deste hiatus epistolar é que, nesse mesmo dia, eu, trabalhando no jardim, tinha dado um salto na região lumbar da espinha - pára-me que foi no mesmo dia 10, antes ou depois de falar contigo. Não liguei atenção nenhuma a esse incidente ou acidente horrível. Mas, pouco após tive uma facada dolorosíssima, que me deixou estreado e de cama, em repouso absoluto até há dois dias em que o médico me autorizou a dar uma volta pela casa. Como já não me dou nada, Deus se ja louvado, o meu amigo Luís Vaz Pinto, e meu Hércules, acaba de dar-me pelo telefone autorização para me sentar (se voltar a doer, tenho que, sem perda de tempo, voltar à posição horizontal supina). É a segunda vez que isto me acontece, e devia ter mais siso para a minha idade proecta. Da outra vez, como desta, foi por carregar pesos excessivos para um ancião septuagenário nas daquela a vértebra que saiu do seu lugar (ai de Área dorsal). Bom, "Beciamos ayer...". O Luís salmanticense dava um salto no tempo muito maior que o meu. Por onde é que eu ia. Espera aí - já sei! Ia pela importância capital que eu atribuo à nossa correspondência, de funda amizade epistolográfica. A coisa vem a talho de foice, pois na tua saborosa carta do dia 9, que me chegou dois dias a seguir à tua chamada, tu te penitencias do adiamento estival da tua correspondência. Porém, isso é descabido, pois tu tens, como toda pessoa que trabalha o ano inteiro a tempo completo, direito ao descanso, também completo, durante as férias do verão. Enfim, retomando a minha linha do pensamento e de sentimento (de tu seres o único deo verdadeiramente íntimo que me resta com a Terra Mãe) eis junto aqui uma das infreqüentes informações que nos jornais portugueses aparecem sobre a Galiza - recentemente publicada no Diário de Notícias. Tenho que te perguntar: quem é Gonzalo Laxe? Vai sair do poder autonómico a AP? Se entrarem os socialistas, com essa coaligação da CC e os nacionalistas, fará isso mudar a situação linguística - e não só? Quando tiveres tempo ~~tiveres tempo~~, boamente, responde a estas perguntas, please.

E já que falamos no tema da política da nossa Pátria, vamos ao Garcia Sabell - a quem estensamente te referos na tua carta. Eu estive com ele apenas uma vez, em Valença, naquelas cinzas vindas dos EUA, em que eu, na frase do grande Victorino Nemésio, "andorinhava" -lindo verbo!- "todos os verões para ramar a Galiza, desde a banda lusa do Minho". Foi lá com o Pinheiro, o Otero Pedrayo, o Ilha Costa, o Carvalho Galero e o Rdez. del Riego. Viera também as consortes do pinheiro e do dito G. Sabell. Eu gostei deles: achei-o simpático, cordial e superiormente inteligente. Mas quem me parouca na criatura fora de série foi a Helena, mulher extraordinariamente interessante: bela, elegante, simpática, penetrante - e falando muito melhor galego do que o marido. Evidentemente que a consagração nele com o Albor seria injusta, pois esse passalho serviria apenas para levar as malas do Sabell. Ora nem, isso não quer dizer que este não seja, politicamente, funesto. Com "patriotas" como o Sabell a Galiza não precisa de inimigos de espécie nenhuma. Fazer a desfeita que fez em relação à língua, e continuar de Presidente da Academia Galega, só nessa triste Terra.

A tua notícia sobre a densidade televisiva do Posada - que talvez esteja pensando em candidatar-se para qualquer coisa, além de promover as castanhas - leva-me a pensar na "uzor", que demonstrou recentemente uma valentia que me deixou desconcertado. Como, com muitas cortesias, me tinha pedido autorização para incluir o meu nome na Presidência de Honra do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza (23-27 de Outubro), eu aceitei o, algumas antes do Congresso começar, mandei como adesão o "Toque de rebato", dizendo, naturalmente, que ficava em liberdade de fazer dele o uso que entendesse e que isso incluía o não uso, sem melindre da minha parte. Respondeu-me, com muitos agradecimentos, que a AGL se sentia altamente honrada pelo envio. E a seguir, textualmente, que o poema "será lido bem na sessão de abertura, bem na de encerramento - e publicado na revista Agalia (nº 11 se houver paço ou no 12)". Com a dedicatória ao amigo Fernán, ainda por cima. Viver para ver! Como dizia o legendário Carulha, que por a Bíblia em verso castelhano: "Jesuscristo nació en un pesebre, donde menos se piensa salta la liebre".

Muito gostei de saber dados biográficos do simpático - e péssimo correspondente, Carlos Durão. Sei, porque me disse o Fontenla, que é ele que vai traduzir para a revista NÓS os meus artigos em inglês de 1947 e 1960 sobre um vendedor de café chamado Fernando Pessoa - que viveu em primeiras - e as primeiras traduções para essa língua - da obra do hoje famoso secretário de correspondência comercial do Campo das Abelas lisboeta. Nessa altura pouco se tinha escrito sobre o Fernandinho, coitado. A seguir a mim, foi Roy Campbell. Dez anos mais tarde, o segundo a se ocupar dele na língua do nosso árduo. Do Durão, recebi recentemente uma breve mensagem em "cartolina postal", de Londres. Do Biggo de Dublin, também, depois de varias cartas minhas, recebi outro sucinto postal de desde das pelo "neglect" - que diz ser extensivo a todos os seus amigos. Eu tenho aqui as minhas suspeitas de que ele não gostou de que eu achasse que "O Público" era uma mera aventura literária lorquiana - e que o seu autor andou bem avisado condenando-a ao silêncio da gaveta. Ele respondeu escandalizado, arvorando, não percebi bem porquê, Joyce como herdeira da combata, para defender ~~essa~~ essa obra "ralée" do granadino. Eu respondi-lhe em tom facetado, mas amical, que eu admirava, até fã mesmo, do Joyce, e falava de todos os "Anglo-Irish Dubliners", de Swift até Gibson, passando por Bernard Shaw, Wilde, Becket, Brecht, et al. A partir dessa carta "silenciou-se". E não me falou mais do prego copioso que me ia

conseguir na compra da Enciclopédia despasa, teve esse que eu não lhe pedi, - foi de livre gentileza dele. A última carta que eu lhe escrevi, dizia-lhe que se se tinha incomodado comigo por qualquer brincadeira verbal minha, que a minha intenção não tinha sido melindrá-lo e que desculpasse qualquer graçaço da minha parte com o que involuntariamente o pudesse ter ferido. A resposta foi esse laconismo postal, no que não respondia a nada disto, nem fazia a mais leve alusão ao assunto Enciclopédia - embora promettesse "a real letter", (sublinhado dele). Dizia que partia pra as Astúrias ou as Pireneus, para descansar duas semanas antes de mergulhar no trabalho de traduzir o livro para inglês. Váhei. Sentiria que se tivesse zangado por que gosto muito dele. Investiga.

Sobre o nosso próximo encontro, por nós tão vivamente desejado, terá que ser no Estoril, forçosamente. Nós já somos dois velhotes, que achamos viagens - tanto viajamos nesta vida - incomportáveis. Alas por cima, como já te arguentei pelo telefone, não só não temos carro, mas nem um dos dois temos carta: a Elsie nunca teve - odiou sempre volante - e a mimta que era internacional, há mais de dez anos que caducou. Iria com, pois, que levar o nosso Mercedes de aluguer, e o nosso motorista, coisa essa que, além de muito dispendiosa, é um abate porque ficamos com o homem sempre às costas. Ora bem, vocês são novos, e uma vez que se deslocam de Vigo para o Sul não faz assim tão grande diferença ir até Coimbra - que está mais ou menos no ponto médio da nossa distância - ou dar o esticacinho até ao Estoril? Eu sei que para as sobrinhas não é uma coisa muito aliciante vir visitar estas duas velharias, e que para vocês, particularmente agora que elas começam a experimentar as suas pernas para voar sozinhas, não é um grato que-toso fazer uma viagem, curta que ela seja, sem a companhia delas. Entendemos tudo - mas isso não nos impede de sentir saudades do primeiro encontro e almejar outro, antes de estarmos completamente es-gás. Sofim, "the ball is in your court".

Fiquei-te muito grato pelas informações bibliográficas recebidas. O volumozinho 30 (final) da Gran Enciclopedia Galega já cá canta na sua prateleira. Sobre o livro do Lopez Suevos, insisto que quando ele chegar venha com a factura. (Eu só te pedia os dados, para encomendar ao Conceiro, livreiro galeguês - que já me mandou o tal volume final da enciclopédia). Eu conheci em Madrid um Jesus Suevos, que estudava Direito com o meu irmão, que cantava, com muita boa voz e estilo, canções galegas, acompanhando-se ao piano (cantou o tuco varias vezes na minha casa). Mais tarde entrou na Falanga, na que, se bem me lembro, passou a ser Chefe de Contória, ou coisa assim, no Ferrol, donde era oriundo.

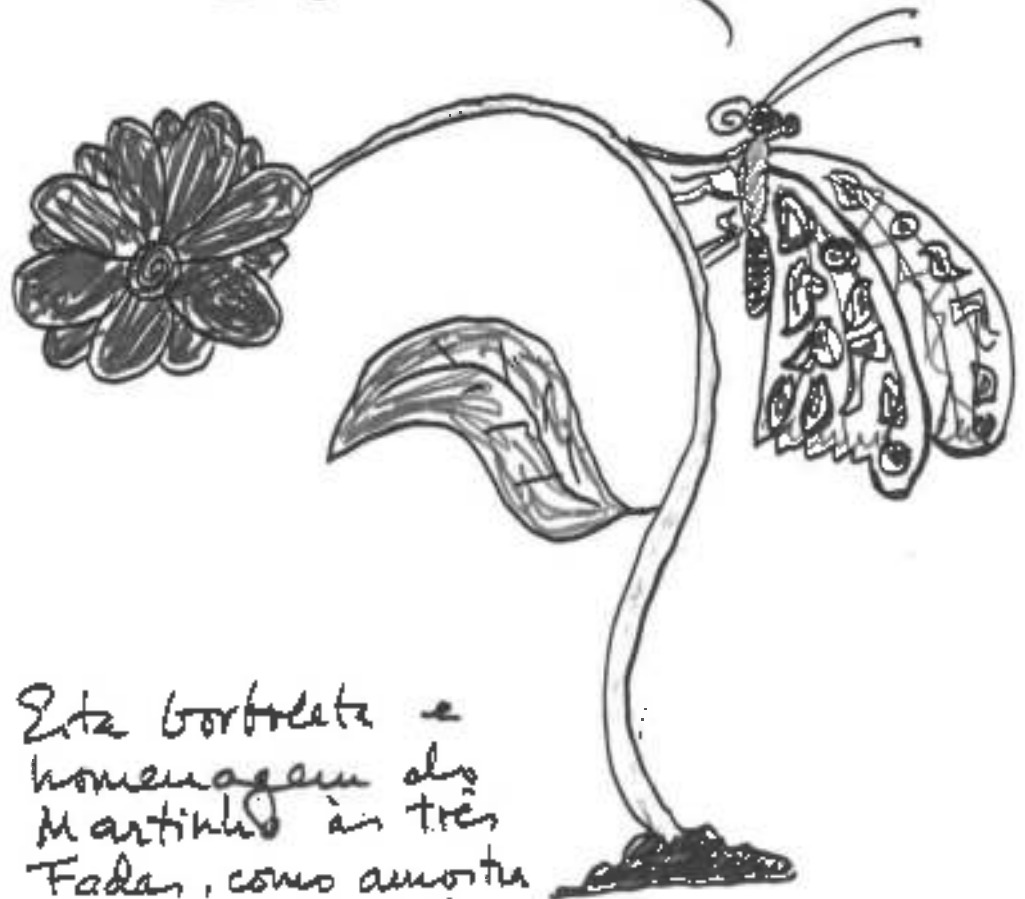
Agora vou novamente incomodar-te com pedido de informação relativamente a um romance (novela) juvenil do Murguia. Intitula-se MI MADRE ANTONIA. PRIMEIRA PARTE DEL LIBRO DE UN LOCO. Vigo, 1856. Intriga-me o título, em relação ao conto, estupendo, de Val e Lucían MI HERMANA ANTONIA - que apareceu primeiro em COFRE DE SÁNDALO, Madrid, 1909, e em 1914 foi incluído na 2ª ed. de JARDIN UMBRÍO. Como tu sabes bem, Murguia era amigo do pai de V. F. e presidiu o primórdio literário do sector das Sonatas, PEMENJINAS, Pontevedra, 1893. Será que esse relato se encontrará na Biblioteca da Fundação Perzol, aí em Vigo - que em tempos era dirigida pelo Paço del Riego - ou na do Muruais, hoje integrada, salvo erro, na da Diputación Provincial de Pontevedra? E caso se encontrar numa dessas poder-se-ia obter cópia? Que outras que outras a sta te ocorrem, caso estas não derem outras? (À volta)

Será que em Vigo haverá algum livreiro a'far-aolista (de livros velhos) cujo endereço te puderes dar, para eu não ter que te incomodar com estas encomendas? Interessas-me, por exemplo, também, o livro de J.P.González Martíir ("Jocónimo"), ENSAYO SOBRE LA POESIA GALLEGA CONTEMPORANEA, A Coruña, 372. Julgas que será difícil encontrá-lo.

E aqui ponho ponto final a este infundável calhamaço. Tera mais coisas a comentar contigo, mas eu bem sei que tu és um homem atalhado de afazeres! dá toda a ordem - para que as minhas epístolas têm forçosamente que ser uma imensa maçaneta. Quando responderes, fá-lo em estilo telegráfico.

Montanhas de beijos para a Fada Mãe e as Fadinhas Filhas, em cacetá e chilreador. Para ti um abraço enmagaador dos teus

Ernestelsie



Esta borboleta é homenagem aos Martinho às três Fadas, como amostra de solidariedade sobrenatural no mundo do "wee people".

Jews Massacred in '46 Honored in Poland

Hundreds of Polish and American Jews gathered in the southern Polish town of Kielce on Sunday to dedicate a monument to 42 Jews who were massacred on July 4, 1946, a year after World War II ended. They were among the Holocaust survivors who had returned home in the hope of finding relatives, only to be killed in what is sometimes called Europe's last pogrom. Ninety-nine percent of Kielce's Jewish population of 27,000 died in the war.

The 1946 killings were said to have been sparked by a rumor that Jews had kidnapped a Christian boy to get blood for matzoh, the unleavened Passover bread.

The massacre was the result of a campaign by William Mandel, a death camp survivor. He returned to his native city six years ago and was shocked to find that the Jewish cemetery, where the remains of the 42 victims lie, was an abandoned plot of land on which children played among the graves.

Mr. Mandel spent six years wrangling with the Polish authorities and raising funds to clear up the cemetery and erect the simple stone monument, carrying the writing in Polish: "Here rest the ashes of the 42 victims of the Kielce events. Honor to their memory." The ceremony marked the 45th anniversary of the beginning of the deportation of Polish Jews to the death camps of Treblinka, Sobibor and Belzec.

Around Europe

The Greek government has withdrawn a law transferring the Greek Orthodox Church's land and property to farm cooperatives and government authorities. Church officials called the decision their "first victory" in a show of strength with the government. The law, which was adopted by Parliament in April, called for the appropriation within six months of 350,000 acres (about 140,000 hectares) of forest and farmland owned by 470 monasteries and convents. The Orthodox bishops, opposing the takeover, had appealed to the State Council and threatened to sever the church's ties to the state if the conflict was not resolved by Oct. 1. The minister of education and religion, Asterios Triafis, said the law was withdrawn to allow the government to modify it.

For the first time ever, Spanish women will be allowed to join the Civil Guard, Spain's paramilitary



PRECOCIOUS PUNK — A model displays dolls adorned with punker tattoos and chains. They are to be shown at a consumers' fair opening Friday in Hamburg.

force. Luis Roldán, the head of the Civil Guard and first civilian ever to command them, said 150 women would be recruited early next year to work in areas of intelligence and administration. Mr. Roldán said his plan to modernize the Civil Guard also included new uniforms for the force, and the purchase of three-rotor radar sets which would be replaced by sets similar to those used by the army. During the Franco dictatorship, the Civil Guard had been a symbol of opposition to those standards.

An election poster showing the Danish Social Democratic party leader, Anker Jørgensen, looking like James Bond, pointing a coat — instead of a gun — as a seductive blonde, may hurt his party's fortunes in Denmark, copied the poster of the latest 007 movie, "The Living Daylights," but forgot to ask permission from the U.S. producer, United Artists, a unit of MGM/UA Entertainment Co. The company's European distributor said the poster should be withdrawn and said that it may sue the Social Democrats for damages.

French border policemen stationed in Perpignan were in for a surprise when they checked a small van entering the country

from Spain. Sixteen Turks climbed out of the back of the Renault-4, a tiny van about the size of an elevator. It took two police vans to take the 14 men and two women, all illegal immigrants, to the city police station.

Power to the Parents in Scottish Schools

Scottish parents may soon be given extensive power to run the schools their children attend. Michael Forsyth, Scotland's education minister, has outlined a plan to establish school boards in which parents would hold a majority and would be involved in all aspects of running the school. They would also be represented on senior staff appointment committees.

The boards would have the right to veto the appointments of principals and to control expenditures and the use of premises out of school hours. Every school with more than 100 pupils would have a board of seven to 12 members, depending on the school's size.

Mr. Forsyth said the proposals were "revolutionary" and responded to "the demand from parents for more say in the running of their schools." Mr. Forsyth said he hopes Parliament will approve the bill by next fall.

—SYTSKE LOOIJEN

Por iniciativa dos socialistas

Governo da Galiza enfrenta censura

O PARLAMENTO autonómico da Galiza começou a debater uma moção de censura apresentada pelos socialistas contra o presidente do Governo, Fernando Alburquerque, do partido conservador Aliança Popular.

O Partido Socialista da Galiza chegou a um acordo com os partidos de centro-direita, o Partido Nacionalista Galego, de esquerda, o Bloque Esquerda Galego, e o Partido Nacionalista Galego, suficientes, se não houver surpresas para eleger o seu candidato, Fernando Gonzalez Laxe, ex-director-geral da Ordepa de Esquiúria.

Os socialistas contam com 22 votos de deputados regionais do PSOE e dez da Coligación Galega, e cinco do Partido Nacionalista Galego, suficientes para a maioria absoluta, num total de 31 mandatos, do qual o deputado Fernandez Alburquerque preside o governo da região autónoma espanhola desde 1982.

A moção dos socialistas pode eventualmente obter o apoio de três deputados do Partido Socialista Galego-Esquerda Galega, e do Bloque Nacionalista Galego, ambos da esquerda socialista, mais radical, que há dias anunciaram que aprovariam a iniciativa do PSOE para substituir o Governo da Galiza.

Os socialistas justificaram a apresentação da moção pelo crise do Governo regional e do partido conservador Aliança Popular na Galiza, onde sofreu várias divisões, das quais a mais importante foi a saída de cinco deputados liderados pelo ex-vice-presidente do Governo autonómico, José Luis Barreiro, que há duas semanas se integrou na Coligación Galega, um grupo formado a partir da ex-CCD.

José Luis Barreiro, o dissidente mais destacado da Aliança Popular, será agora o vice-presidente do Governo autó-

no, e ao futuro executivo da Galiza juntaram-se os socialistas. Os conservadores, adiantados, não tomaram nenhuma iniciativa contra os socialistas e a Coligación Galega, cujo acordo permite que a moção possa ser aprovada, e prevêem de estabilizar a situação política nos lugares onde o PSOE esteja no Governo, a nível municipal e regional, em mudança. A apresentação da moção de censura constituiu um precedente regional e a primeira que se verificou com possibilidades de sucesso.

A situação política da Galiza e a iniciativa socialista respectiva a nível nacional, onde os conservadores acusaram os socialistas de ter sido por detrás um negócio com deputados parlamentares de 31 mandatos, do qual o deputado Fernandez Alburquerque preside o governo da região autónoma espanhola desde 1982.

Este grupo tem-se focado e ligado com os conservadores, pois pretende assumir as suas próprias iniciativas políticas, de modo a liderar o processo de alternativa aos socialistas sem compromissos com a direita que, sobretudo desde a decisão de Fraga Iribarne como presidente da AP, em Dezembro passado, mostra sinais de divisão e instabilidade.

A estratégia seguida pelos socialistas na Galiza causou perturbação entre alguns sectores socialistas, concretamente o presidente da Câmara Municipal de Madrid, Juan Barranco, que corre o risco de vir a ser vítima da situação criada.

26 de Agosto / 87

Querido José Luis:

Recebi a cópia branco-americana e a sobre mensagem epistolar que a acompanhava. Muito obrigado por ambos. Suponho que continua, apesar da canícula, a trabalhar como um preto. Espero carta mais espraçada. Hoje falei com o druida - que também está afundado até às orelhas no 2.º vol. da monumental biografia longuiana; que espera ver na mão em Outubro, disse.

Não por aqui, na mesma Arcádia, graças a Deus. O calor do verão está implacável - mas com sole saber das mortíferas temperaturas da Grécia, e das sufocantes de Madride.

Não te se já te disse que o inefável Ferrin não se dignou, em justa reciprocidade, enviar-me um exemplar da sua novela ou romance publicado há pouco. O mesmo posso dizer do meu velho amigo

P.S. O mesmo Martinho tem agora, como o Pato Donald, na so-
trinhão. E não querem saber o nobre. Temos delicias "kat-
vennings" - velatin e em tratinhos. Já te emferei, minha cara.

Beijoca para a tua mãe querida. Para ti beijo e abraço, sempre.
tiramente a inuente dos vossos Ernestos

Ricardo (Cavalho Calero) cujo Scipio que, segundo boatos, é uma narrativa de alto gabarito, brilhou pela sua ausência no meu conceito. Paciência - "quem sai aos seus mãos degenera", diz o anaxim.

Informa-me da visita do Carlos Durão (a Pia que menciona, é, sem dúvida a mulher dele, que eu não conheço). Esse simpático rapaz, inteligente e viajado, é também taciturno. Conheço fugidamente em Lisboa. Escreveu-me uma longa carta de Londres, respondi com outra, acompanhada de livro dedicado — e aí acabou a nossa relação, sob tão prometedora auspícios começada. Eu fico parvo! Como disse Alberti: "Yo era tonto y lo que he visto en la vida me ha hedido do". Tu, como bem te reconheceu o Ian, és o único galego - e talvez o único espanhol (ou um dos poucos) que responde às cartas. "Three cheers to you!", meu dilecto.

Quando puder, agradecer-te-ia a informação que te pedi sobre o tal livro acerca de Portugal e a Galiza.

Encontro Guerra da Gal
"Molinos"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 22-A
2755 Estoril
Portugal

13 de Outubro de 1987

Querido José Luís -(e todo Triunvirato feminino!):

Parece-me que, indecivelmente, ainda não te agradeçi o fa-
tuoso biblio-presente - livro do Suevos e os três obesos volu-
mes do Congresso Rosaliano de Santiago. Já venho rastejando a
implorar o teu perdão, e é amontoar na porta do prédio nº
36-38 da rua de D. Policarpo e no patamar do 5º andar pilhas
e moedas de "graças" e "obrigados" que chegam até ao teto.
Agora, a sério, a tua generosidade vai-me colir - já me coi-
be-de pedir-te indicações de livros, porque Você logo se levanta
da sua cadeira de trabalho, pega no chapéu - se é que o usa -
e se endireita à livraria mais próxima, ou mais longínqua, o,
bumba!, compra o livro e o correspondente atira um ele para o
Estoril). E eu fico de boca aberta, como um babuque, sem saber
o que hei-de fazer. Jura com a mão direita espalmada sobre a
obra do Patriarca Mergúia que doravante Você vai pedir ao li-
vreiro que faça os envios com a facturazinha já dentro, sim?

Há poucos dias recebi, finalmente uma carta avata do posso-
druidá, na que, pnestimosamente, me informa de que conseguiu pa-
ra mim, na feira LIBER, realizada em Madrid, um abatimento de
33% no preço de compra da Enciclopedia Espana. E me manda o en-
dereço e nome do homem providencial com quem falou etc. Prometo
"a real letter within a week". Fiquei muito aliviado, porque
pelo seu silêncio, como te disse, tinha chegado a pensar se eu,
inocentemente, não o teria ofendido, tratando em tom de brincadei-
ra do problema de identidade dos Anglo-Irlandeses. Pelo tom
da carta parece-me que não houve - não há - resfriamento da ami-
zade do simpatiquíssimo dublinense. Ainda bem, porque tenho por
ele sincera estimaçõo.

Tenho outra notícia para ti. A Mrs. Posada "das Castanhas",
afinal foi "una liebre que no saltó". Soube pelo Fontenla - que
me telefonou - e pelo meu velho amigo brasileiro, o Professor
Neodegário da Azevedo Filho, que assistiu - também como Presi-
dente de Honra - ao Congresso de Orense e, como tem por hábito,
visitou a Melrose antes de retornar para o Rio - soube, resito,
(porque esta frase incisa já vai longa de mais) que essa digna
Professora, não só não tinha lido o "Toque de rebate", cu feito ler,
mas nem sequer o mencionou. Como eu não lhe tinha pedido que o
lesse - a ideia foi sua, em carta que quando - mandei-lhe pedir
em termos peremptórios, recusando-me à sua publicação em AGALIA.
Vamos a ver como se desenrascou, depois da carta que lhe escrevi!

Outra notícia é que o meu novo poemário, onde aparecem três
composições dedicadas a esse querido quarteto, já está em segun-
das provas. Se Deus quiser, virá para a rua em princípios do mês
que vêm. O primeiro exemplar irá, caído, para a Rua de D. Poli-
carpo, na cidade de Azóiteau.

Faço amor para os quatro ^(à volta)
vossos dois
Ernesto Sísie

O Martinho por estado ultimamente muito convivente. Tal-
vez pelo facto dos seus sobrinhos, três, terem, como crianças
que são, ~~uma~~ ^{uma} actividade de diábruzas verdadeiramente febril.
Fazem ranger todas as portas ao fim da noite, fazem os móveis dar esta-
los surpreendentes, costumam tudo, alteram a hora dos relógios, dão feitiço
fantasma às roças penduradas e produzem barulhos inexplicáveis e inquieto-
tantes dentro das paredes. Enfin, são uma peste. Eu agora lá me lembrei
dos nomes deles: são Miudinho, Fura-bolos e Mata-piolhos. Que são os mes-
mos nomes tradicionais dos dedos mínimo, anelar e polegar, segundo me en-
sinou a Ketrudis, zagariga de Portas, na Serra do Carrel, que foi a pri-
meira, 'damaíinha' (assim se chamavam no meu vale naquele cotão) ou c'ien-
coira que tomou conta de mim. E que crendendo-me com os seus os meus ódi-
nhos (os dela também não eram grandes pois toria, calculo, uns quinze anos
escassos) ia dizendo "Este é o miudinho, este é o seu sobrinho, este é o
maior de todos, este é o fura-bolos e este o mata-piolhos. E a seguir me fazia
ufregas na cubotina e na entropaxinta. Onde quer que ela esteja - ou-
lá seja com os anjos de Deus! - eu faço-lhe a homenagem da lembrança, pois
muita coisa me ensinou que os meninos do hoje não apreendem. Entre elas os
caxos dos sobrinhos do Martinho, Martinho esse que me foi roubado por ou-
tra criada impagável da minha infância, a Xocna cozinhadeira, que, se bem me
recordo, era de Folgoso, no sopé da mesma serra.

Eu, ponho aqui ponto final, porque se continuar a envere-
dar pela evocação da minha infância encantada do Vale do Qui-
roga não acabo mais. Mas um homem ocupado com os inadiáveis
afazeres de ganhar o pão de cada dia o não está para que to-
venha ou, homem jubilado, a ~~se~~ tirar o seu precioso tempo em estas
lérias.

(Por distração assinei no pé da
página anterior; repito a assina-
tura no lugar próprio, com abraços
sismicos dos vossos dedicados - e
peganentos - amigos

Ernesto Silva

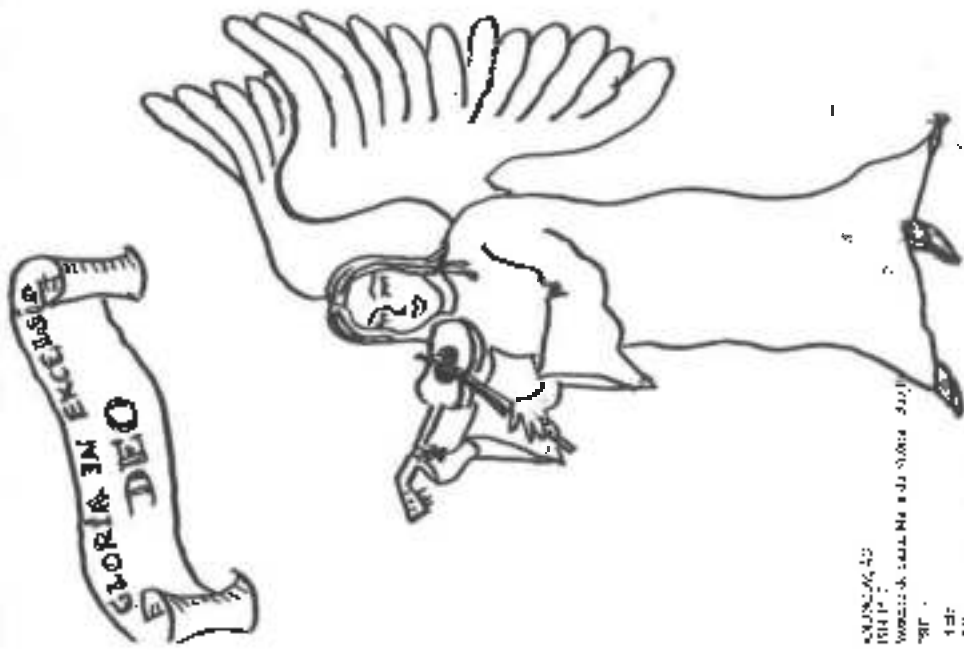
Estoril 5 de Dezembro/87. (Antecipação Ao Natal)

Queridos:

Cá vão, neste cartão que cheguei a Vrgo muito antes de Melchior, Gaspar e Baltazar - por ocasião da greve postal - os meus votos de um Natal cheio de alegria familiar e de um Ano de 1988 que - além de vir carregadinho de venturas, de toda a felicidade para esse querido Teodoro - nos traga a nós, Da Casa, o presente de Vossa Presença neste idílico Estoril, onde fenilham predominantemente as saudades francoprovençãs.

Acabo com a fórmula de felicitação de costume - no que aprendi em criança naquela minha querida Vila do Sil. "Venturasas no Aniversário com carinho e mais um ano"

Votos do Camp de Cerageiros
Ortostesia



MONDAY
 1914
 WASHINGTON, D.C.
 THE
 THE

16 de Dezembro de 1987

Querido José Luis:

Acabo de receber o pacote do livro do González Martín e os recortes que me enviaste. Tem toda a razão no que dizes do separatismo do Bascos e do País e do teu. Esta nossa triste terra vai sempre de mal para pior - e agora, hoje como sempre que a experimentam e a humilham os espanhóis e a degradam os galegos colonizadores, que sempre abundaram. O que nos salva, de "ricochet" é que há os que lutam contra o terrorismo e total de veselina, com o terrorismo explosivo. No que infelizmente têm que ser vítimas criatura humana - por ser impossível matar "guardias (in)civiles" só. A ETA usa métodos criminosos - matando pessoas. Mas o Estado Espanhol - é supercriminoso porque usa todos os meios ao seu alcance para matar povos. O homicídio é condenável - mas o genocídio e o etnocídio é supercondenável. Matar corpos individuais - mesmo de membros da "Mafamérta" -

não é defensável, mas matar alguém de
poros é crime de lesa-História. Há muitas
razões - que tu de sobejo sabes - por eu
não ir à Galiza, mas uma das prin-
cipais é que eu teria que recusar, mas
digo a mão, mas até uma leve inclina-
ção de cabeça, ao "García Sabells & Cia".

A meunha Salido não leu o "Toque
de rebote". E envi-lhe uma carta onde a
punha de pastor. Reprouden toda humil-
de com uma mãocheia de desculpas. Re-
torqui com duas linhas cominatórias pe-
dindo a devolução do original, sem ne-
nhuma mensagem adicional - coisa que
ela fez imediatamente.

Estou a ler a segunda parte de FOL
do nosso druida. Que é ainda mais
minuciosamente documentada do que
a primeira. Só lhe falta dizer-nos quan-
tas vezes Federico ia fazer pipi. E apre-
senta a mesma obsessão doentia com a
dimensão homossexual. Como se Federico
fosse antes de mais nada - mesmo antes
de grande artista - um invertido. Agora
que o livro está acabado em procura,
e não encontro, nele aquela rica criatu-
ra humana que eu tive o privilégio de
conhecer. Escapou-me-lhe por entre os pontos
jornalísticos e preconcebidos da pena. Tudo
isto é cá para nós dois, confidencial, por-
que, tal qual tu, eu gosto imenso do Ian
e por nada deste mundo gostaria de o ferir.

Quando lhe escrever - depois da Festa - vou procurar ressaltar o que de positivo há na biografia - é o repositório de dados objetivos mais completo e documentado que até hoje se fez de um autor espanhol contemporâneo - e portanto virá a ser de consulta obrigada para quem quer que seja que se ocupe de Lorca no futuro. E vou silenciar essas ressalvas que sobre o livro tenho. Como também outra: o nosso amigo - cuja erudição lexicotécnica é esmagadora - não tem nem aptidão nem vocação de crítico literário - e quando ocasionalmente se aventura por esse terreno os resultados estão longe de ser profícuos, ficando-se nos lugares comuns de reportagem jornalística.

Suponho que receberiam o meu car-

tão de Boas Feste, Mande-o ben cedo
não porque eu seja "tecolote de gua-
daña / pájaro madrugador" - como diz
a canção mexicana - mas por ter "sa-
ber de experiência feito" da lentidão
'lesmática' do Correio ultra-Pennsula-
res - e para evitar as longas delongas
das intermináveis bichas (colas) destes
dias Natalícios na estação postal do
Entoril

Fico com remorsos da grande ma-
çadoria que a minha encomenda mur-
guiana te está a causar: uma verdadeira
'murga' - termo espanhol que permite
o tracadilho. Fico-te profundamente agra-
decido pelo teu prestante bibliográfico
- e não só.

Reiteramos os nossos votos de uma
festa quadrangular à medida dos vossos
desejos e mandamos o mais demandado
do abraço, Vosso,

Ernesto

P.S. Dois do artigo de La voz de Galicia, que
me envante vinham - com certeza por lapso
de algum dos seus amanuenses - sem a se-
quência referida para a página do fim. Se ain-
da for possível, sem desagravo, gostaria de ter
a leitura completa dessa "Colaboracion". Jun-
to aqui a reprodução em causa.

3

Coimbra, 2 de Maio de 1930

Ex.ª Sr.ª

Prof. Ernesto Guerra de Sá:

Vento agradecer-lhe Deus, tempo, marcos, a VOI, e
outras hebetudes, que teve a gentileza de me oferecer,
em generosas palavras, o livro de um espírito
alquímico, que funda no mesmo cadinho o trivial e o
transcendente, o orgânico e o poético. Por esse dom
dos deuses, felicite-o vivamente o seu admirador

Leij ty.

Ernesto Guerra da Costa

"Machos"

Mãe. D. Nuno Álvares Pereira, 17. A

3765 Estoril

Portugal

12 de Maio de 1986.

Querido José Luís:

Muito gostei do parrafado telefónico de há poucos dias. Já tinha fortes saudades tuas. Escrevo-te novamente por causa delas. Como tu sabes bem tu és o meu cordão umbilical com essa Terra amada - de qual eu sou um desterrado vitalício - e que desperta em mim sentimentos tão dolorosamente conflituosos. A comunicação contigo é - ou, já se vê, indispensável. Onte chegou-me A NOSSA TERRA (nr do 5 de Maio) na que vem um artigo do senhor Garcia Suárez que implica contigo. Faz referência a outro artigo teu no DIÁRIO DE GALICIA (jornal esse cuja existência eu ignorava e ao qual gostava de ver um exemplar de amostra). Não sei nada do conteúdo desse teu escrito, segundo ele dirigido contra "lusistas e semelhantes", um "virulência" que já háves escrito contra o lusismo, nem me surpreende. - tu nunca fizeste segredo comigo de que não partilhavas esse posicionamento linguístico - não, portanto pôe para nenhuma no confortável sapato de casa amado. Ora bem, o que não acredito é nessa "virulência" no ataque de que esse cavalheiro te acusa. Eu pretendo conhecer-te bem - e penso-me que o teu escrito de vistas largas, tolerante, arejado e naturalmente bondoso não dá cabimento a "virulência" alguma. Do lusismo, do exotismo, e de tantas outras "ismas" que hoje badalam por toda a parte, não eu desejo de contigo falar longamente, nós dois, no meu terreço, - que já começa a estar florido, com os nossos copos ao lado. Agora, quando a primavera acaba de se estabilizar, não há quem te livre de tomares o valente e encaminhares-te rumo as benditas desta faz enfeitada do Tejo que responde pela nome de Estoril.

Quero que me des a tua impressão, e como tua sincera, e criticamente distanciada da amizade, das minhas BAGATELAS. A M^{te}. Victoria Almeida, disse-me que tinha gostado, mas que achava que apesar da ironia, ou talvez por ela, era um livro que mostrava uma profunda dor vital, e que achava que talvez que no FUTURO a consciência do sentimento do morte estivesse presente, havia nesse livro ainda umas infadas de ar de sociedade que ela não enxerga nas BAGATELAS, livro, consoante ela diz, "muito doído". Qual é tuol opinião. Será que eu em dois anos envelheci líricamente de maneira tão palpável? Ainda em relação às BAGATELAS, tive uma grande satisfação. Mandei um exemplar ao Miguel Torga, "the grand old man" da poesia portuguesa. Mandei-lho apenas porque o admirei profundamente, não só como poeta do primeira categoria, que é, mas também como criatura humana, duma independência férrea e duma integridade literária, política e social absoluta. Sempre publicou os seus livros ao próprio, care não depender de colitores; viveu sempre à margem da "vida intelectual" exercendo a sua medicina. Não dedica livros a ninguém, nem acusa a recepção dos que lhe enviam. Por isso fiquei "aliviado" - como dizem os brasileiros - quando recebi a carta dele de qual junto aqui cópia - em puridade, como segredo de amigos, pois menos até eis e eu irmos desta para melhor, ou pior - ninguém sabe. Enfim, com estas e outras, e gente vai vivendo. (Não tentas pressa nenhuma em responder a esta missiva; eu te escrevo, porque "I can't help it", mas tu responderás ao teu sabor, quando puderes e te apetecer - e não liores afazer que poro melhor presto.

(A. V. S. P. F.)

Não me lembro se te agradeci o envio das cartas do Marino Gónaga, referentes ao "novelón" do Patriarca. Parece um tipo simpático e cheio de graça... (O Gónaga, não o Patriarca, que tinha muitas qualidades mas a graça não era uma delas).

Junto aqui a cópia de três págs. da revista FUI, da Fundação multinacional lorquiana de Madrid. Neias constam, marcados com sinal vermelho, vários artigosinhos do Xesus Alonso Montero - criatura por quem sei que tens a mais terca das simpatias - que, por ser de assunto que me atinge, gostaria de ter cópias. Sabendo que tu és colaborador desse decano dos jornais vivos da Espanha - ou estarei mal informado? - passo, com técnica trémula, a pedir-te cópias dos mesmos. E registo esse tremor dactilográfico, porque sempre estou a amolar-te com encomendas deste teor. Ajoja-me aos teus pés com contrito agradecimento prévio, psiss teus próximos e pela tua paciência, tolerantemente amiga.

... E ora aqui me fico, repetindo que não te consideres obrigada pois nessa boa amizade a regularidade nenhuma de correspondência epistolar.

E é com profuso abraço e beijo à tua flor-de-lis (tri-foliada) feminina e outro trenebundo para ti dos vossos que eu te deixo.

Crustelsig

de X. L. Franco Grande

Non debdo ser o único caso de castelan fa-
briante na súa lingua e moicidade reconvertido
ao galego. Esta re-conversión, que xa vai
cumprir vinte anos, deu-se nunha época
na que a única referencia que existía era a
culturasista, o reboto de Galaxia, as miras
en galego e un furo de saturos desmoroná-
zados que encarraban as referencias do
galeguismo histórico. Onde cisco que o
achegamento a calquer deses mundos
tanto pola mala banda como pola doutros
motivos que coñecemos e coñecemos, haia-
moa, moa, moa.

Nam e tampouco ningún segredo tam-
par que o idioma se empicribia a cartón,
un como vehículo indispensable — mesmo
delicados — para a asunción da nación nun
proyecto de transformación social. Quei-
sido, que o noso "galeguismo" era necesi-
sario de todo un proceso, daqueles que
entendían dun revalorización e a realiza-
ción da revolución na Galiza.

Desde a asunción do proxecto, o lingua-
non podía ser mais (e). Era nada mas e
nada menos que o veto da propagación
Caleo ventos a idea dunha Galiza elevada
nacional e socialmente — dicíamose entón
Ainda sereis moito mais útil na futura Galiza
monolingüe que pretendiamos.

Nupera, pola contra, o armazón do ga-
lego dunha utilidade medata para cada
un dos amantes do proxecto. Así, por-
mos por caso, quen isto escribía foi ex-
cuzado do Colexio Universitario de Vigo
por fora a cusada de empatie Estadística
— no ano 74 — en lingua gallega. A miña
prelección de que o galego fose (e) nos
meus anos non foi boa recibida na, por
chamáme-la daltura xeno, burgueses local. A
Galiza un Morros de Vigo, que contribuíra
o Colexio Universitario a meo dunha (e)
hato, pola forma, no podía (e) haber tamén

GALIZA E MUNDO

SOBRE A UTILIDADE DO GALEGO

XENARO GARCIA SIABREZ

Que aludado por Franco Grande galeguizar
o mundo da política hai unhas semanas ou
que a vida política galega se venza a
sistema continental.

Quer o Sr. Franco Grande que o progre-
sionismo a aqueles que se saíren a non
mativa oficial. Parece ser que a historia a
cencia lingüística e toda a súplicas ao
unha condición de melloras normas. Aínda
que o proceso de normalización da lingua
beste aludido — nos digamos o do país —
a non hai que esconter a renquear mais no
locución a normaliva. Así, normao non son
de dretas non de escurtas, (e) se, pero
o que si se melloran (e) e presentas a ex-
clanitas. Hai que recoñecer que tamén
son útiles, pero, non para o país por (e) non
— sarda que se fove por (e) non hai a excep-
mas, des que hai que contar na sua cons-
titución — tamén para se (e) non hai a excep-
a censa normalización, actores de do-
brake — e a (e) non hai a excep-
van configurando a (e) non hai a excep-
xa e (e) non hai a excep-
habe (e) non hai a excep-
termeo (e) non hai a excep-
ta como a (e) non hai a excep-
cosas e (e) non hai a excep-

A QUESTIONE

PERGUNTARSE PORQUE O
RAPAZ E CONSCENTE DE
QUE A LINGUA QUE ESTA
A APRENDER NON LLE VAI
SERVIR

Ante todo tamén Franco Grande, contra
os profesores de Galego así que (e) non
mente (e) non hai a excep-
faca da Galiza.
Impar a (e) non hai a excep-
collega (e) non hai a excep-



"buzos", o galego entámben ben para a pos-
sia, as misas, pero non para as (e) non
suras. Esta debía ser a (e) non hai a excep-
profunda e (e) non hai a excep-
lónicos, e (e) non hai a excep-
no o (e) non hai a excep-
a ver co asunto do (e) non hai a excep-
un por (e) non hai a excep-
al que (e) non hai a excep-
por (e) non hai a excep-
fendo por (e) non hai a excep-
Galiza de (e) non hai a excep-
ra de (e) non hai a excep-
Toda (e) non hai a excep-

mas do de (e) non hai a excep-
termeo (e) non hai a excep-
ensino (e) non hai a excep-
ta. (e) non hai a excep-
de (e) non hai a excep-
trans (e) non hai a excep-
sociedade (e) non hai a excep-
vint (e) non hai a excep-
a (e) non hai a excep-
que (e) non hai a excep-
palliro (e) non hai a excep-
L (e) non hai a excep-
lantes (e) non hai a excep-
for (e) non hai a excep-
palliro (e) non hai a excep-
o (e) non hai a excep-
a (e) non hai a excep-
non (e) non hai a excep-
de (e) non hai a excep-
Qu (e) non hai a excep-
pou (e) non hai a excep-
o (e) non hai a excep-
sabi (e) non hai a excep-
que (e) non hai a excep-
antes (e) non hai a excep-
de (e) non hai a excep-
o (e) non hai a excep-

O (e) non hai a excep-
bel (e) non hai a excep-
— (e) non hai a excep-
contó (e) non hai a excep-
mais (e) non hai a excep-
prati (e) non hai a excep-
ben (e) non hai a excep-
dusos (e) non hai a excep-
libro (e) non hai a excep-
Em (e) non hai a excep-
ar (e) non hai a excep-
asi (e) non hai a excep-
qu (e) non hai a excep-
pou (e) non hai a excep-
nest (e) non hai a excep-
pou (e) non hai a excep-

Ernesto Guerra da Costa
"Machete"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 22-A
2705 Estoril
Portugal

8 de Junho de 1968

Querido José Luís:

Venho mais uma vez agradecer todas as tuas ajudas, tão gentilmente prestadas. Por enquanto desta vez não te peço nada, coisa insólita. Levantei-me cedo - às 6 - porque ontem disseram no Boletim Meteorológico da TV que o céu ia estar limpo, coisa que insolitamente aconteceu. Fui fazer jardinegem, com o sol a brilhar de maneira insolente e tudo a florir. Até ontem o tempo em Portugal miserável, com resultados desastrosos pois se perdeu mais os metade da colheita cerealífera e florestal - e o turismo deu uma descida vertical, não se vê um estrangeiro nem para um romêdio! O qual é também desastroso para a economia do país. Nem 'Espanhitas' do Sol, que sempre apareçam por esta época em hordas barulhentas.

Voltei agora do jardim e senti vontade de falar placidamente contigo, antes de me pôr a trabalhar.

Interrompi momentaneamente os livros para escrever três artigos para O ENSINO, MÓS e QUADERNOS DO PCVG. Um, sobre os galegos em Portugal desde Fernão Pêres de Traba (Conde de Traba) amante de D.^a Tarsija e candidato ao trono de Portugal, João Fernandes Anísio, amante de Leonor Teles, passando por Álvaro

Feres de Castro e o seu irmão Inês "meaquinhe que só depois de morte foi rainha", e a galega aristocrata D.ª Teresa Lourenço, também amante do Rei D. Pedro, o Cru (gostava de galegos, o Pedrinha!) que lhe deu mais um filho bastardo, João, Mestre de Aviz, que viria a ser o fundador da dinastia desse nome - o que deriva nos castelhanos aquele bela surra de Aljubarrota. Na época moderna o sangue galego jorra pelas veias lusas. Basta dizer que os Três grandes das letras portuguesas: Camões, Eça e Pessoa, eram de ascendência galega. O outro tema sobre o que estive a trabalhar é "A Galiza nos escritores portugueses", que também é rico. Neste fim de semana conto enviar o primeiro: "Pela Galiza" do grande prosador e contista filsofo de Almeida. E assim se vai vivendo - "así se pasa la vida - y así se viene la muerte tan callando"...

Vou ficar-me por aí, com Henrique. As hageteias estão tendo um belo êxito crítico - e até de venda. Junto aqui a última resenha aparecida, de grande poeta Natércia Freire. Esporo uma - talvez para mim a mais importante-outro grande poeta - e AMIGU, nascido em Tebra - que estende pelo belo nome composto do Xosé Luís.

Do druida há tempos que não recebo notícias. Mandou-me uma breve mensagem, com o texto de FUENTEBUJUNA, mutilado, por Lorna.

Muitos beijos para o Trívio e
um abraço da fibroad para o
quadriúo da vossos
Ernesto

Ernesto Guerra da Silva
"Médico"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 2754
2765 Estrela
Portugal

10 de Setembro / 88

Querido José Luís:

Há seculos que não sei da tua (vossa) vida. Suponho que terás gozado das merecidas férias - com as tuas três fadinhas.

Não estamos optimos - como de costume. Tivemos um susto com uma indisposição intersticial de Elsie, que numa radiografia deu uma mancha suspeita - que levou ao nosso amigo, e sumidade gastro-entrológica a fazer uma colonoscopia; que deu por resultado dois humildes e benigníssimos divertículos inflamados por uma fracção de soja que num deles se alojou. Essa colonoscopia é uma grande chumbada que mette austeria total, desagradável. Felizmente tudo está normalizado e a B. Reguilha está novamente no seu "usual self" radiante como um pitasilgo.

Eu continuo a trabalhar nas miúdas coisas: espero ter o estudo sobre A Reliquia pronto para o ano 89.

O meu gran Honoris Causa, de Lusa

Atenas já saiu no Diário do Comércio.
A solene impropriação da ussorgia: Uorda
e capelo será, disse-me de lá, no
mês de abril, em que Coimbra e a pi-
maveril.

O Fontela está a organizar um N.º
de homenagem da revista NÓS para
convidar com o Doutramento H.C. Su-
ponho que te pedirão colaboração, pois
eu manifestei esse desejo. Enviava
qualquer coisa sobre a Basatela,
pois quero saber a tua opinião. Aqui
tiveram um agradável eco útil.

O Idu escreveu-me há tempos
uma longa carta. Respondei-lhe há
tempo com as minhas críticas, meoras.
todas, ao vol. II do seu Lorca. Da-
va-lhe também a lista promissora de des-
qualhas-corta que muito agradeceu.
Parece que na Espanha ninguém se
dá a esse trabalho de crítica de lei-
tor agradecido. Em Portugal também
não. Nos E.U.A. é da praxe. Parece que
nenhum membro de 'La Barraca' lhe fez
o mais mínimo comentário. Não gostou.

Quando puder escreve - 4 linhas
que sejam - para saber que todos
4 estão bem.

Vossos; very fondly
Ernesto Siqueira

Ernesto Guerra da Cal

"Mitos"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 21-A

1755 Estrela

Portugal

3 de Outubro de 1938

Querido José Luís:

Muito gostei da nossa conversa telefónica de hoje. Já tinha saudades desses nossos "papos". Fiquei entristecido com a notícia da doença terminal do Carvalho Cabral. !A vai mais um da minha geração! Cada dia me sinto mais sobrevivente. Lamento também o parcelço de saúde do Pinheiro - por quem nutro sentimentos de velha amizade. É muito me alegro que já esteja em francas vias de recuperação. Vamos mudar de tema, porque o das doenças e mortes não é nada aprazível. Vou escrever umas linhas ao Pinheiro, desejando-lhe uma rápida convalescência.

O livro de que falei é o seguinte:

FERNANDEZ ALONSO, Benito

GRENSANDS ILUSTRES. Ourense, 1916

Segundo informa o DICIONÁRIO do Loucuro Freijomil, esta obra foi premiada num certame - e a edição foi custeada pela Deputação Provincial de Ourense. A parte que mais vivamente me interessa é a que se refere ao navegador galego João de Nôvas (ou João da Nova) de alcunha "João Galego", natural de Marade, Ourense. Grande herói e destacado herói da rota de Oriente. Navegou ao serviço de Portugal, foi feroz guerreiro e a ele se deve a descoberta das Ilhas de St. Helena e Ascensão, no Atlântico Sul. Tomou parte no cerco e conquista de Calicut (Calcutá) e no molim de Ormuz contra Albuquerque. Comandando uma frota derrotou o Comorim (Sultão) de Kerala. Segundo uns

morreu em Cochim, no Oriente; consoante outras o Rei de Portugal o teria nomeado, pelos seus serviços, alcaide-mór de Lisboa, onde teria findo em 1540. Parece que entre o que da sua vida e milagros conta o tal D. Escrito e o que contam João de Barros nas DECADAS DA ASIA e Gaspar Peres (o grande historiador, também descendente de galegos) na sua HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS, há divergências - como essa da morte, sérias. Eu sei do conteúdo do livro da aurensão, por conduto de fontes secundárias. Por isso me interessaria sobremaneira - e já começo a acumular obesos agradecimentos à tua porta (não à da casa da Rua de D. Policarpo, já se vê, senão à do vasto edifício da tua prestativa solicitude e generosidade) pelo favor de conseguires-me cópia do livro 'boneditino', - ou pelo menos da parte que tem a dizer com os "altos feitos" desse nosso paisano! que dá prova de que, se bem houve numerosos pilotos portugueses que serviram as Águias Austríacas (Magalhães, Cebrilho, Queiroz, Torres, Seromacho) houve pelo menos um galego que acrescentou lauras ao trofeu luso do Império de Oriente. Oxalá, esta nova chatice com que eu te cumulo possa redundar num melhor conhecimento das nossas glórias, infelizmente tão sumergidas na obscuridão de ignorância e o esquecimento.

Hoje mesmo escrevo ao Fontenla, com referência à tua colaboração no "Festschrift" que a revista NOS em minha honra plancia.

Cascata de abraços e beijos
para Pais e Filha, dos vossos
Ernesto Sic

25 de Janeiro / 90

Queridos Xosé Luís e Florilégio
de belezas femininas:

Encontrei antes de sair de Lis-
boa. Mandei postal Enabri-
no há já longa semana. Te-
mos andado numa lufa-lu-
fa à procura de casa. Final-
mente encontramos a que que-
ríamos, que é a do praprio
endereço acima. Localiza-se
entre o British Museum e a
Universidade de Londres - no
bairro de Bloomsbury - de tan-
tos eon literários: de Dickens
até Virginia Woolf (e o seu Blooms-
bury group) passando por Dan-
te Gabriel Rossetti e a Pre-Raphae-
lite Brotherhood). Os nossos
móveis e livros só chegarão
no dia 2 de Fevereiro, mas

como tanto a Elma como eu
- que no 19 de Dezembro de
1989 cumpli 78 - somos bastan-
te aventureiros, resolvemos ocu-
par o novo "flat" - e cá esta-
mos acampados como cigana
com duas cadeiras, uma mesai-
nha de "bridge" e duas colcho-
netas de "camping" - tudo em-
prestado por parentes e ami-
gos. (Tenho, isso sim, uma te-
levisão Panasonic - que com-
prámos, e que contribui muito
eficazmente "to pass the time
away" - pois a T.V. Inglesa (4
canaís) é estupenda.

Escrevo e da notícias, pois
as cartas dos amigos queridos
contribuem altamente a fazer
de um apartamento vazio um "home
sweet home".

abraço desconhecido e
beijos retumbantes dos vossos
inquecivelmente do peity

nestel's

A SALMON
CAVERACK, DUNDEE
POSTCARD



Posto
Sr. D.
Xosé Luis Franco Grande
Rúa Polkampo Santa, 36-3
5º B.
VIGO
GALIZA

Spain

By air mail
Par avion



© J. SALMON LTD. SEVENOAKS, KENT

28 de setem. 3 de setembro, 1990
Querido Xosé Luis Franco Grande,
Estou a falar para a tua mãe.
5. Soube pelo Galton Durrin que
tinha a filha do Carlos e Isabelti
a ler o livro que o deputado referiu
falar em si e não se lembra que
comprei os livros da série. Fico a
ver se há mais livros a ler e vou
a ler os que me restam. Fico a
falar pauline. Encontra-la, se
você chegar amanhã. Não se
deixe de a. E-mail: pauline@...



Ernesto G. De Cal
32 Gordon Mansions
Huntley Street
Torrington Place
LONDON WC1E 7HG
ENGLAND, U.K.

Tel. 631-4148

9 de Setembro de 1990

Queridos Xosé Luís e trino Aníbalégio feminino:

Suponho-vos na posse de um cartão postal que vos enviei de Chester- e já estou com a carta prometida e com as velhas vermelhas de vergonha por ter eu dito ao Carlos Varán que tu eras quem me devias carta, quando era de facto o contrário. "Mea culpa! Mea culpa! Mea maxima culpa! O meu erro deve ter tido origem nas circunstâncias atabalhoadas em que se desenvolveu a nossa vida nestes últimos tempos. Sabia que te escrevera nos primeiros tempos da nossa residência londrina, quando ainda vivíamos no Nell Gwynn, parece-me. E evidentemente esquecera a tua carta de resposta, pelo que pungidamente me penitencio. Além disso, tenho estado um bocado epistolofóbico, como resultado de que a minha máquina de escrever - japonesa comprada em Portugal - não se deu bem com a viagem, enfiou e teve que ir para a clínica repetidas vezes, mas nunca recuperou a saúde e tive que a jubilar, temporaneamente. Estou a escrever-te no meu novo "Word-processor" IBM, que não digo aquilo de que "só lhe falta falar", porque de facto fala, aos apitos - o grave é que até agora eu nem sempre consigo perceber o que ela quer dizer, com resultados catastróficos. Mas, enfim, já vou aprendendo, apesar daquele ditado americano que diz "old dogs learn no tricks". E eu já verdadeiramente sou um cão velho. (Agora em Dezembro perfarei os meus primeiros 79 anos - fiz os 78 já aqui em Londres, a 19 de Dezembro).

Outra justificação de que toda a minha correspondência tenha sofrido atrasos e parênteses foi o processo de estabelecimento de lar próprio em Londres, que foi uma aventura. Não é brincadeira nas nossas respectivas idades, levantar uma casa, ou melhor, vender uma casa, pôr todos os nossos livros e papéis num armazém -entre eles uma biblioteca de quase 4.000 volumes - e singrarmos para uma cidade que, embora conhecida, não nos era familiar. A razão - a saúde da Elsie - era de peso, porém, somos bastante atrevidos, há que reconhecer. Afinal, galês-português, navegantes e etnógrafos.

Felizmente tudo saiu bem. A "Melrose" vendeu-se bem - até nos pagaram directamente em libras, depositadas na nossa conta de Londres. Depois de muito buscar, encontramos o andar ideal para nós, no lugar melhor, Bloomsbury, soothside de parvoes - e de hospitais: temos 4 à volta, um deles com o melhor departamento de cardiologia de Londres. Estamos a 3 quarteirões do Museu Britânico (com a "British Library", lugar familiar para mim) e praticamente metidos no "campus" da também conhecida Universidade de Londres, coisa para mim muito agradável - que por as meu dispõe outras duas bibliotecas na vizinhança: a da Universidade e a Dr. Williams Library", especializada em História das Religiões, que vem a talho de foice para a investigação Cristológica em que estou empenhado com motivo da minha edição crítica d' A RELIQUIA, do meu tca bem amado. Temos o Metro a quatro passos e Linhas de "buses" nas duas avenidas que flanciam a Huntley Street, que ambas também tem comércio vivo e variado, com muitos restaurantes de todas as nacionalidades de todos os continentes. A nossa rua, porém é muito sossegada. O "flat" é cheio de carácter, num edifício eduardiano que agora dubta de ser totalmente renovado, com um total respeito, como aqui se usa, ainda. Temos tetos muito altos e com decoração da época, impecáveis. O prédio foi construído pelo Duque de Bedford em 1906, para os seus familiares e parece tirado da famosa telenovela "Upstairs-Downstairs" - que não sei se passou na Espanha, em Portugal já foi duas vezes para a pequena "Ecran". A Elisa já foi examinada duas vezes, no "Middlesex Hospital", um dos reis, por um dos grandes especialistas em doenças cardio-vasculares, o Dr. Hayward. Os varios testes: radiografias, electro-cardiogramas, provas de esforço, etc., etc. todas deram resultados positivos; só tem que voltar daqui a 6 meses, para exame periódica de controlo. Ela sente-se lindamente e está com estupendo aspecto. E todos esses atendimentos médico-clínicos foram de graça, de borla, "de guagua" como se dizia no Madrid da minha mocidade. Nem um miseru tostão, por virtude do NHS (National Health Service) que é uma bênção de Deus! Bênção essa, da que a Elisa usufruiu, como cidadã britânica que é de nascença. Que, não sem agradável surpresa da nossa parte, compramos que esses benefícios não param na uxor, mas alargam-se também ao maritus, como já tive ocasião de, prazenteiramente, experimentar, como passo a contar-te. No trabalho - de instalar o apartamento, eu estudei-me e fui bastante além do que as minhas forças e a minha projecta idade permitem. (Já devia ser mais juízo, mas infelizmente o meu subconsciente recusa-se a reconhecer que este corpo gentil está muito perto da antogenariedade. Perdurei quadros, segurei estátuas, fiz reinstalações eléctricas e outras linduras. Resultado: apareceram-me uns dores, bastante incómodas, nas pernas. Foi ao nosso GP (médico de cabeceira, também NHS) que depois de fazer-se de me fazer exames dos pés e cabeça, com as correspondentes radiografias, diagnosticou que o que eu tinha no meu velho arcabúcio era apenas um caso de extenuação física, consequência de ~~suavidade~~ ~~suavidade~~. Disse que o que eu precisava era de fisioterapia. E mandou-me logo para o British Homeopathic Hospital - que é outro dos tais da vizinhança. Onde logo fui entregue aos cuidados duma valkíria blonde e possante, daquelas de fazer engocer água na boca. Delitosa criatura que logo, suave e energética, senhou-se de mim, mandou-me deitar em coiro, e durante uma hora submeteu-me, corpo a corpo, a uma série de mensagens, fricções, pancadinhas e afagos, que se deixavam como

novo, com as pernas aliviadíssimas - mas, apesar do peso das pernas -
 um tanto quanto desinquieto. Esse delicioso tratamento durou uma se-
 mana, ao fim da qual, eu estava curado, mas com noites perturbadas
 pela insónia e sanhas espessas de contactos pesaminhosos com a
 voluptuosa filha de Odín. Tudo isto é para te dizer que esse
 tratamento, com esse divina terapeuta e os seus divinos minuseios
 não me custaram um chavo. Em Portugal mesmo com o meu seguro
 americano, tudo teria sido um dinheirão. Além disso, o dentista
 é metade de graça. O mesmo acontece com os transportes, como antes
 somos "senior citizens" temos passes gratuitos no Metro e nos
 autocarros públicos e 50% de abatimento nos meios de comunicação
 inter-urbanos. Percentagem esta de desconto que também nos é
 concedida nas matinees dos espetáculos públicos [excepto
 cinemas]. Como aqui, o teatro é relativamente acessível, em
 comparação com Nova Iorque; essa redução torna o preço uma
 vantagem. Por isso, desde que aqui acabámos de nos organizar temos
 desportado o bandido do jejum artístico de Portugal: já temos visto
 do melhor Shakespeare, Ben Jonson, Molière, Lope de Vega | uma
 produção magnífica de FUENTE OVEJUNA, Tchekov, Brecht, Beckett
 e uma cheia de "musicals" - o último "SHOW-BOAT", cujo primei-
 ro "revival" se viu em Broadway em 1965, com Paul Robeson no papel
 do Joe, cantando a famosa canção que percorreu o mundo "Old Man
 River". Esta foi uma produção fenomenal que esteve só um mês no
 cartaz, antes de ir percorrer o país e o resto das grandes
 capitais da Europa. Londres é de facto a grande capital artística
 do mundo - na arte dramática esmagada até Nova Iorque: o número
 de salas é mais do dobro das de Broadway, e se contarmos o "fringe
 theatre" - e que nós, nem N.Y. chamamos a "off-Broadway theatre" -
 isto é, os grupos teatrais de experimentação [nós temos dois aqui
 perto, no "campus" da Universidade] - então a proporção se torna
 ainda mais inflativa para a nossa "Urbs materna". Londres dá para
 uma vida: muitas (mais de 36 - contaremos as 16), clubes [por
 termos ambos sócios de Honra do Grémio Literário de Lisboa, temos
 direitos de reciprocidade com 3 dos melhores clubes londrinos,
 onde temos feito muitas novas amizades inglesas. Também nos
 fizemos sócios do BRITISH MUSEUM e da TATE GALLERY, que organizam
 excursões artísticas, na Inglaterra e fora dela, nas que se podem
 entrar os associados - o qual imediatamente elimina o conhecido
 "oi-pollá", as massas municipais e espessas que hoje tudo invadem
 e tornam as viagens tão pouco convidativas. Na semana passada
 fomos num dessas excursões à Chester, que é um velho cidade
 perto de Manchester. Foi um fim de semana muito agradável, pois
 em vez de alojarmo-nos em hotéis, partamos e passamos duas noites
 em dois desses palácios fabulosos que um vê no cinema - e que
 os, por serem também sócios do Museu Britânico, geralmente
 "produtivos", dão hospitalidade aos grupos de membros da
 Sociedade de Amigos do K.B. - ou da Galeria Tate.

proprietários

Como V.V. verão estamos radiantes com esta nossa nova mudança
 de "habitat". Temos que agradecer aos nossos padroeiros de lá
 fincimo, A. Condieta e o Jaimeinho, que fizeram com que esta nossa
 grande aventura desse o melhor dos resultados. O Jaimeinho,
 "ca va sans dire" é o nosso Tiaguinho de Compostela, aquele
 apólice de seguro contra todo o risco, que sempre levó comigo e
 que até agora nunca me faltou. E o nosso "Sina" que dá o

... .. 2. 2. 2.

FUTURO INMEMORIAL]. A Conchita é uma valha devoção que lhe restou a Flóres do seu passado religioso. Agora também é uma protectora minha. Tu não sei se te contei que em fins de Dezembro de 1988 eu recebi um telefonema de João Amaral Cabral, amigo meu e Presidente da opulenta Fundação da Casa de Bragança, que me perguntou se eu aceitaria ser nomeado Comendador da Ordem da NS. Sã. da Conceição de Vila Viçosa, porque o Grão-Mestre, que é o Duque de Bragança, Dom Duarte Pio, - herdeiro do trono (111) de Portugal, queria premiar os meus serviços à cultura galaico-portuguesa, honrando-me com essa alta comenda, única que a Casa Real lhe ficou, já que, pela índole religiosa, não se prestava à secularização, de que todas as outras foram objecto pelo facciosismo anticlerical da maçonica (12) República Portuguesa. Eu disse ao Amaral Cabral que agradecia a Comendação, mas que eu era demonstradamente republicano, e ainda por cima, pelos meus pecados, agnóstico. Ele imediatamente disse que Sua Alteza sabia tudo isso e não se importava. E eu - que em 1983, tinha recebido um obsequio "Prémio Dom Manuel II de Bibliografia Portuguesa", pela volumosa (13) 6. Volumes; BIBLIOGRAFIA QUEIROZIANA, recebi e recebi a honraria, e fiquei, e também, vassallo da Conchita. (Fiquei também Comendador, por segunda vez - era eu já do Infante Dom Henrique) e em evidente perigo de me petrificar, como D. Gonçalo de Ulhoa, por negligência da virginalmente relambida "Dona Inês del alma mia! Luz da donde el sol se toma..." Nunca pensei que a tanto chegasse! Mas como dizem que dizia o Padre Canilla, Cônego da Catedral de Granada - "el que puso la Biblia en verso" : "Jesucristo nació en un pesebre // Donde meins se piensa salta la liebre". Seja como for, o facto é que estamos apilantes com a nossa aventura londrina, na que tudo saiu bem, graças ao patrocínio divino da Conchita e do Jaimeinho. E avist esse que me torna ainda mais apaixonadamente "Católico, Apostólico, Compostelano", do que eu já era.

E agora falando a sério: Quando é que V.V. nos fazem uma visita? Se o grande Henrique de Navarra disse: "Paris bem vale uma missa", cá que não sou Rei (mas sou Comendador), digo: "Londres bem vale uma viagemzinha". Dr. Johnson disse: "He who is tired of London is tired of Life" - e estava na certa. Animem-se. Agora que nós estamos aqui tem uma boa desculpa para dar ao Jaimeinho. A Inglaterra, embora seja uma terra desdentada (mas ainda capaz de dar a família a boa que deu nos tinguistas), tem muito que ver - e para as minhas serias uma festa muito educativa.

Que sabes do druida? tu escrevi-lhe na altura da nossa partida mas até hoje não tive resposta. Há poucos dias passou aqui, ao Canal 4 da TV, DEATH OF A POET, um "tele-play" muito bom, de morte de Lorca, cujo libretto era da autoria do nosso Bispo de Vablia.

Que te parece a zarzuela petrulifera do Sr. Hussein. Parece um "script" de Hollywood, mas é capaz de dar um bom foguetório! O nosso Rei Felipe (VI), vendeu 3 fragatas. Portugal vai mandar uma traqueira.

Fico-me por aqui. Não te queixarás. Tardai, mas agora escrevi mais que "Lê Tostado".

**Tumultuosas abraços quadruplos do vosso,
do peito Ernestulcia**

P.S. Ainda não vi o Carlos Durão: logo a seguir ao seu regresso - morreu-lhe o sogro - que era um psiquiatra famoso, autor de teorias importantes de psicologia infantil. Foi a Escócia ao enteiro e só voltou ontem.

P.S. 2. Escreve logo, não seja vingativo!

Ernesto G. Da Cal
32 Gordon Mansions
Huntley Street
Torrington Place
LONDON WC1E 7HG
ENGLAND, U.K.

7 de Abril de 1991

Querido José Luís [and the beautiful triangle!]:

Então isso é coisa que se faz! Ter um Amigo que é retalhado como porco no dia de São Martinho - e por razões graves (felizmente menos graves do que caberia esperar), amigo esse que escave, fiel sempre a uma longa relação epistolar, manda notícias por um mensageiro de própria mão, e com elas um simples mas sincero ramalhete de poemas - e nada, nem um pio, nem um miseto postal, ora, car-valho, não há direito! O Carlos Durão disse-me que entregou a mensagem e que tu manifestaste desejo de que eu te enviasse uma foto da cama joanino-filipina, obra de mercenaria deste teu humilde amigo. Disse-me também que tu estavas a preparar uma antologia, ou um estudo [isso não ficou claro, de poesia galega existencial | ou metafísica | na qual eu ia ter a honra de figurar - e que querias ilustrar a minha presença nesse trabalho com provas tangíveis, ou, melhor dito, visuais, do meu perfil leonardesco de "uomo universale" da Renascença, praticante do "ostinato rigore", etc, etc. Acrescentou que tu te penitenciavas de ter uma missiva tentativa para este teu "mano", havia meses, na máquina de escrever, mas que essa carta, depois de ter criado bolor, tinha produzido bajudos cogumelos. Eu fiquei à espera vormente desse precioso documento. Mas nem ele chegou, nem tu me mandaste. Um dia, que espero seja o mais futuríssimo possível, terás que dar conta a Deus, ou aos deuses, dessa vergonhosa conduta epistolar. Fiquei particularmente magoadado porque, como além do amigo mais querido | depois do Xacinho Campostelano | que eu tenho no Torrão Natal, és poeta - e bem calibrado - esperava alguma palavrinha de referência a esse "bouquet" de "filosofemas" que eu te tinha enviado, quando ainda tinha recebido de Málaga [da antiga imprensa SUR, que foi de Manolito Allolaguire e Emilio Prados - hoje "Dardo"] apenas 10 exemplares - um dos quais, esse teu. Que até antontem julguei que dos que me cabiam como Autor, só esses 10 chegariam às minhas mãos. Porque aqueles andaluzes "de la antigua raza/ vieja amiga del sol", como empaquetadores, são péssimos. E enviaram o meu pobre ESPELHO, tão fragilmente embrulhado que não resistiu a brutaza visigótica dos Correios espanhóis - e ingleses. O único que chegou às minhas mãos desalentadas - depois de uma espera de quase dois meses - foi um pedaço do papel do invólucro, com o meu endereço certinho. O resto foi engolido pelas goetas ávidas do "Royal Mail" do Reino Unido e/ou do igualmente "Real" Correio da "Real" Espanha. Felizmente esses malagueños salerosos foram gentilíssimos e me mandaram nova remessa dos "50 exemplares de Autor", desta vez embalada com vistas à eternidade, como se fosse múmia faraônica. Comunica-me, portanto, se quiseres que eu te envie algum exemplar para deves com obsequio a algum amigo que se interesse por poesia, para eu te remeter algum mais - pois agora tenho de sobejo. Ilucida-me também, com referência à foto do meu leito imperial.

Se não me responderes com velocidade celeré, o Tiaguinho das Conchas vai-te pedir contas um dia. Beijos chibreados para as três belezas - e para ti, "aquele abraço", do samba carioca, já preterito.

Vosson do coração

Ernesto

Ernesto G. Da Cal
 32 Gordon Mansions
 Huntley Street
 Torrington Place
 LONDON WC1E 7HG
 ENGLAND, U.K.

28 de Abril de 1941

Querido Xosé Luís e Rosa tripitéda:

Como eu sou homem de 'prometer e dar', cá estou com as fotografias dessa casa que me vai a dar os lauros da Posteridade. Mando-te duas da cama (uma em 1/2 plano e outra em perspectiva, com parte do quarto de dormir). Além de outras duas de diferentes planos desse quarto. Não é para a publicares todas - já se vê - mas para eu envidar-me mais um pouco das minhas artes de marceneiro (banista), e decorador. Tudo quanto cá ves: cômodas, mesas de cabeceira, tocheira, apliques da parede, revestimento destas com cortiça portuguesa, decoração das portas (em painéis de vidro e cravos de latão) - tudo, foi feito por esta mão que a terra há-de comer. Fiz também o espelho grande dourado - com molduras do meu feitio. As duas únicas duas coisas que eu não fabricuei, mas transformei foram o espelho oval e as cadeiras - que comprei em madeira crua e pintei (os assentos e as polckas são obra da Elsie). Tudo isto é da nossa casa de Amityville, N.Y., ao pé do mar | na costa sul de Long Island, a 3/4 de hora de N.Y.City que eu comprei ao desbarato e refiz inteiramente, respentei só as paredes exteriores e o telhado. O resto - inclusivamente a instalação elétrica tri-fásica - foi feito por mim, sozinho, sem ajuda de ninguém. Quando cá vieres - não tardes! - mostrar-te-ei as vilhentas fotografias que tenho. Já fiz três casas e um apartamento - o meu grande de N.Y., sobre o rio Hudson. Uma, a minha ex-esposa - que demonstrou ter a capacidade de uma ave de rapina - papou-me, com todo o seu conteúdo e o enchido do apartamento de N.Y. Bom, isso foi "in illo tempore" e não interessa. Tenho também muitas fotos da Helican, que eu também reconstruí. Como tinha refeito inteiramente a de Remsenberg, N.Y. - a que a "Bernarda Alba em N.Y." - que é como a deuinho meu amigo suco o historiador August Hiler - se mandou.

Não esqueças que prometaste me devolver religiosamente todas estas

fotografias, que são a prova de que Robinson Crusoe ao meu lado era
uma pretiça.

Acabei antes a aquisição de **LUA** e **RIO**. Como já te disse não ser
editadas pelo **AGAL**, com notas e tudo - e um prefácio de Carlos Drummond de
Afonso. A Maria do Carmo Henriques Salda, de quem surgiu a iniciativa, não
se comportou com a maior das simpatias - e eu respondo-lhe na mesma
moeda. Já me mandaram o projecto da capa exterior, que ficou muitíssi-
mo boa. Suponho que o lançamento será para Junho ou Julho - no 'Dia
da Pátria', ou em Agosto no 'Dia da Galiza Vãntia' - segundo me infor-
mam. Com exemplares assinados [100] numa edição de luxo, por subscrip-
ção prévia. Tenho também quase pronto para o prelo outro poemário, com
o divertido título de **CARACOL AO PÔR-DO-SOL**. O **caracol** sou eu, já se
vê, e o **pôr-do-sol** é a minha velhice de quase meio século andado pa-
ra a casa dos 80. Nunca imaginei: . proventa ainda eu vier che-
gar. Vivex para veri. Como disse um amigo meu muito íntimo "Ernst
Krieg von Kalk". "The steep price of longevity is old age". E com es-
ta nota optimista, e com grinaldas de abraços, de joelhos dobrado, pa-
ra as **THREE FLOWERS** vai outro, desacomunã, para ti do teu, do coração,
e unazos

Ernst Krieg

UNIVERSITY OF OXFORD — XUNTA DE GALICIA
1st SYMPOSIUM ON GALICIAN STUDIES
1º SIMPOSIUM DE ESTUDIOS GALEGOS



Recent Research on the Language and Culture of Galicia
Seminario de Novas Investigacións na Lingua e Cultura de Galicia

TAYLOR INSTITUTION
ST. GILES
OXFORD

26-27 APRIL 1991
26-27 ABRIL 1991

Sponsored by:

CONSELLERÍA DE EDUCACIÓN DA XUNTA DE GALICIA
SUBFACULTY OF SPANISH OF OXFORD UNIVERSITY

With the assistance: CEN I RKO GALEGO DE LONDRES—COMITÉ DE CULTURA
GALEGA

Patrocinan:

CONSELLERÍA DE EDUCACIÓN DA XUNTA DE GALICIA
SUBFACULTADE DE ESPAÑOL, UNIVERSIDADE DE
OXFORD

Colabora: CEN I RKO GALEGO DE LONDRES—COMITÉ DE CULTURA
GALEGA

REGISTRATION FORM

NAME: _____
ADDRESS: _____

TEL: _____
INSTITUTION: _____
DO YOU SPEAK GALICIAN?: _____
DO YOU SPEAK ENGLISH?: _____
QUALIFICATIONS: _____

FOLLA DE INSCRIPCIÓN

NAME: _____
ENDEPREZO: _____

TEL: _____
INSTITUCIÓN: _____
FALA GALEGO?: _____
FALA INGLÉS?: _____
IDIOMAÇÃO: _____

The lectures last between 30 and 40 minutes, with 15 minutes for questions.
The speakers marked with an asterisk (*) will speak in English, and those without an asterisk in Galician.
There will be simultaneous translation: Galician-English, English-Galician.
Registration is free.
At the same time there will be an exhibition on the history of the Galician Language at the Taylor Institution.
Those wishing to attend should complete and return the admission form to either of the organisers:-

Dr. John Rutherford
The Queen's College, Oxford
D. Xosé Ma Castro Erroteta
46 Kennington Road
Oxford OX1 5PB
Registrations in Galicia, please send to:
DIRECCIÓN XERAL DE POLÍTICA LINGÜÍSTICA - XUNTA DE GALICIA
San Caetano s/n
Santiago de Compostela - A Coruña

As conferencias durarán entre 30 e 40 minutos, con 15 minutos para preguntas.
As intervencións sinaladas con asterisco (*) serán en inglés, as que non o levan serán en galego.
Haberá tradución simultánea Galego-Inglés, Inglés-Galego.
A inscrición é gratuita.
Paralelo á sintonía haberá unha exposición sobre a historia da Lingua Galega no Taylor Institution.
Para se inscribir, deberáse cubrir a seguinte folla e enviála por correo a calquera dos organizadores, ós enderezos seguintes:

Dr. John Rutherford
The Queen's College, Oxford
D. Xosé Ma Castro Erroteta
46 Kennington Road
Oxford OX1 5PB
INSCRIPCIÓNS EN GALICIA, MÁNDENSE A:
DIRECCIÓN XERAL DE POLÍTICA LINGÜÍSTICA - XUNTA DE GALICIA
San Caetano s/n
Santiago de Compostela - A Coruña

PROGRAMME

Friday 26th April

- 10.00** Inaugural lecture by His Excellency the President of the Xunta de Galicia, Dr. Manuel Fraga Iribarne, Emeritus Professor of Political Law, University of Madrid.*
- Introduced by Professor Ian Michael, King Alfonso XIII Professor of Spanish Studies, University of Oxford.*
- 10.30** Don Xosé María Castro Erroteta, licenciado en Filosofía, University of Salamanca, and Co-organizer of the Symposium:
"What is Galicia?"
Introduced by Dr. John Rutherford, Chairman of the Sub Faculty of Spanish, University of Oxford, and Co-organizer of the Symposium.*
- 11.00** Dr. David Mackenzie, Lecturer in Spanish, Department of Hispanic Studies, University of Birmingham:
"The language of Rosalía de Castro
and normative Galician"
Introduced by Don Carlos Durán Rodríguez, Licenciado en Filología Inglesa, University of Madrid, author and translator.*
- 12.00** Dr. Constantino Garda González, lecturer in Romance Philology, University of Santiago, Director of the Instituto da Lingua Galega, and Secretary of the Real Academia Galega:
"Galician linguistic studies in recent years"
Introduced by Dr. Tom Earle, Director of Portuguese Studies, University of Oxford.*
- 13.00** BREAK FOR LUNCH
- 14.00** Dr. Felipe Criado Boado, Lecturer in Archaeology, University of Santiago:
"Galician rural landscape and its archaeological genealogy"*
Introduced by Dr. Derek Fitter, Lecturer, Department of Hispanic Studies, University of Birmingham.

PROGRAMA

Venres 26 de Abril

- 10.00** Apertura polo Excmo. Presidente da Xunta de Galicia, Dr. Manuel Fraga Iribarne, Catedrático de Dereito Político da Universidade de Madrid (Emérito).*
- Presenta: Professor Ian Michael, Catedrático de Estudos Hispánicos da Universidade de Oxford.*
- 10.30** Don Xosé Ma Castro Erroteta, licenciado en Filosofía pola Universidade de Salamanca e organizador do Simposium.
"Que é Galicia?"
Presenta: Dr. John Rutherford, Decano da Subfacultade de Español da Universidade de Oxford e organizador do Simposium.*
- 11.00** Dr. David Mackenzie, Profesor do Departamento de Estudos Hispánicos, Universidade de Birmingham.
"A linguaxe de Rosalía e o galego normativo"
Presenta: Don Carlos Durán Rodríguez, licenciado en Filoloxía Inglesa pola Universidade de Madrid. Escritor e traductor.*
- 12.00** Dr. Constantino García González, Profesor de Filoloxía Románica da Universidade de Santiago, Secretario da Real Academia Galega e Director do Instituto da Lingua Galega.
"Os estudos lingüísticos galegos nos últimos tempos"
Presenta: Dr. Tom Earle, Director de Estudos Portugueses da Universidade de Oxford.*
- 13.00** DESCANSO PARA O ALMORZO.
- 14.00** Dr. Felipe Criado Boado, Profesor de Arqueoloxía da Universidade de Santiago.
"A paisaxe rural galega e a súa xenealoxía arqueolóxica"*
Presenta: Dr. Derek Fitter, Profesor do Departamento de Estudos Hispánicos da Universidade de Birmingham.

- 15.00** Dr. Derek Flitter:
 "A imaxe poética en *Eduardo Pondal*"
 Presentada por Dona María Xosé Freijo Mariño, Licenciada en Filosofía, University of Salamanca.*
- 16.00** Professor Richard Cardwell, Professor of Hispanic Studies, University of Nottingham:
 "Curros Enríquez and European Symbolism"
 Introduced by Don Benigno Fernández Salgado, Licenciado en Filoloxía Galega Portuguesa, University of Santiago and Lector in Spanish at the University of Birmingham.
- 17.00** Dr. Anxo Tarrío Varela, Lecturer in Galician Literature, University of Santiago, and Director of the *Boletín Galego de Literatura*:
 "The formation of the model of the reader in Galician Literature."
 Introduced by Dr. David Mackenzie.*
- 15.00** Dr. Derek Flitter:
 "A imaxe poética en *Eduardo Pondal*"
 Presentada por Dona María Xosé Freijo Mariño, Licenciada en Filosofía pola Universidade de Salamanca.*
- 16.00** Professor Richard Cardwell, Catedrático do Departamento de Estudos Hispánicos da Universidade de Nottingham
 "Curros Enríquez e o simbolismo europeo".*
- Presentada por Don Benigno Fernández Salgado, Licenciado en Filoloxía Galega Portuguesa pola Universidade de Santiago e Lector de Español na Universidade de Birmingham.
- 17.00** Dr. Anxo Tarrío Varela, Profesor de Literatura Galega na Universidade de Santiago e Director do *Boletín Galego de Literatura*.
 "A formación do modelo de lector na literatura galega".*
- Presentada por Dr. David Mackenzie.*

Saturday 27 April

Sabado 27 de Abril

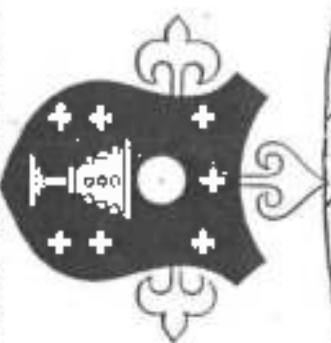
- 10.00** Dr. Antón Costa Rico, Vice Dean of the Faculty of Philosophy and Educational Sciences, University of Santiago:
 "The University, culture and language in the Galicia of the Ancien Régime (16th -18th centuries)".
 Introduced by Professor Peter Russell, Emeritus Professor of Spanish, University of Oxford.*
- 11.00** Dr. John Rutherford:
 "The Galician origins of the pícaro"
 Introduced by Dr. Enrique Wulff Alonso, Consejero de Educación, Spanish Embassy.*
- 12.00** Concluding summary by Don Manuel Regueiro Tenreiro, Director Xeral de Política Lingüística, Xunta de Galicia.
- 12.30** Final words by Don Xoan Piñeiro Permuy, Conselleiro de Educación e Ordenación Universitaria, Xunta de Galicia.
- 10.00** Dr. Antón Costa Rico, Vicedecano da Facultade de Filosofía e Ciencias da Educación, Profesor de Política e Planificación da Educación da Universidade de Santiago.
 "Universidade, cultura e lingua na Galicia do Antigo Réxime (Séculos XVI-XVIII)".*
- Presentada por Professor Peter Russell, Catedrático Emérito de Español da Universidade de Oxford.*
- 11.00** Dr. John Rutherford.
 "As raíces galegas do pícaro"
 Presentada por Dr. Enrique Wulff Alonso, Consejero de Educación da Embaixada de España no Reino Unido.*
- 12.00** Conclusións do Simposium a cargo do Ilmo. Director Xeral de Política Lingüística da Xunta de Galicia, D. Manuel Regueiro Tenreiro.
- 12.30** Peches do Simposium polo Excmo. Conselleiro de Educación da Xunta de Galicia, D. Xoan Piñeiro Permuy.

O ZUORBITO

ADUSICA
DE
GAYTAS



RACIPDES ANO COUSIC GROOT
CALICIA ASTURIAS, NE THERLANS,
SCOTLAND, IRELAND, SICILIA, RIA,
NORTH DORSET, FRANCE, COALCEDONI,
ALSO BOUZOUKI, CITTERN, LAUD,
RANOURRIA, GUITAR, EDANOCIA,
BOODIAROK, WHISTLE, RECORDER,
DANBEIRO, PANOCRETA, CUNCHAS,
BOORAN CAIXA, RECORDINGANT



O ZUMBITO
V

SIDON OWEN
ABINGDON 53726
RICHARD BRADDAH
OXFORD 756432

*The name of the same person is
also known as the name of the
British name & the name
of the name.*

**¡os tiempos
son cheggados!**



O ZUORBIOC

Ernesto G. Da Cal
32 Gordon Mansions
Huntley Street
Torrington Place
LONDON WC1E 7HG
ENGLAND, U.K.

16 de Julho de 1997

Querido [e malvado] José Luís:

Há séculos que não sei nada de ti - desde a última conversa telefónica, perdida já na noite dos tempos.

Hoje mando-te esta nota, em primeiro lugar para ver se assim te animo a teclear, mesmo uma breve mensagem que seja; e em segundo para pedir-te o favor de mandares-me o endereço do nosso amigo del Caño, para "agarrá-lo" com um exemplar de Espejo Cego, pois nesta última mudança desapareceram-me os exemplares todos que eu tinha das Folhas Secas.

Não, graças ao Nosso Sant'Aguiinho compostelano - que sempre me protegeu - estamos pámputes: aproveitando Londres em tudo quanto esta maravilhosa cidade tem para oferecer - que é muitíssimo. Já fomos às famosas Royal Ascot Races: eu de 'chistêra' (em português é cartola) e fraque cinzento e a bésie de grande chapéu, como é da praxe. Fomos ao Royal Enclosure - como convidados da Embaixada de Portugal. Também assistimos ao Royal Henley Regatta, entre as equipas das Universidades de Oxford e Cambridge, desta vez convidadas pelo Embaixador do Brasil, com o qual eu tenho muitos amigos comuns. Hoje vamos à função de estreia do 'Ballet Nacional de España', que vem pela primeira vez a Londres, apresentada pela 'English National Opera' e o MEC espanhol - Também a Converte da Embaixada do Brasil - porque eu, como bom 'separatista pessoal' que sou, não mantenho relações diplomáticas com o meu ex-Estado. Enfim, que estamos passando lindamente esta "reta final" da estrada da nossa vida. Parece

P.S. Junto aqui o programa do Simpósio de Estudos Galegos celebrando em Oporto, Nela e Tanga, entusiasmava-se tanto com a sua tese da "auto-identificação" - que teve que pedir desculpas as Embaixadas de Espanha - segundo me contou o irmão, que lá esteve. Eu não fui, pois não tem que apertar a mão a um ex-Ministro de P. Prae, que os demas conjuraram. Como foi defenestrado na reunião nacional da AP, agora descebeia a sua galeguidade, háis vale tanto de que marca. E quem não era é a terra da Teófilo, não sabia?

que, como diz a salada da puerícia "há males que vem por bem". A doença cardíaca da Elsie trouxe como dividendo a nossa transferência para a Inglaterra. E falando nessa doença, o especialista que a atende, que é considerado o curato da sua especialidade, no mês passado disse-lhe que já não tinha que ter o exame de controle bi-anual - pois a função da coronária perdida tinha sido perfeitamente assumida pelas outras duas, e que, portanto, o seu coração estava a trabalhar normalmente, como se nunca lhe tivesse acontecido nada. Eu também estou completamente normalizado. Tive uma grande sorte, mas o susto foi descomunal.

E falando de tudo um pouco: que se passou com as fotografias do meu "real Leão" que te mandei. Quando aparece o teu ensaio, ou livro de ensaios? Abrigo a esperança que o vea exemplar - e as fotos - sejam trazidos a Londres "por mão própria" - que quizes dizer pela mão do Autor. Sim? Prometeste vir - e como diz o amém português, "ao rico não pedas, e ao pobre não prometas". E não digo mais.

Soube, com grande alegria, que o teu nome vai aparecer na Lista de nomes que oferecem a "Nova edição" de LGA e RIO. Que já está em alguma prova e suposto - "I keep my fingers crossed" - não a saber para o outono. Já tenho provas da zona, que ficou muito bonita - e que desta vez não é de Ragueir Caldas. A que é desse grande amigo teu - e meu - e a do novo, e talvez último poemário deste teu servidor, **Caracol ao pôr-do-sol**, que já está nas mãos do editor, em Lisboa.

'Sacro' - como dizia o nosso Pishviro, que Deus haja - fico-me por aqui. Esta carta já vai longa demais para um tão pêssevo correspondente como tu és - concordes?

Distribui abraços familiares entre as três "queirogas" - que são as florinhas silvestres da Galiza que eu levo mais perto do coração. Para ti, aquela, demolida, de sempre do teu

Ernesto

Correspondência da Galiza
"Mokas"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 23 A
1700 Estoril
Portugal

27 de Agosto de 1991

Mãe querido Xosé Luís:

Venho incomodar-te para te pedir mais um favor postal. Na mudança do Estoril para Londres, desmalhanas-se-me - como acontece sempre nesses casos - alguns papéis. Entre eles umas cartas da Luz Pozo Garza, "a meninada dos três Is", trocadas entre nós com motivo da colaboração dela ao Cancioneiro rosaliano, no meu volume sobre a Nossa Mãe. Fiquei sem endereço dela. Queria mandar-lhe um exemplar do ESPELHO CEGO, porque sou um grande admirador da sua poesia - e porque tenho a impressão, depois de ler o perfil do casal Koneinas-Pozo Garza do teu livro, que teria gostado muito de conhecê-la pessoalmente, assim tem como ao Eduardo Horta, que, salvo erro, é também quiqueguês.

Suponho que o Carlos Durão já terá ido a Le visitar, para me trazer de volta as fotografias da casa que tu fizeste passar à posteridade. Passam por cá a me visitarem como se eu fosse um monumento galego de Londres, apresentados pela Carlos, diferentes figuras e figurinhas da Galiza, que eu não conheço. Quando será que, como El-Rei Dom Sebastião, é o Esperado - que tu e eu conhecemos e que vive na Rua de Dom Policarpo? Ôhã que eu sou capaz de, um destes dias dar o pio final, porque já tenho idade para o fazer sem desmerecimento!

Teu, abusivamente, amigo

do peito

Ernesto

Ernesto Lacorta de Cel

Milbon

Av. 24. Novo Mundo, 22. SL

2105 Cotacot

Portugal

7 de Agosto, 1991

Querido X.L.:

Apresento duas linhas para
te acusar o recebimento - há
dois dias - do belo livro
A Ilusão da Esperança. Fiquei
muito envergonhado com o
meu 'perfil' - ou, por melhor
dizer - com o 'perfil' de 'Buen
Telsia', que parcialmente co-
nhecia, e sobretudo com a
fotografia da minha cama
que agora, por obra e graça
tua, passa a pertencer à
posteridade.

Apresento este envelope para
te enviar um exemplar

do Espeelho Cego, que mandei
à Xohana Torres e que me
foi devolvido pelo correio por
ser o destinatário desconhecido
nessa endereço - onde ela mo-
stra no altura da publicação
de minha Rosalie. Se consegui-
rem nantegar-lhe o paradeiro pre-
sente, manda-lhe o meu fra-
cassado envio. Caso contrário,
dispie do exemplar ao seu
bel-prazer.

Mais uma vez quero ex-
primir a esperança de te
ver em Londres, para prosear-
mos longamente ao longo do
Tamisa. Escrive quando pu-
deres.

Com redemoinhos de beijos
e abraços para a 'tripunfi'
familiar vão dois outros para
ti do vosso

Ernesto

Quero S. Da Cal
32 Gordon Mansions
Bunhill Street
Canning Place
London WC1E 7HG
Tel. 071-831-4155
England, U.K.

12 de Dezembro de 1991

Querido José Luís - a bela triade de grãgil sexo:

Estou em dívida epistolar contigo - desde antes da nossa agradável conversa telefónica. E cá venho a saldá-la e põr no dia a nossa correspondência.

Muito gostei de todas as ricas notícias que me dás, particularmente as que têm a dizer com as das meninas - que felizmente são todas boas, como não podia deixar de ser. Da Návia já me disser-te pelo telefone que se vai afazendo ao ambiente santiaguês, que heplvente não é o mais ajeitado para cortar o cordão umbilical do lar paterno. É uma fase da vida que há-que enfrentar e; logicamente, ela está a desempenhar-se muito bnx. Não fora filha de quem é!

Fico-te muito grato pelas encomendas do ESPILHO. És um anjo, Deus te pague! Sentí a morte do Eduardo Mexinas. Todas as referências que dele tenho são coincidentes no elogio. Eu não o conheci pessoalmente, apesar de ser, como tu, natural do Vale de Quiroga. Nasceu 'novo' era três anos mais novo do que eu - era, portanto, jovem; jovem para morrer, já se vê. Agora para mim, todos os que têm menos de 60 são novos. Eu acabo de os perfazer com toda a felicidade. A Elsie organizou uma bela festarola: 17 comensais - uma ó casais, um pai e uma filha, e três solteiros [duas mulheres e um homem]. Tudo gente nova - mesmo nova: entre 21 anos (a dita filha) e 40-45 (o casal mais velho). O único que se aproximava, de longe, à idade da Elsie é que já

(ex 57) era o pai da dita filha, que é um 'rapaz' de 57. Havia nacionalidades para dar e vender: ingleses, americanos, franceses, portugueses, argentinos, peruanos, portugueses - até duas espanhólicas: uma de Madrid, (sobrinha do famoso D. Mariano Benlliure [q. v. A.]) e uma malagueña (filha da Melitona Atencia) que está a estudar inglês em Londres - onde se falam 1001 dialectos, todos péssimos). Comeu-se, bebeu-se, cantou-se e dançou-se até às altas horas da noite. Infim, uma grande farra.

Adorei o teu relato da chegada espectacular do "Delegado del Gobierno Central", com a sua escolta de segurança, com apitos e luzes. Quanto à mudança de estilo no Gobierno autonómico do Fraga, não és tu o único a contar-me que as mudanças são evidentes, até no aspecto linguístico, pois como o gajo não tem um cabelo de parvo, render-se a evidência das vantagens práticas - e não só! - que da aproximação linguística com a "língua" luso-brasileira [i. e. africana], para a galiza se derivariam. Junto aqui cópia de um folheto que foi distribuído por todo Portugal, com motivo da visita oficial do "Excmo. Sr. Presidente da Galiza", para inaugurar uma "Semana da Galiza em Lisboa", belamente antelhada pelo organismo autonómico. O folheto, como verás, está redigido num português impecável (ela sabe nadar-se de gente espn.). E embora nele não haja alusão nenhuma à língua, entre os "Símbolos da identidade da Galiza", aparece a Bandeira, o Escudo e o Hino. Em compensação não se menciona nem uma só vez "Espanha" nem "espanhol". Além do que, se a língua não é mencionada e é usada no folheto é o português - e não o galago diferenciabilista nem o espanhol - torna-se implicitamente evidente que a nossa língua como escrita é o "standard" da lusofonia. E isto não é um incidente isolado da "auto-identidade" luso-brasileira. Com "Presidente da Galiza" visitou a Cuba castrista recentemente, e foi recebido, e conduzia-se com:

Chefe-de-estado - com profusão de bandeiras galegas a flamar pedras nhas da Havana, Hino Galego, etc. etc. Quando o Fraga cá esteve para uma Semana da Cultura Galega, na Universidade de Oxford - na que ele pronunciou o discurso de Abertura - o seu galeguismo atingiu um tal grau que, numa certa altura, sentiu-se obrigado a voltar-se para o Embaixador de Espanha dizendo "all this, of course, within the Spanish 'Pátria Grande'". segundo me contou o Carlos Guiso, que participou nesse acto cultural. Eu entendo muito bem o processo psicológico da galeguização de ex-ministros franquistas: ele fundou a A.P., partido espanhol, e, de maneira semelhante a Thatcher, foi desfechado pelo seu próprio partidários. Posto de parte como líder nacional espanhol, resolveu criar o seu próprio "centro de poder", a Galiza, e uma vez atingido esse posto, tinha que lhe atribuir a máxima importância político-administrativa, etc., fazendo sentir a Madrid - que o rejeitava - que "Presidente da Galiza" não era um mero cerimoniação de jubilação, mas um posto vital - como é o do Jordi Pujol, conservador, mas figura política de consideração, não um palerma papa-moscas como o González Laxe, ou o Fdez. Alvor. O resto veio como consequência; entre outras coisas o receio de perder que lhe pode vir da aproximação lusa, na política regional de CEE. Enfim, que há motivos para regozijarmo-nos. "Se o milagre se faz, que o faça Saturno", como reza o provérbio português. Eu permito-me profetizar que a aceitação das Normas do Acordo Ortográfico, que unificou a grafia luso-galega-brasileira [eu fui agente fante da presença da presença da Galiza no processo] virá eventualmente a ser aceiteada talvez antes do que poderíamos esperar. Esses contactos, pragmáticos, de empresários galegos e portugueses, com certeza redundarão na lusificação progressiva da comunicação escrita - e eventualmente da falada, por um processo natural. E a nossa língua entrará a compartilhar o mundo cultural - de parte de

206 milhões de almas - da Susóforia.

A IUA e o RIO já estão em últimas provas: estou à espera delas, para conferir, a parte fina, a certeza de que não vamos ter gralhas. Patente-me que vai ficar uma bela edição: com reprodução exacta das copas coloridas originais - e até com as partituras das várias peças que foram musicadas. A Iltse fez um esboço biográfico, extraído do meu curriculum vitae; e eu escrevi uma "Nota prefacia". O Carlos, como sabes, é o autor do "Prefácio" e a Profa. Henriqueta Salido fez a "Apresentação" da edição. Ela acredita que o Livro venha a lume ainda dentro deste ano, mas eu desconfio de que isso venha acontecer - pois sei, muito bem sabido, os efeitos nefários que as férias têm nos eventos editoriais - particularmente aquelas que comemoram o Nascimento do Filho de Deus: todos os trabalhadores das indolentes terras sudlatinas, estão nesses dias, "em Belém, com os pastoresinhos" - e não querem saber nada de lançamentos de livros ou qualquer outro acontecimento dessa natureza. Não sem grande surpresa nossa - da Iltse e minha - esta ex-laboriosa Inglaterra, está ultra-latínizada. Assim alguém quer saber de trabalho para alguma coisa? Está quieto! Solnar é o único que eles querem - e que calêmbas: dos mais altos da Europa [ganham mais do que os alemães - e, custa acreditar], 25% mais do que os americanos - e não chegam à metade da produtividade. Por isso a indústria britânica não tem competitividade. Para nós, americanos, há tanta coisa neste país - que ontem foi dono do mundo e hoje não tem onde cair morto - que nos aflige. Os preços de tudo andam pelas nuvens - tudo em Londres custa o dobro de em Nova Iorque. E o peço é que a qualidade é baixa, sempre. Nós temos projectado ir meter saudades novaiorquinas - e planeamos passar no "Grande Macã"; the Big Apple é o nome carioca, com que os seus filhos conhecemos a Urbe por

-- 3 --

anticonvulsiva] o mês de Abril, e quicã parte de Maio.

A Elziz está ótima - já nem tem que ir fazer visita de controlu ao cardiologista. Eu tomo-lhe a pressão arterial n, uma vez por ano e esse médico de cabeceira - que é um inglês de origem Lombardo-veneziano, como eu - faz-lhe um electrocardiograma e passa-lhe papel para umas análises e para "que diguem els catalans". Eu também estou a me sentir perfeitamente. Como resultado da operação tenho uma pequena hernia abdominal da que vou ser operado em meados de Junho, mas isso é *pequena minuta*, uma operação menor: complexidade do que extrair ao dente de siso.

Grata essas vagas promessas de visita Lustrina venham a se realizarem antes do Dia do Juizo Final. Avisa com antecedência, para termos certeza de não estarmos fora.

Vão duplos abraços, um, delicado, para as Três Greças e outro, arrotador, para ti, dos vossos,

P. Westelsio

P.S. Também te junto uma coisa engraçada publicada no jornal carioca O Globo, pelo dramaturgo e poeta [e jornalista] Guilherme Figueiredo, irmão do Presidente Genl. Balista Figueiredo, que devolveu a democracia ao Brasil. O meu FUTURO IMEMORIAL, foi-lhe emprestado pelo romancista, também brasileiro, Antonio Olinho, velho amigo que mora há muitos anos em Londres, na sua última visita ao Rio.

(ã volta)

P.S.T. Obrigada pelo resumo d'EL PAÍS, com o artigo do Ricky. Como com certeza sabes, eu não tenho tido relação nenhuma com ele desde que tinha 18 anos. Terá em Abril, 44. Nunca me procurou - e fez-me sofrer cruelmente, até eu ter que dizer basta! Tem muito talento, mas infelizmente esqueceu-se da psicologia tanta da mãe. Depois de todos estes anos o único que dele me fica é a imagem do menino que eu adorei - a que conservo num álbum de fotografias só a ele dedicado. Do homem de hoje ainda sei - nem quero saber, pela minha própria defesa.





Ernesto S. De Cal
32 Gordon Mansions
Hurdley Street
Tottenham Place
London W4 1B 7HG
Tel. 071-631-4136
England, U.K.

1 de Janeiro de 1992

Querido José Luís:

Apenas duas linhas para te enviar este
resumo que recebi de Portugal - e que é um
"follow-up" de informação que te mandei na
minha última carta referente à viagem do
"Presidente da Galiza" [assim foi proclamado
em Havana, *urbí et orbí*]. Se ele conseguiu
levar no seu prestígio oficial o terrão, "enfant
terrible" das esquerdíssimas, o gafo e um
tomaturoço digno de figurar na nossa Lenda
Aurea. E o terrão não conseguiu não de passar
despercebido. Declara desassombradamente que
Pessoa é um poeta detestável, miserável
fascista detestado, não é coisa que se veja
fazer todos os dias. Assim bem como afirma,
depois de se definir como independentista,
que o encontro político da Galiza e Portugal
é inevitável. Isso sim que é lusismo
e de primeira classe! Mas a Profa. Maria do
Carmo Henriques, como verás, não o poupa, e
o acusa de "antilusista feroz". E de facto
o que tristemente parece, a quem vê as coisas
de longe, é que ambos são lusistas - como mostra
ser o próprio Presidente Fraga, - à luz do
folheto que te enviei - mas que, como bons
galegos, estão separados por minudências,
pessoais e ortográficas, que levam, nas letras
pequenas, como a nossa, a inimizades ferozes. A
verdade é que há qualquer coisa de surrealismo
em engalfinharem-se as pessoas por um "dá cá
esse til" ou "tira-me daí esse ce cedilhado".

Semanário da Galiza: Bertrand apresenta fiero de Méndez Ferrín

"Pessoa é miserável, Saramago vulgar"

de José Luís Sison

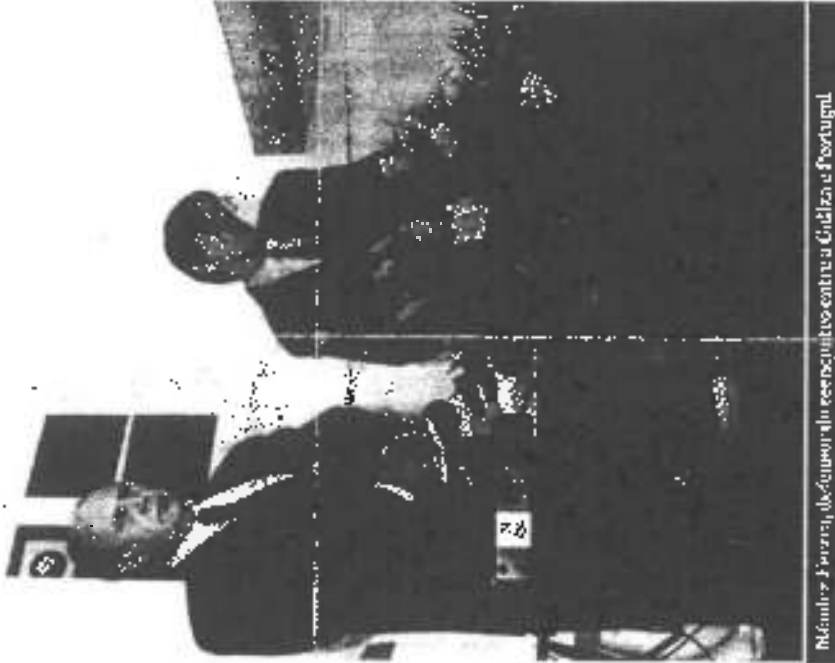
O vocabulário de Fernandinho Pessoa "culca" num livro de 500 palavras". A edição é de Méndez Ferrín, presente na Lisboa, na delegação do I Seminário da Galiza. Me. Teófilo, chegam a afirmar: a delegação é "a mais utilitária possível". Méndez conclui: "é uma boneca" que avisa. Aludiu à polónia, a segunda condição.

Foi mais à acção, a... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

na literatura portuguesa é justa... de Saramago é vulgar.

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".



Méndez Ferrín, abdicou o seu cargo de presidente do Conselho da Galiza e Portugal.

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

ra da Galiza", de Ramón Villares, editado pela Factor Humana, representa "o movimento de integração do mundo português".

A presidente da AGL... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

... de Méndez Ferrín... de 500 palavras".

ENFERMIA PENNINA: LA TRIMANNE



Ernesto S. De Gal
32 Gordon Mansions
Gunter Street
Coringham Place
London WC1E 7HG
Tel. 071-631-4136
England, U.K.

23 de Maio de 1992

Querido José Luís (atque Gallaeiae Rosa trifoliata pulcherrima):

Recebi agora a página do jornal GALICIA* (E jornal, revista ou suplemento?), com o doutoramento do Paco del Riego. Que me deu alegria, porque, embora como escritor seja fraquinho, realmente a sua dedicação à Galiza foi vitalícia. E, se julgarmos pelo que o jornal reporta, o acto foi uma manifestação de entusiasmo nacional. Viva!

Apesar de te ter escrito há dois ou três dias, volto a fazê-lo hoje, para te pedires que me mandes duas linhas [2-duas] apenas para me dizer se necessitas ou não uma "plquette" lírica, publicada, pela "dardo" de Málaga, intitulada COISAS E LÓISAS - que, salvo erro, pus no correio há mais de uma longa semana. Entre as pessoas que realmente me interessam como leitores da minha poesia, tu ocupas um lugar de destaque. Por isso, se esse ramalhete ainda não chegou, apita, para eu fazer envio por segunda via. Também remeti exemplares desse poemazinho à Luz Pozo Garza e à Khara Torres, entre outros.

Manda essa duas linhas - que podem ser uma, monoverbal: SIM ou NÃO. E recebe um abraço apertadamente fraterno do teu vetusto amigo

Ernesto

* Agora vejo que se trata do DIÁRIO 6, jornal cuja existência eu desconhecia.



CINISCO B. DA FRI
32 Gordon Mansions
Dunster Street
Carlington Place
London WC1E 7HG
Tel 071-631-4126
England, U.K.

16 DE Maio de 1992

Querido José Luís: [e Triângulo feminino da Belera]

Venho em primeiro lugar agradecer-te o envio regular de todos os textos jornalísticos referentes às posições assumidas por Fraga Iribarne, como Presidente da Junta da Galiza. Realmente, como dizia Rafael Alberdi: "Yo era un tonto, y lo que he visto en la vida me ha hecho dos". E como a tradição fez dizer ao conego da Catedral de Granada - cujo apelido neste momento me escapa - autor putativo de "La Biblia en Verso": "Jesucristo nació en un pesebre - donde menos se piensa, salta la liebre". E que liebre! Um Teponido que levanta nada mais e nada menos do que uma revisão constitucional do "sui-disant" 'Estado de las Autonomias' a todos os níveis da estrutura estatal presente - e atinge mesmo as da CEE. Viva a ADMINISTRAÇÃO ÚNICA, iniciativa que situa neste momento a Galiza, sempre na cauda da Catalunya e Euzkadi, à cabeça das três "nacionalidades históricas". A verdade é que como reza o sabax proverbial, "Deus escreve direito por linhas tortas". Faz confusão pensar que este passo, o mais energético e atrevido que até agora se deu nos nacionalismos periféricos do Estado Espanhol, viria a ser dado por um ex-Ministro do Franquismo. Viver para ver! Pleece, continua a manter-me informado dos desenvolvimentos todos deste apaixonante assunto!

Há poucos dias mandei-te um poemazinho, intitulado COISAS E LOISAS [que em português coloquial quer dizer "tecos e tarecos", mixórdia, mistura de coisas heterogêneas]. Foi-me pedido - e lindamente editado por DARD, de Málaga - ilustrado com um desenho inédito do Lorna. Galafunha duas

linhas, para eu saber se chegou às tuas mãos - e caso negativo fazer novo envio.

Dize-me se já foram distribuídos os exemplares assinados por mim há perto de três semanas, de LUI e RÍO. E falando nesses dois já encanecidos poemários, quero dizer-te que a M^ã. do Carmo Henriques Salido me informou que para o lançamento do livro: - que realmente ficou muito atractivo editorialmente - ia pedir-te a ti que disseses umas palavras no acto do tal. Ora bem, eu quero deixar tão claro como a nossa tão clara amizade, que eu, se a ti, pelas razões que forem - e pode haver tantas que eu há tantos anos fora da Galiza não posso nem imaginar - não te resultasse cómodo esse papel, podes recusá-lo sem que isso venha, nem remotamente, interferir na nossa antiga e profunda relação. Juro isto com a mão posta no coração - e com o nome do Jaiminho Apóstolo Compostelano nos lábios. Juro!

Gostava de mandar um exemplar de COISAS E LOISAS I que também se escreve LUSAS e quero dizer o mesmo que em galego, mas não tenho o seu endereço. Tenho o da revista, mas não sei se ainda se publicam essas FOLHAS SECAS. [São del Caño]

Por hoje isto é tudo. Não te preocupes com a correspondência. Tu sei quão pesadas são as tuas obrigações profissionais. Não faças carta formal, quando tiveres uns minutinhos de lazer, garatuja quatro linhas marginais.

Um abraço desmantelador para ti e saravadas de beijos e xi-corações para as três meninas, das vossas:

E. Westelsis

Christie G. De La
32 Gordon Mansions
Dunley Street
Carrington Place
London WC1E 7HG
Tel. 071-631-4155
England, E.C.

20 de Julho de 1992

Querido José Luís:

Muito te agradeço a tua carta-relatório, tão pormenorizada; que, como podes supor, deu-me a satisfação natural. Obrigada, pela tua intervenção no caso e pela crónica do mesmo. És um grande amigo. Gostava de ter sido mosca na parede, como se diz em inglês.

Sobre a 'estória' das minhas actividades incendiárias, que o Emilio González López te contou, a verdade é que fiquei estonteado, porque é pura invenção - e o dito Emilio, não era nada dado a fantasias. Houve, isso sim, um incidente no que intervieram os dois, mas de natureza muito diferente. A saber: Era nos fins do 1930, quando ainda era primeiro ministro o Gral. Berenguer e a Monarquia já estava de bambolês, depois da queda pacífica, da Ditadura do Gral. Primo de Rivera, pai de José Antonio, "o Aserto". Na derradeira do castigo Marquês de Estella, acelerada pelas greves estudantis organizadas pela F.U.E - durante as quais eu e o meu irmão Fernando fomos presos e processados por delito de lesa Magestade - fomos acusados - eu falsamente - de ter cortado a cabeça do basto de Afonso XIII que presidia o Paraninfo da Universidade Central. com o fim da Ditadura e processo foi diferido sine die, e fomos postos em liberdade; mas passámos um mês e pouco, oporamente, no "Cárcel Modelo" da Moncloa. E digo 'oporamente' porque as nossas colegas 'estudantis' de F.U.E. e outras meninas que não o eram, faziam

peitões de sua diários, para nos regalar com comidas encomendadas a Lardhy, cigarritos americanos e ingleses e Licor e valet - além de providências nessa nossa mesmota, celas de Luxe - que as havia para os presos políticos, o tempo! o tempo!, com campainha e chaves faxineiro, preso comum. Eram os tempos de Dictabanda! O Álvaro Cáceres enviou-me um artigo que publicou na "Galícia Literária", suplemento do DIÁRIO 16 DE GALÍCIA, de 18 plana completa, e criticamente muito sagaz. No fim faz a sugestão de que se devia publicar a edição da minha Obra Poética Completa - que já se compõe de 7 títulos entre eles um ainda no prelo, e bastantes poemas dispersos. Que se parece a ideia? vou-lhe perguntar a ele, mas antes quero saber a tua opinião, e se for favorável, receber as tuas indicações e conselhos a respeito. Sim?

O nosso flat já entrou nos trâmites da venda, que neste triste ex-império são mais labirinticamente burocráticos e tardios do que os do Celeste Império dos Ming. Mas, enfim, se Deus quiser - e o Tiaguinho Compostelano, que sempre me pôs a mão por baixo - para inícios de Setembro contamos estar na Big Apple, our home-town. A nossa esperança agora - minha e da Elsie - é que a vossa visita a Londres, prometida e não realizada, venha agora a transformar-se em visita a Nova Iorque - que é hoje a Capital do mundo, do qual ninguém pode sair sem a conhecer, lá vos esperamos, sempre de braços abertos, fraternais.

Da veje agora, com espanto, que, com motivo da evocação dos tempos da 'Dictabanda' berenguerista, deixei interminada, no primeiro parágrafo desta página, a história do incidente incendiário que o velho Dmílio tão fantásticamente imaginou. Bom, o único elemento que pode ter servido de

alicerce para aparelhar essa estória - talvez por enfraquecimento senil da memória - foi um incidente acontecido nessa "Era barengária", na "Cal'calá". Nessa central sua madrileña, onde naquela altura (em vez dos honorários estabelecimentos banários que hoje nela grassam) estavam todos os cafés onde se juntava o "tolo Madrid", isto é, "La Granja del Heno", "Negrasco", "La Elipa", "Katz", "Engina" - lugares históricos que o vento levou. Nesse espaço, entre a "Calle de Sevilla" e "La Cibeles", era onde todos os dias, a partir da seis ou sete da tarde, hora de começo do passeio elegante, em ambas as direções, nos juntávamos todos os estudantes e um certo número de militantes operários, a dar berros subversivos de "Muera el Rey!" y "Viva la República!". Prevenida, a "Guardia de Seguridad", de a pé e de a cavalo, patrulhava. E nós já sabíamos que quando os grupos excessassem e os berros se tornassem multitudinários, esses dignos Corpos Armados, começavam a dar cargas, e nos a atirar-lhes pedras de que já temos provistos. Resultado: grandes desordens públicos - que era o que se tratava de criar. [O intuito era, levar finalmente o Governo a usar a "Benemerita", porque muito bem sabemos que essa não se contentava com o uso dos sabres: essa disparava sobre a multidão e produziria mortos e feridos - com o que o descredito público da Monarquia, se tornaria cada vez mais insustentável, como aconteceu]. Pois bem, um dia estávamos, como de costume, a passear, em espera do começo do reboliço, quando, não sem surpresa nossa, vimos que se juntava um grupo de señoritos bien, armados de cacetes, bengalas e varapaus que começaram a dar extensões "Viva el Rey". Eu estava com um grupo de colegas da F.U.E. e logo nos lançamos contra aqueles "Camelots du Roi". Eu lembro-me que me engalfinhei com um monárquico que eu conhecia de vista - chamado Apolinar de Ratoque

mais tarde tomou parte na 'Sangurjada' - primeira insurreição anti-republicana, em Agosto de 1931. Recebi dele duas medalhas, uma no braço esquerdo e outra na cabeça - que me levaram um galo considerável. Mas eu, com a féria da dor, acertei-lhe com um soco nos focinhos que lhe deixou a cara toda emungurada. No fragor desse luta eu vi ao meu lado o Emílio - que era colega de faculdade do meu irmão e Assistente da Cadeira de Direito Penal de J. Asua. - também como contrariante aliado - da de passagem, viu a barajunda, viu-me, ouviu os vivas e os mueras e entrou na lida. Quase instantaneamente os guindas que estavam apostados na esquina - de Alcalá e Marques de Cubas - se atiraram a detar, naturalmente, os "revolucionários". Eu, como pernilongo que sempre fui, logo me safei; e o Emílio, pernicetto e menos celere, foi apachado. E no dia seguinte, todos os jornais da direita atribuíram a autoria ao Professor 'unvelho', Catedrático penalista, Jiménez de Asua, instigador da desordem pública, etc. etc. Sobre essa peripécia - que era da época daqueles dias, que se tornaram mais turvas quando a Falange veio para a rua, armada, e as Juventudes Socialistas Unificadas, responderam ao mesmo teor - e que Emílio artefhou o seu 'relato'. Isto é quanto a respeito te posso dizer. -tu apareço mais 'petrolicamente' revolucionário na versão dele - mas infelizmente não foi assim, não 'xovelasco'.

Junto aqui não o cartão de visita, de que te falei para a minha ex-cunhada Matilde - com os agradecimentos antecipados pelo envio - mas uma breve carta; é pessoa pela que sempre tive uma profunda estimação e grande affecto. Não retirei a dedicatória do poema - que foi lindamente musicado por José Maria Evangelista - como fiz com outras, só alterei a referência eu patentear por afinidade. Incluo também duas "Corrigendas": uma para o teu exemplar e a outra para o da Matilde. Isto das graíhas, pusta ibérica que não

se atua em nenhuma outra parte do mundo, faz da publicação de livros nos países Peninsulares, um verdadeiro paradoxo.

Muito agradeço que me desses o endereço do amigo Manuel del Caño, para lhe mandar um exemplar de **ESPELHO CEGO** e outro das **COISAS E LOISAS** - e pedir-lhe à Mª do Carmo para lhe entregar outro de **LUA/RIO**. Ele ainda publica as **FOLHAS SECAS**? [Por certo, eu não sei se as tais **COISAS E LOISAS** que te mandei chegam à tua posse. Apita, para caso negativo, mandar por segunda vez!.

Quero te agradecer perhoradissimamente a tua intervenção, tão amiga, no lançamento de **LUA/RIO**; que com certeza contribuiu para projectar a minha 'presença humana' no acto, pois tu, de facto, eras ali a única pessoa que me conhecia, directamente e desde tempos já antigos. Obrigado, por tudo - e pela entrega pessoal do volume à minha querida Sheila - que é a única parente que me resta nessa minha essência 'Pátria da Lembrança e da vontade', que é a Galiza para mim. O resto dos meus parentes aí - outras duas primas directas e primos 'políticos' - não prestam para nada.

Escreve, ou - se não tiveres tempo - telefona, antes de partirem para as tuas bem merecidas férias estivais em Febra - dedicado às tuas colheitas de bom vinho verde. Eu ainda me comunicarei contigo antes da nossa singradura transatlântica. E depois *needless to say*, desde Nova York, onde, apita, esperamos num futuro próximo receber a vossa visita - afinal, como tu mesmo dizes, não pode ser tudo trabalhar para o Fisco.

Até breve, com apertas apertadíssimas para todos/trando dos vossos

Guantelô

P.S. Tenho que te felicitar pelo teu galiano português escrito, que está de chupeta!

P.S. 2. No suplemento do **Diário 16**, acima mencionado, a seguir a **RIO DE SONHO E TEMPO**, vem uma resenha de um **RIO DE TEMPO**, da Del Alugol

C O R R I G E N D A

<u>Pág.</u>	<u>Linha</u>	<u>Diz</u>	<u>Deve dizer</u>
[9]	4	extractado	extractado
16	39	que teima em em	que teima em
25	13	neotravadorismo	nev-travadorismo
31	21	parterna	paterna
35	22	para	para
"	31-32	Literatura	Literaturas
35	15-16	Pátrai	Pátria
43	Nota**	figura a pág.	figura a pág. 63
48	29	Do facto	De facto.
60	32	Língua. Da Cal	Língua, Da Cal
67	1	Triadas	Triadas*
108	8	ledo	ledo*
116	12	Dentro esta	Dentro estava
117	22	cantaba	cantava
124	14	c'oa	co'a
127	16	comprender	compreender
141	3	frio	fiu :
177	33	aveluada	aveludada
182	21	o os amores	e os amores
225	9	o a	o ar
"	31	desregados	desnegrados
227	7	leda	leda*
251	5	pág. 253	pág. 163
257	5	pág. 259	pág. 186
263	5	pág. 265	pág. 195
271	5	pág. 273	pág. 227

[Ernesto Guerra da Cal - LUA DE ALEM-MAR - RIO DE SONHO E TEMPO: Esta referência é só para identificar esta CORRIGENDA, não para ser impressa].

C O R R I G E N D A

<u>Pág.</u>	<u>Linha</u>	<u>Diz</u>	<u>Deve dizer</u>
[9]	4	extractado	extractado
18	39	que teima em em	que teima em
25	13	neotrovadorismo	neo-trovadorismo
31	21	paterna	paterna
33	22	paras	para
"	31-32	Literatura	Literaturas
35	15-16	Pátrai	Pátria
43	Nota**	figura a pág.	figura a pág. 63
48	29	Do facto	De facto
60	32	Lingua, Da Cal	Lingua, Da Cal
67	1	Triadas	Triadas*
108	8	ledo	ledo*
116	12	Dentro esta	Dentro estava
117	22	cantaba	cantava
124	14	e'oa	co'a
127	16	comprender	compreender
141	3	frio	fio
177	33	aveluada	aveludada
182	21	o os amores	e os amores
225	9	o a	o ar
"	31	desnegados	desnegados
227	7	leda	leda*
251	5	pág. 253	pág. 163
257	5	pág. 259	pág. 166
263	5	pág. 265	pág. 195
271	5	pág. 273	pág. 227



30 de Setembro
1992

160 EAST 60TH STREET NEW YORK, N.Y. 10022 (212) 7554500

Querido Xóci-Luis:

São umas poucas litchas para dar -- sinal -- de vida, e comunicar o endereço provisório novo-iorquino.

Deixámos Londres no dia 19 se que nos chegasse a prometida epístola dupla: tua e da Naviaguiha.

Desde que aqui chegámos não temos deixado de ver apartamentos. Temos raios em vista - há aos montes - mas, queremos escolher bem, pois esperamos de lá mudar só para o crematório.

Nova Iorque está um assombro, melhor do que nunca: limpa, bem policiada, renova diáslua - mais de metade são arranha-céus de recente construção. Londres ao lado de "Big Apple" é

uma poeilga. Está atarso, meu Deus. Há que viver lá para com-tatar: 4 miseráveis canais de TV. Aqui, no hotel temos 39 ao toque do dedo remoto (Há 75, e 6 mais de assinatura paga, alguns destes 'eróticos' - obviamente superfluos para octogenários).

Enfim, que estamos como plixinhos na água, uma água morna que faveitivamente nos oferece em cada recanto, retalha do moito passado. É de resto, um custo de vida aproxima-damente $\frac{2}{3}$ mais barato - e de nível muito mais alto do de Londres. Tanto em produ-tos como em serviços - que aqui são os melhores de mundo, com coisas que na Europa ainda não se sonharam.

Escreva logo. Não ainda ela-temos neste apart-hotel pelo me-no 20 dias ou 25. A nossa calgalha (4000 liras entre os-tros tarecos) ainda está a sugar o Atlântico.

Alé logo, com muito amor para todo o quedi-litero dos

Wasson
Ruestelsie



New York City, 20/XII/92

Vossos queridos:

Este cartão é colectivo, como corresponde à Quinze Kata-
 lica. E tem por função principal dar notícia de que ain-
 da estamos vivinhos e com as respectivas caudas a bater, pois, pelo meu
 matismo epistolar, cabia a suspeita de que tivéssemos dado sumiço do mun-
 do dos vivos. O motivo desse silêncio foi simplesmente que a nossa
 vida, desde que resolvemos deixar Londres e voltar ao nosso passado
 americano, a nos provocou por nenhum decréscimo ou desapego efectivo -
 que continue inalterável, sendo pela roda-viva desta última etapa
 do nosso neomodismo geográfico. O último período da vida do flat
 foi complicado, como é tudo na Grã-Bretanha de hoje, onde impera o
 burocratismo papelístico peculiar de todos os ex-impérios. Acrescenta a
 isso a organização da mudança, chegada N.Y., procura de apartamento
 e aluguer, e instalação e decoração de mesmo - tudo isso feito pelo
 casal, com um total de quase um século e meio de anos nas costas.
 Mas enfim, ontem, dia do 812 aniversário da minha vinda ao mundo,
 acabaram todos esses trabalhos e, como Jesus no sétimo dia, respirei
 fundo. Encontrámos um piso fenomenal, no mesmo centro de Manhattan,
 na esquina da Rua 57 e 56 Avenida. Temos às costas o Museu de Arte
 Moderna, Carnegie Hall e dois passeios - e se num dado momento houvesse
 uma agência de comprar pérolas e esmeraldas, temos Tiffany do outro
 lado da rua. Estamos radiantes com a nossa 'Big Apple', que já se vê
 mudando em muitas coisas para melhor e noutras, menos, para pior. Há
 pão para as mangas para contar da grande Urbe - a Rome dos nossos tempos
 e dos E.U.A., não vejo este 'papo' por se batido nos dias longos
 cartas de tratamento epistolar. Esta é só para estabelecer o
 contacto interrompido, desta nossa já antiga conversa postal. No nosso
 último palaneteiro telefónico prometeste uma carta, com outra da minha
 afilhada Nêvia, que nunca chegaram, infelizmente. Nem durante o tempo
 que nós ainda estivemos em Londres - ao partimos em 23 de Setembro -
 nem depois toda a nossa correspondência foi nos religiosamente
 enviada pelo novo proprietário do andar, que é um cavalheiro muito
 sério). Os poemas dedicados à 'filha de peixe', ou já saíram ou estão
 próximos a sair na AGALIA, órgão da Assoc. Gallega da Língua. Em
 qualquer dos casos a Nêvia receberá o exemplar desse nº de revista,
 que de direito lhe pertence. E a carta prometida pertence-me a mim!

Por enquanto hoje trata-se apenas de estabelecer o contacto, e de
 vos desejar a todos quatro umas festas de Natal transatlânticas de
 felicidade familiar, no vosso caso garantido. E que o Ano Novo de
 1993 venha para vós engulido de carradas de SAÚDE, AMOR por atacado,
 a 'massa' necessária para lhe não sentir a escassez e PAZ, divino
 tesouro, dentro de nós e à nossa volta - pois sem ela a vida não vale
 um caracó.

Vosvos et nunc et semper ubique

Ruestelsie

Endereço: Hemisphere House, 60 West 57th Street, Apt. 9-B
 New York, N.Y. 10019, U.S.A. Tel. 718 757 8853

Lisboa, 1 de Maio/93

Meu querido Trevó de Quatro Folhas:

Fomos recebendo os postais do vosso menigulho nas terras leonêses da Hispânia ex-islâmica. Finalmente chegou a esperada carta - que nos encheu de alegria. Nós já calcavíamos há uns anos esse pensamento pasmoso - por Desprezados e Tão a Córdoba, Granada, Córdoba e Sevilha. Que coisa maravilhosa!

Não me surpreende minimamente a notícia da mudança de residência do atrebolante devida: Esta, a seguir às pegadas do seu mentor vital e compatriota Gerald Brennan. Cujos centenário acaba de ser comemorado nas vizinhanças onde se domiciliou: Yégen, Chirriana, Alhaurin, com o patrocínio da Câmara de Málaga - que lhe fez uma homenagem, de muito bom gosto: editando um bel. livro de Games Woolley - extraordinária companheira ageça publicamente qualificada de 'esposa'; - tendo-o prestado as belas formalidades do 'antigamento'. Essa fêmea, posta de alto craveira, foi a relação amorosa e marital mais duradoura do Grande 'Don Geraldo', que seguindo as línguas mexeriqueiras locais era mu. jembreiro. A encantadora Carol já nos tinha dito que ela não ia aguentar Madrid sine die, porque era uma cidade que abominava. E que se Ian não saía com ela, ela sairia sozinha. Com certeza que VV. não poderiam ter encontrado mel'or cicerone do que o Iaa, na visita aos santos lugares lorquianos.

Fiquei radiante com a notícia de que a minha sobrinha tivesse gostado da epistola paternalística do vetusto Tio. Eu, de propósito, ralhei com ela, docemente, mas mesmo assim, dizendo-lhe as minhas verdades:

pão, pão, queijo, queijo.

Tive uma alegria quando soube que na minha Quinta, vila da minha enfeitada infância, que transformei num mítico paraíso privado, tinham resolvido fazer-me uma homenagem. Que leve lugar, no passado dia 23 do mês em curso. Foi organizado por duas raparigas, ensinantes de Galego em Ourense, com a colaboração do Instituto de Bacharelato Local e a Casa da Cultura, comarca e a AGL. Parece que foi um sucesso e que acudiram 71 pessoas - o que para actos dessa natureza é invejável. Junto aqui cópia do Programa de Mão [Fizeram cartazes grandes, que distribuíram por todo o Vale, e uma folhinha com o texto dos poemas lidos]. No fim surgiu uma proposta feita ao Município, de honrar-me dando o meu nome a uma rua da capital do Concelho. Não pode deixar de me deixar atónado essa notícia de que o Braga possa criar esse opulento Instituto - ou o que quer que seja - para honrar a memória do Ramon Piñeiro. Está a mudar até a esse ponto as suas visões de zebra para a pele dum alazão? Realmente parece que a direita está a descobrir que o galguismo é a moeda de troca inexcusável. Particularmente agora que a catalães e os búscas estão no poder, ou pelo menos, na área governamental. Isso, quer dizer, quer ele quere situar-se numa posição paralela à do P.N.V. e Cif e obter suas possibilidades de poder no âmbito nacional, pessoalmente, desde a plataforma da Xunta; alcança essa do que foi privado pela sua desregistração e a eleição como líder do Aznar. Ele ainda leva essa pedra no sapato e até não jogar com os partidos nacionais [F.P. incluído] de igual a igual, não deixará de incentivar a promoção autonómica.

Orelã seja assim, porque disso beneficiaria a Ter-
ra. Particularmente em relação ao Consulado filipin-
es - que pelo cheirume diário de piculato esterqui-
lizo ' ministros e mais ministros com as mãos na
massa } não poderá durar muito. E Jordi Pujol aprovei-
teilará para pedir uma mais progressiva desfalsifi-
cação das 'autonomias'. E já alertou o P.P. nesse sen-
tido, calculando a possibilidade de esta força
política triunfar nas eleições antecipadas, e passar
a ocupar o poder. O Felipe 'Cigano', entretanto
descontou esta última hipótese. Porém, a rês-
ta dos escândalos financeiros, pode muito bem não
ter atingido o seu fim com a fuga do Roldán [Ex-
chefe dos meus amigos, los de la cabeza cuadrã]
e isso obrigue a ter que consultar o eleitorado.
O jornal PÚBLICO, de Lisboa, insere um artigo
interessante, comparando as três democracias sud-
eatinas. [Incluo o recorte]. Em todo o caso, tenho
a impressão : não sou excessivamente optimista -
de que no próximo sufrágio na Galiza, o Bloco
passa vir a ter novo avanço. Se não for que
finalmente uma força nacionalista, liberal
burguesa vier aparecer, desafiando o espaço
político do direitista P.P. que seria a equivalente
noza do PNV e Cív - que é a que de faz muito
tempo o nosso País está carenciando. Esse receio
é o que provavelmente impulsiona o Fraga a
procurar alinhavar a sua casaca política com
debravados 'galeguistas'. Tu tens razão em dizer
que VV. têm que fazer alguma coisa para lhe cortar
essa maquiavelica vaza.

Nós estamos neste momento bem de saúde - coisa
que nas respectivas idades não é da praxe.
[Contamos, graças a Deus, com a protecção do
Tiaguinho e da Conchita]. Recentemente mais uma
vez demonstrada na relação à Elsinha. Que teve
um inchão no tornozelo esquerdo que parecia ser
de natureza reumática, pelo qual andou 5 dias
sem ligar atenção nenhuma ao assunto. Finalmente
eu pus os pés à parede e a levei ao médico. Que
diagnosticou uma trombose, felizmente já fora
de perigo de embolia. E que a obrigou a estar
6 dias em total imobilidade e com a perninha
encarrapitada numa torre de 4 almofadas, durante

e nocturna, coisa não confortável. Felizmente, como V. sabem, ela é de mui boa disposição e levou o percalço sem perder o seu sorriso. Esse sorriso fez com que eu tomasse, com eficiência as funções de enfermeiro e 'dono' de casa durante os quatro primeiros dias - porque enquantar fãmeos em lista, pra cozinhar e cuidar de doentes é difficilissimo hojeadja. Felizmente os amigos deixam uma ajuda e nos emprestaram serviços parciais das suas 'funcionarias'. [Cujada, desde a Revolução dos Cravos, lava tabu]. E para limpeza nós temos uma, fiel, dos sábados, religiosamente. Eu tomei conta do cozinhologia e da para-fermagem, como se não tivesse feito outra coisa durante toda a minha vida. E assim se vai vivendo, o que os Supremos Poderes nos darem para ainda viver! O pokigo, greve, passou e a Bizequinha já retomou o seu ritmo da vida normal. E viva o velho!

Agradeço imenso o envio do livro sobre o EBA. Com a vida fantasmática do Estoril do, para mim, misterioso Autor da curiosa (biografia). Sabes tu quem é esse Gonzalo Allegue, do qual não se nos foznee, nem nas solapas das capas nem nealtures, o mais leve dato como criatura ou como escritor? [que inclui a seu próprio nome na lista das pessoas a quem agradece ajuda. E que parece ter conhecido o seu biografiado tão intimamente que só lhe falta dizer-nos quantas vezes foi fazer chi-chi. E que se apresenta simultaneamente como autor e personagem na vida do EBA. E que em determinada altura transfere a voz testemunhal (Cap.VII) a uma senhora Valita Saslavskij; e mais adiante a outro Autor fantasma, inominado (Cap.X), também 'literario', que entra como incognita testemunha. Umadje que fala bastante de si proprio, com uma longa digressão sobre o mundo dos exiliados da Guerra Civil. E some, sem nunca se identificar. Serão todos três, a trindade que compõe esse 'Xuzé absente' do título. E realmente mais do que uma biografia trata-se de um julgamento. E que julgamento! Realmente se, como se deduz da riqueza de parâmetros intimos e externos do relato, no que nem por um só momento

apareça o anti-herói em termos de relativa dignidade ou simpatia humana. A figura deste desenha-se carregando o traço nos elementos negativos: Fátuo, oportunista, desleal até à extrema perfídia, invejoso, com o vício inveterado da maledicência e a talinha gratuita, - além de uma homossexualidade pan-crônica, por vezes pensadamente desconfortável. Tudo verdade. Ora bem, para justificar a biografia de uma personalidade tão generosamente dotada de defeitos haverá que supor que tinha algumas qualidades. E uma delas era o seu inegável talento literário. Poderá julgar-se que EBA, o poeta, não era de alta craveira: sabia, com não despreciable habilidade, 'fazer' poesia, mas faltava-lhe autenticidade de estro; Soava artificial, 'literário'. Porém, é impossível não reconhecer que A Esmorça é talvez a melhor novela das modernas letras galegas. E que Xente ao longe, não lhe fica atrás. Eu, que como tu bem sabes, fui alvo da pegonha da sua fantasiosa e insidiosa má-língua, não posso deixar de reconhecer que na prosa fictiva, essas duas narrações estão no mais alto nível da nossa novelística hodierna, na qual, infelizmente os bons ficcionistas namoram. Pois bem, esse apano Sr. Allegue, que dedica um capítulo a A ESMORÇA, confrontando esse relato magistral, mete os pés pela cabeça, conta-nos o argumento na base de topos citações fragmentárias e de entressecidos do roteiro do planejado filme "La Parranda", fazendo uma mixórdia e deixando o leitor com a impressão de que essa obra é mais um tentame, sem um valor superior ao resto da obra literária do biografado. Ora, ESB tinha alto talento de prosador em língua galega, tinha uma invulgar cultura, com o venho específico de ser fruto de um continuado esforço autodidático. E tinha, de acréscimo, a capacidade de ser, quando queria, de trato cativante, com fino sentido de humor. O que era grave para ele é que levava, na barriga um sarabulho de gatos, sociais, creolísticos e universitários [nunca se consolou de não possuir um título académico]. Felinos esses que constante e ferinamente lhe arranhavam as entranhas. E que o Sr. Allegue - que parece ter

alguma coisa que saída com o sucesso - para
co para fora e acítra no longo do livro, deitun-
di todas as páginas cheias do cuspa, o miço, os miço
e os atanhos desses felinos que dentro de ERA ha-
bitavam. Esta é a impressão que a leitura nos impõe.

O Sr. Allegue deve escrever um castelano talvez bom.
Em galego se exprime numa curiosa variedade de "cas-
trapo culto", com certas toques lusos, surprezedentes.
Parece uma versão do espanhol feita por Tio de Santiago.

O livro não é propriamente uma biografia. De facto
há no título um oximoron entre essa palavra e
a que o resto do sub-título implica: uma aproximação
à vida de ERA, que esse "mitz" ausente preside. Quis-
sá foi isso o que me levou na parte a erigir-me em
defensor literário de Autor d' A ESMORGA. Em qual-
quer caso, humanamente falando, não era boa res.

Ficamos radiantes com a promessa de visita. Que não
tarde muito, porque o tempo que fica já vai de
pressa encurtando. Nós aqui esticamo-lo tudo
quanto possível. Lisboa, como espalhafatosa
Capital Cultural da Europa, tem agora um rico
naípe de actividades literárias, musicais,
artísticas. Por isso nós agora escolhemos não
não voltar à linha do Estoril, e ficarmos na
velha Ol. - onde, curiosamente, o Elsiã
e eu nunca vivemos juntos. Estamos felizes com
o nosso apartamento, que, embora não seja tão
lucroso como o de Nova Iorque, é feitissimo,
pois fica perto de tudo, porra, na área plana desta
cidade anfractuosa. Temos grande de árvores, com
bandos de passarinhos gorgolejantes ao pé das nossas
janelas; temos os concertos e exposições, etc.
da Gulbenkian a 10 minutos de passeio de andadura;
temos, na porta a seguir à nossa, o Centro Cultural
Franco-português, com conferências, cinema e
teatro semana a semana (antes vamos ver *La
Mandrágora*, de Taguiavelo, apresentada em francês
pelo grupo dramático experimental *Paradox*, de
Viana; e para a semana vindoura leremos a peça
num acto de Brecht *La Nuce chez Les petits
Bourgeois*, e *La Maison de Bernarda*, encenadas
por *La Troupe Charles Lepierre*, de Paris). Como
vêreis, não nos podemos queixar. Amigos não nos

4

faltam e o nosso 'regresso à Pátria' foi celebrado
com foguetes de três estalos.

Queria agora pedir-te um favor - caso esse pedido
não vier a causar-te nenhum desconforto. Trata-
-se de saber que aconteceu à minha prima Chelo,
único membro da família daí com quem eu mantinha
relação de correspondência. Uma das professoras
quiroguenses - que está a fazer um trabalho sobre
a minha obra poética - telefonou à dita Chelo,
para obter dela dados sobre a nossa comum linha
familiar natural avoenga. E não conseguiu contactá-
-la, porque, segundo lhe foi dito, ela já não
morava naquele prédio. Eu telefonei para o serviço
Internacional do Telecom, onde me informaram que
não havia nenhum assinante em Vigo sob o nome
de Consuelo Taboada Guerra. Como a Chelo, que
é alvejada - teve na juventude uma paralisia numa
perna - e a saúde dela não era famosa, estou com
suspeita de que possa ter morrido. Nessa cidade
vive uma irmã mais nova dela, de nome Laura
Taboada Guerra, casada com um Ramon Villarada,
cujo endereço era na Avenida das Camélias - e
nó esqueci-o. Eu não chamei para esse galho
lateral, porque não tenho boas relações com essa
Laura nem esse Moncho. Quando te voltar, investiga
o que puderes a respeito do paradeiro da minha Che-
lo e ficar-te-ei grato, sinceramente.

Com a bela esperança de em breve poder-vos abraçar
in the flesh, faço aqui ponto final, com beijos
quadruples e avalanches montanhosas de xicorações
da Birequinha e do sempre vasso,

Luís

P.S. Quando vires o Xan Carballea, dá-lhe o meu endere-
ço e lembra-lhe que eu sou colaborador - já três
vezes publicaras coisas minhas - e que gostava de re-
ceber o jornal. Se for necessário pagamento de assi-
nante, é só dizer: eu pago.

D

ERNESTO AND HIS DA CAL.

11 215 572 8852
50 WEST 57TH STREET, 4TH FL.
NEW YORK, NEW YORK 10019

12 de Julho/93

Querido Xosé Luís:

Já imploro perdão perante a Mãe; agora venho a
me rogar aos teus pés, pedindo-me pelo
atraso desta resposta à tua última carta de in-
illo tempore. De facto, como tu dizes, agora
telefonar não é tão fácil como em Londres, pela
diferença de horário. Seja como for, cá estou,
para, como há já tantos anos, 'parrafear' contigo.

Sobre o que me dizias - há já, meu Deus, tanto
tempo, sobre um Sr. Gonzalo Allegue, que escrevera
uma biografia de Blanco Amor, na que afirmava
ter tido comigo uma conversa no Estoril, sobre
os famigerados POEMAS GALIGOS do Lorca, posso-
-te dizer que, até eu ver o nome escrito na tua
carta, nunca há minha vida soube da sua
existência. E, 'ca va sans dire', o gajo nunca
pôs os pés na nossa Helvise. [não é, porém, o
primeiro a fantasiar entrevistas estorilienses
comigo. Ouvi outro, de Quirido, que escreveu um
artigo ao meu respeito - não era sobre o Lorca -
que também deu como baseado numa longa conversa
numa visita ao Estoril. Não há como ser famoso!
É o preço que se paga pelo som das proverbiais
trombetas! Manda o livro, se isso não te der
grande desarranjo. Há também outro livro - do
que me parece que tu também me falaste - um
romance, onde saímos à baila eu e a Margarida
e outros dos espanhóis do exílio novatoquinó.
Estarei em erro em que tenhas sido tu quem a esse
romance se referiu? Sei, com certeza, que alguém
outro me falou no livresco aqui, mas não me
lembro. Se livesse sido tu o referente, e tiveres
o romance de acesso imediato, manda também.

Antes de que me esqueça. Que foi das FOLHAS SECAS, de ourense, que aquele simpático José Manuel del Cano dirigia? Continuam a se publicar? Morreram, como costuma acontecer a essas publicações produto do milagre da iniciativa de uns estuasiastas, geralmente sem 'massa' para as sustentar. Informa.

Acabo de encontrar um cartão teu [quando andava à procura dos poucos números que eu tinha das tais FOLHAS] no que me falas da dita novela de um senhor Vazquez Montalbán, intitulada GALINDEZ; que tem que se referir ao incauto rapaz basco que o 'Benefactor de la Patria', 'Generalísimo Rafael Leonidas Trujillo, ditador da Rep. Dominicana, sequestrou de Nova Iorque, e muito depois de o submeter pessoalmente às mais inimagináveis torturas físicas e psíquicas, Galindez, que eu conheci muito bem, um nacionalista basco ferrenho, foi vitimado pela sua candura, de pensar que em N.Y. estava fora do alcance do monstro. A história completa dava, de facto para um romance. Porém, segundo o que tu me dizes - e que outras pessoas, também de bom gosto, me corroborariam - não é de grande cravatura literária. O curioso é que eu nunca também ouvi o nome do autor, até tu o mencionares - e com certeza nunca o conheci. Aparentemente o tipo nunca esteve em Nova Iorque. Como é que sabia da existência minha e da Margarida, e do tnilio, etc., não conhecendo esta cidade? E o tal Montalbán considerado um romancista de prestígio, ou é um João Ninguém das letras? Seja como for, manda exemplar, para eu me divertir - e obrigadíssimo!

E agora venho pedir-te dois favores - que também de antemão agradeço, encarecidamente. O primeiro é o seguinte: lembra-te de que - disto há séculos; o tempo é astronauta - me mandaste um romance falhado do Patriarca Murquia, intitulado Mi madre Antonia. Primera Parte del Libro de un loco, publicado em Vigo, no rodapé de um jornal, em 1856. Pois bem, no traslado da minha biblioteca de Londres para Nova Iorque perderam-se duas caixas de papeis dos meus arquivos, e numa delas

estava a cópia desses folhetins murguianos - que, se bem te lembras, nosolvenos que não valia a pena ressuscita-los, visto a fragueza literária deles. Pois bem, eu estou neste momento escrevendo uma comunicação para o IV Congresso Internacional de Língua Galégo-Portuguesa, na Galiza, sobre o conto, verdadeiramente extraordinário, daquele grande esportista, D. Ramon Maria del Valle Inclán, intitulado *Mi Arxmana Antonia*. Como também fazes referência à curiosa homologia dos dois títulos, gostava de dar a nota bibliográfica completa da narrativa de Mestre Murguia. Será que tu te lembras do nome do jornal que publicou *Mi madre Antonia*, e das datas e foi primeira e última de inserção dos folhetins. O segundo favor é da mesma natureza: Publicou-se no Faro de Vigo - no 112 e 113 - comemorativo do 10. Centenário do jornal - um artigo de Joaquim de Entrambasaguas, intitulado *Los gatos en Valle-Inclán*. A data é, segundo a *Bibliografía de Rubia Barcia*: 1953-54, págs. 161-162. Se me conseguíres estas duas coisas, serás ainda mais arcangelico do que tu normalmente és, coisa hiperbólica, e eu terei mais uma dívida contigo a acrescentar - aquelas das que montanhosamente sou-te devedor. E que Deus te pague!

Escrevi há dois dias à minha sobrinha. Na carta incluía um exemplar igual ao que aqui junto para ti - só a capa era de cor diferente. Contem uma tradução minha de um poema da MS Victoria Atencia [que estava aqui, a convite da minha Universidade, para fazer uma recita da sua poesia, há coisa de um mês] e uma versão dela de um poema meu, do *Futuro Imemorial*. A edição, feita pelo marido dela, Rafael Leon, é de muito bom gosto, como tudo o que ele faz [inclusivamente o papel, de fabrico manual].

Voltando ao acima mencionado Congresso, que patrocinado pela AGAL e a Universidade de Vigo, celebra-se-a aí nos dias 28 de Outubro a 1 de Novembro do ano em curso, no Centro Cultural Caixa-vigo, portanto nos teus eidos. Recchi ontem o

Programa e fiquei abraçado - e feito um pavão, a arrebrantar de ufanía - quando vi que toda a Sessão de Encerramento é dedicada à minha obra poética em duas Conferências Plenárias: uma a cargo do abalizado Professor e crítico brasileiro, Gladstone Chaves de Melo - que eu só de nome conheço - e a outra - da responsabilidade do Professor José Henrique da Costa Lopez [do Ferrol, da AGN!] - que nem de nome conhecia. Coitado de mim, essas coisas só acontecem depois de a gente estar morta e sepultada. Estou ainda a beliscar-me para me cercionar de que ainda pertença ao mundo dos vivos. Essa Sessão terá lugar no dia 29 de Outubro, às 18:30, sob a Presidência da M^ã do Carmo Henriquez Salido. Já pedi à minha sobrinha Návia, para - caso estiver em Vigo nessa data - assistir e depois contar-me tudo tim-tim por tim-tim todos os pormenores.

É pontó aqui ponto final, porque para epístola chega e sobeja. Apenas me atrevo a arvoaar uma esperança - que V. levantou na sua última carta - a da visita à Nova Iorque. Seria 'bestial', como diziamos os novos nos trintas - e ainda dizem em Lisboa. Temos uma cama (cadeirão de abre e fecha) ao vosso dispor, na sala, mas o apartamento é relativamente espaçoso e há duas casas de banho completas. Portanto, um, ou uma tem teto, cama e comida - e o resto; ca va sans dire; lugar na mesa para partilhar do nosso pão e o nosso sal. Abraços apertadíssimos e quadriculados da Elsie - e outros dois meus: um, desafortado, para ti e outro triangular - e mais maneirinho - para as três representantes do sexo frágil. Vossos,

Ernesto

D

ERNESTO ANDERSON DA CUNHA

TEL. 212 737-8153
6 WEST 57TH STREET, APT. 8U
NEW YORK, NEW YORK 10019

1 de Outubro/93

Querida Rosé 1976:

Fico, encetando esta carta, com uma vergonha barbada que arrasta pela chão. A tua última carta - que está a me olhar com sarmento fechada - tem data do passado 2 de Agosto. Vela, tão pres-tiosamente como tens por costume, veio copia do pedido artigo do *Entremeses* - que não vale um parafuso, ponhamos por exemplo de pouca valia - mas que eu tinha que conhecer, para podê-lo citar. Além de todos os dados da frustrada novela do Marquis. Obrigado por tudo, com muitas e muitas graças, sim senhor!

Rosé, ainda não há muito tempo, carta encartadora da minha sobrinha - embora nesse caso não viesse o meu poema, que tu me anuncia-vas, por ela publicado no *Faro de Vigo*.

Na tua carta indicavas que ia começar as tuas férias estivais, coisa essa que fez com que eu não tivesse uma pressa excessiva em te responder; mas a isso há que acrescentar varios outros factores que fizeram com que viessemos tomar uma decisão capital nas nossas vidas - que, aliás, sei que não te vai surpreender muito, porque tu mais ou menos, se bem me lembra, já profetizaste. Trata-se de que resolvemos completar o períplo vital e voltarmos à *ocidental praia lusitana*, para nela deixarmos as respectivas carcassas, quando Deus vier no-las reclamar. Se a *Conchita* e o *Jaciminho* quiserem! Tu já conheces estas nossas únicas devoções do Olimpo poético na nossa infância calôlica! partiremos humo ao *Jardim de Europa a beiramar plantado* no dia 20 do mês que hoje desvige. Aterraremos em Lisboa no dia 21, para

lá essentat e lyth, que é o nome do cu no Swahil. Dali se saíremos para a tal Viagem Definitiva que toda bicho careta tem de empreender, mais tarde ou mais cedo. Esperemos que esses dois padroeiros que mais acima mencionei nos dêem ainda uns aninhos nessa Olissipo de tão levadas águas. Realmente, como um nosso avigo já, com intuito secreto disse, nós transferimos a nossa residência de Estoril para Lisboa, via Londres-Nova Iorque. E talvez acenhou na alva.

A verdade é que esta cidade, e que com tanta ilusão voltamos - ouia dezonhem os nossos melhores anos - é outra, não é a mesma. A nossa, essa o vento levou - *gone with the wind, forever*, sem deixar rasto. Nisto deixou o rasto da cidade física, conjunção urbano único no mundo, e que de facto melhorou ainda mais durante a nossa ausência de 14 anos. Mas essa brilhante casa abriga uma realidade vital humana que pouco ou nada tem a dizer com a Cidade Encantada dos nossos tempos (a verdade é que nós passámos as décadas de 60 e 70 em Amityville, e não fomos testemunhas, naquele meio pacatamente rural, dos cambios e mudancas que já naquela altura começavam). Em todo o caso a N.Y. de hoje, como Los Angeles na contracosta, são Lugares onde os sintomas da decadência dos EUA - um organismo gravemente doente - se manifestam mais palpavelmente. A polarização das raças, que mais tarde os mais cedo vai levar a um recontro físico apavorante - a concentração dos brancos nas cidades do interior, e a ocupação massiva pelos pretos dos centros urbanos mais importantes de ambos litorais, a invasão inquietadora de 'hispanics' (Índios, mestiços e mulatos na sua maioria), além de africanos, indianos-paquistaneses, e árabes e chineses, etc. etc., todos estes factores étnicos estão começando a criar, como na Europa, uma grande desinquietação na população branca. Como nos últimos 20 anos os negros, na base da política oficial de *affirmative action*, isto é, a preferência para emprego e promoção dado ao preto - e em geral à gente de cor

jez com que - e Nova Iorque é exemplo pitante - toda a funcionalismo municipal e estadual - e federal esteja nas mãos dos não-brancos. Como a formação e preparação destes, por razões históricas bem sabidas, é geralmente inferior, o resultado é que as coisas começam a não funcionar, e quando funcionam não funcionam como dantes. A propagação dos demagogos - brancos e pretos - e o convite aberto ao ódio racial. Ora bem, isto, num país onde se podem comprar pelo dinheiro, não só pistolas, mas rifles de combate, metralhadoras e inclusivamente - não é exagero - canhões, é grave, muito grave. Na área distrital da Cidade de Nova Iorque, nos últimos 5 meses, 39 pessoas atingidas por balas perdidas. E agora é já o pão de cada dia o assassinato de pretos por brancos - e viceversa. Tudo anda errado: e nas escolas primárias e secundárias - que em NY são hoje 90% não-brancas, os meninos dizem os seus desaccordos - ou as suas divergências com o professor - a tiro. E dia sim, dia não, há mortes de discentes e docentes. A classe média continua a fugir da cidade, que perde assim a sua mais forte receita contributiva: Ficam os milionários - isolados dos perigos do quotidiano em áreas ricas da cidade, já muito limitadas, e pelo seus meios de transporte privados [o transporte público está cheio de perigos, tanto metro como autocarros]; e os pobres, e dois terços da cidade transformam-se em imensos ghettos onde depois do luto-fusco não é raro a aventura-se, pois é jogar a vida. Enfim, que o panorama que se apresenta de vida nesta metrópole não é muito convidativo. E isto é mais claro para nós - que estivemos 16 anos fora do país - do que para os que cá viveram o tempo todo - they cannot see the forest for the trees. O jurista também não vê]. Como não podem comparar o que é com o que foi. Nas vemos a queda vertical. No funcionamento das coisas, principalmente na área dos serviços municipais, estaduais e federais - onde todo anda tarde, mal e de rasgos. O Alcaide é preto e o Município de N.Y. é literalmente uma 'merenda de pretos'. E estou a falar na base da experiência, não de ouvido. Tive que ir ao

City Hall [Câmara Municipal], para tratar de assuntos dum das minhas pensões, que é concelhia; e nem queria saber: ninguém fazia a mais remota ideia do assunto, passei de Secção a Secção; de andar a andar - em três pisos, os únicos 'rostos pálidos' eram o meu e o da Elsie. Finalmente fiztei-me, e fomos-nos embora. Porque não conseguimos encontrar uma só pessoa que soubesse nada do assunto em questão. No dia seguinte eu telefonei a um antigo aluno meu, 'Afro-American', que, como não conseguiu doutorar-se, enfiou para a política local e hoje é assembléman do Distrito de Manhattan, e contei-lhe o que me tinha acontecido. Encontramo-nos e deu-me um cartão para um determinada pessoa que vde sabia que sabia do problema. Lá fui, recebei-me, fez um telefonema, deu instruções - e em 10 minutos: assunto resolvido. Naturalmente, era do ancien régime, e branco. É triste, mas é assim. Sobre qualquer comentário. Racismo? Não. Não sei o que isso seja, mas confronto as realidades. Pela tal affirmative action, nomeam-se pessoas não pelas qualificações, mas só pelo pigmento da dermis. Como pretos preparados há poucos [os avós eram escravos!]: o resultado para a colectividade é péssimo. Já se vê. Mas o pior aspecto deste convívio! das raças é que, quanto mais terreno ganham os não-brancos, mais distanciamento se cria no plano humano. Nesse sentido, a relação era milissímo mais harmoniosa há 20 ou mesmo 30 anos. Tu podias ir a Harlem [o antigo bairro negro de Manhattan] visitar o meu amigo Langston Hughes - considerado hoje [já morto] um dos grandes poetas modernos da América - e voltar a pé na alta noite. Hoje, nem por ensunhos - seria assaltado e esbofetado na primeira esquina. De dia.

Tudo isto que te conto são coisas que já por se, seriam suficientes para inclinar-nos e arrumar os melus e abalar. Mas houve outro 'contratempo' que acabou por nos decidir. Tu com certeza te lembras que a razão de nós termos deixado o nosso querido Portugal e ir a residir em Londres, foi por motivos médico-hospitalares.

3

A Elsie teve um enfarte cardíaco e um médico-mendungueiro do Estoril não a matou de vilagre. Sabes também que eu fui operado em Londres de um carcinoma incipiente do colon. Pois bem, há coisa de um mês, fizeram-me aqui uma colonoscopia com biópsia, que, como esperava o gastro-enterologista - e eu - deu negativa. *You are completely clear. If you feel like it come to see me again in two or three years.* Fiquei radiante, naturalmente. Aconteceu, que pouco tempo depois eu comecei a sentir fadiga nos nossos passeios diários, que são geralmente de duas horas. Não me deu isso nenhuma apreensão, pois não sou nada hipocondríaco. Mas como a fadiga continuava, respirei in ao GP, para ver qual é a causa do cansaço. O nosso *general practitioner* apresentara-se no Março passado e tinha ido viver para a Florida. Pedi à minha companhia de seguros o nome de outro e deram-me. E lá fui. O Dr. Bernstein [que tal era o nome do facultativo] examinou-me de cima para baixo, por dentro e por fora, não encontrou nada. Finalmente mandou-me para uma ala diferente do Hospital para fazerem-me radiografias. Fixeram-me. E quando já ia entrar no elevador rumo à casa, avisaram-me de que o dito doutor queria dar-me umas palavrinhas no telefone. De mãos a boca, disse-me que havia nas placas umas sombras no pulmão de que ele não gostava e que tinha que ser intergado de urgência na Clínica. Não gostei dessa 'urgência', mas obedeci. Passei 6 dias no S. Vincent Hospital: análises, electrocardiogramas, ecografias - voltaram-me do direito para o avesso. Nada. Tudo em ordem. Num desses exames, encontrei por acaso o tal especialista do aparelho digestivo. Olhou para mim, muito surpreendido: *What the hell are you doing here?* - *Eh... expliquei-lhe.* Ficou zangadíssimo, disse que havia quatro dias ele me tinha examinado, com biópsia, e que eu não tinha nada. E abalou resmungando: *Shame! Shame!* E eu fiquei já desconfiado. Resolvi nesse instante escapar das garras do 'esculápio'.

Telefonéi-lhe para vir dar-me de alta. Veio, de sobrolho franzido: 'a responsabilidade da saída era inteiramente minha, ôlah! ôlah! ôlah! E logo a seguir, sem dizer outra coisa, informou-me de que eu tinha cancro de pulmão inoperável, e poucos meses de vida pela minha frente. Fiquei varado, mas não sem suspeita de maíandua, porque eu não tinha sido visto por nenhum oncologista, ele não tinha mandado fazer nenhuma biópsia pulmonar - e nem sequer tinha na mão nessa altura o outro comprovante de carcinoma que é o chamado CAT-SCAN (não sei como se chama nem em galego-português nem em espanhol), porque tinha sido repetido poucas horas antes, pois o primeiro - feito por duas técnicas diferentes - saiu impossível para consumo. Vixni o Hospital, telefonéi a outro amigo; este argentino, que trabalha no Sloan Kettering Cancer Center, para marcar com um dos melhores espadas dessa instituição. Mas não tive que ir. Pedi ao tal 'galeno' que me preparasse o meu dossier, porque lá para o dito Centro. Comunicou-me que já tinha o tal CAT-SCAN. E com a maior das impudências disse-me que, felizmente, o resultado era negativo - não tinha nada. E não só não me pediu desculpa, mas com uma perfeita desfaçatez, quando eu o emovelei a que me explicasse o ténico diagnóstico, disse-me que ele nunca tinha dito por escrito que eu tivesse cancro. Felizmente para ele tudo isto se passava pelo telefone, pois cara a cara eu lhe teria partido, e não me teria arrependido de o fazer - embora o teria pago bem caro. Bom, já podes imaginar os cinco dias que eu passei no ventre da baleia [o bom Profeta Jonas passou só três, de acordo com as Escrituras]; este é o estado da ética profissional nestes novos EUA. A Unircadeixa costou-lhe ao seu seguro médico-hos-pitalar a límbra sua de \$6.000 e picos de 'massa' da qual ele arrecadou uma boa parte, sem dúvida.

Já está, pois, lástimas, no ponto a regressão ao nosso Portugalinho. Onde, se tens que ser internado, a tua mulher pode dormir no teu mesmo quarto. E se considerarmos que o que fez o Dr.

4

Nada-somos do Estoril com a Elsie foi tremendo, temos que aceitar que o que este vizinho cavalotqueno fez comigo é tremendo. Veja só!

Fora de quaisquer outras viagens que o nosso retorno terá paraleladas, há uma que é um helo dividendo, a saber: Lisboa fica muito perto do Vigo [Nova Iorque ficará tão longe!], e já agora tenho a cartoga de que haverá visita Franco Grande, - porque é dar um galinho e lá estamos [V. estão] em Lisboa. Nos desta vez vamos fixar o nosso domicílio na Capital - e não no Estoril. Curiosamente a Elsie e eu nunca vivemos juntos em Lisboa.

Vou tentar escrever à sobrinha ainda antes de deixar N.Y. - não sei se poderei, porque uma mudança, mesmo para pessoas tão ajeitadas como nós, é sempre operação de alto porte. Em qualquer caso, se agora não encontrar um vago, disse-lhe para considerar esta carta como sua - e que desde Portugal escrevesse-lhe-ei, uma de tantas dimensões.

Não te queixarás da extensão desta: vai um verdadeiro calhambão. Mas tinha muita vontade de partilhar contigo.

Até breve. A próxima será já de Lisboa, mesmo se for a postalzinha!

Monta de saudações, meus e da Elsie, para as Três Garas lindas - e para ti, com saudades de uma, a asfixiante aperta da tua

Prueto

P.S. Junto aqui um recorte do NYTimes, referente ao aumento nas escolas e aos homicídios entre os escolares.

CONING, PHILADELPHIA, PA.

Innocent Blood: Beyond Grief to Solutions

AFTER MARY'S death, the police arrested the two men who were seen with her in the car. They were charged with first-degree murder. Mary's death was a tragedy for the family and the community. The police are still investigating the case.

Breakthrough: Burial
The family was able to bury Mary in a private cemetery. The funeral was held in a church.

Community Support
The community rallied around the family. Many people offered their condolences. The church provided a place for the family to grieve.

Police Investigation
The police are still working on the case. They have interviewed several witnesses. They are hoping to identify the killer.

Legal Proceedings
The two men are facing charges. They are being held in jail. The trial is scheduled for next month.

Family's Struggle
The family is struggling with grief. They are trying to find a way to move forward. They are seeking help from a counselor.

Community's Role
The community has a role to play. They can provide support and resources. They can help the family find a way to heal.

Police Investigation
The police are still working on the case. They have interviewed several witnesses. They are hoping to identify the killer.

Legal Proceedings
The two men are facing charges. They are being held in jail. The trial is scheduled for next month.

Family's Struggle
The family is struggling with grief. They are trying to find a way to move forward. They are seeking help from a counselor.

Community's Role
The community has a role to play. They can provide support and resources. They can help the family find a way to heal.

Police Investigation
The police are still working on the case. They have interviewed several witnesses. They are hoping to identify the killer.

Legal Proceedings
The two men are facing charges. They are being held in jail. The trial is scheduled for next month.



Police Investigation
The police are still working on the case. They have interviewed several witnesses. They are hoping to identify the killer.

Legal Proceedings
The two men are facing charges. They are being held in jail. The trial is scheduled for next month.

Family's Struggle
The family is struggling with grief. They are trying to find a way to move forward. They are seeking help from a counselor.

Community's Role
The community has a role to play. They can provide support and resources. They can help the family find a way to heal.

Police Investigation
The police are still working on the case. They have interviewed several witnesses. They are hoping to identify the killer.

Police Investigation
The police are still working on the case. They have interviewed several witnesses. They are hoping to identify the killer.

Legal Proceedings
The two men are facing charges. They are being held in jail. The trial is scheduled for next month.

Family's Struggle
The family is struggling with grief. They are trying to find a way to move forward. They are seeking help from a counselor.

Community's Role
The community has a role to play. They can provide support and resources. They can help the family find a way to heal.

Police Investigation
The police are still working on the case. They have interviewed several witnesses. They are hoping to identify the killer.



GUERRA DA CAL
Hemisphère House
60 West 57th Street
New York, N.Y. 10019
U. S. A.

3 de Dezembro/93

Munca esquecido José Luís - e guirnalda feminina:

Estou desinquiado pela falta de notícias do Patrão Franco Grande e do seu florilégio. Que aconteceu? A última carta tua tem data de 3 de Junho. Devo ter recebido outra posterior, que com certeza se trespassou, como tantas outras coisas na mudança. Lembra-me que antes da nossa partida de Loures, que foi em meados de Setembro passado, tivemos conversa telefónica. Na qual tu anunciaste uma carta da minha filha Nátia, e outra tua, nenhuma das quais se concretizou. Os prêmios dedicados à Nátia, que eu não axtava, já minha candura, julgava que iam já aparecer em letra redonda, ainda estão à espera. A AGRILHA, prometa, já já mais de um mês, emiaume os grânulos de provas, para evitar a praga das gralkas, normal nas latitudes ibéricas, e catastrófica para a presia, mas esta é a hora em que o uairo que se fez foi um grand silence sur cet affaire. Lá chegarão, quando menos se pense. Jesuista nació en un pesetre! donde menos se piensa salta la liebre, como dizem que rezavam os Evangelhos, segundo a versão da Bíblia em versô, artilhada e Caruika, omeço da Cathedral de Granada. O mesmo está ja acontecer com o numero de homenagem da dita revista, ao chonado Carvalho Calero. Paciencia e brrrllhar.

Nós como já te disse, estamos radiantes de vida nesta nossa Nova torqua, que agora, depois desta longa ausência, tem para nós ainda maior fascínio do que nos nossos velhos tempos, porque, naquela altura, tudo o que hoje nos deslumbrava pertencia ao plano da habitualidade. Além de que nesses velhos tempos nós estávamos muito ocupados com o trabalho. Hoje, com o lazer da jubilação, temos tempo de sobejo para apreciar tanta coisa extraordinária que esta Roma do século XX V.C. tem para oferecer. Felizmente, tanto eu como a Bineca ainda estamos viáveis para para desfrutar desses encantos. V.g., na semana passada vieram de Zurich um casal muito novo amigo, os Wandschell. Ele, que era o Director da Agência Reuters em Lisboa - agora na Suíça - é, como o Eliaé, é inglês de nascimento mas: lúiz; ela, Madeleine é chilena de nascença parisiense - filha do Embaixador do Chile em Lisboa, hoje em Praga. Telefonaram de Chicago e dizem que apareciam, para estarem conosco dois dias, antes de retornarem à chatice helvética. São como nós muito muito dados ao bailarino; são porém, muito mais novos: ela 45 e ela - que é uma brasa de helena - acaba de ardear 30. Pois bem, fomos ao Rainbow Room, do Rockefeller Center - que é um lugar riquíssimo, com música fenomenal e onde se come riquíssimamente. A orquestra era de se lhe tirar o chapéu: música da nossa época: tumbas, sambas, merengues, cha-cha-

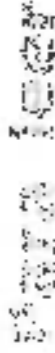
-chá, etc. Tocaram La comparsita e aí saímos nós dois, que somos, modestia aparte, uma ferus dos tangos. E a pouco deixaram-nos sós na pista e demos uma exhibição, com grandes palmas do público no fim. Estivemos de alga-pê até às tantas da madrugada. Como verbas este cologénio incipiente e esta seragendária avançada já perdez 88) ainda estamos e são capazes de praticar a farra.

Há poucos dias recebi de Málaga essa versão do artigo do Caramo, publicada no diário SUR, daquela capital pelo Rafael León; com notas: a última das quais te diz respeito pois faz alusão a um verbete do teu dicionário relativo ao vocábulo lonca - que eu confeti - como donativo, dádiva, regalo, obsequio. Eu também nunca ouvi ou encontrei essa voz. O Rafael julga ser gratha. Dize-me a tua justiça a respeito desse registo.

I por aqui me fico, esperando, não sem certa ansiedade, a tua resposta - duas linhas que sejam - e a cartinha da minha querida afilhada.

Tu meulto de aperta e rajada
de bijon do vobros

Ernesto



Ernesto Guerra da Cal, treinta años después

JOSE MARIA ALVAREZ CACCAMO

La figura del poeta, profesor e investigador Ernesto Guerra da Cal, sea por su decidida opción ideológica (1) (cuando fue en 1959, fecha de la primera edición de *Luz de Alén-mar*), sea por su decidida aportación de los virajes intelectuales de nuestra época, no tiene alternativa. Hoy, el reconocimiento público que se le debe (2), por la resonancia internacional que su nombre ha conseguido siempre en el terreno de la investigación literaria (3).

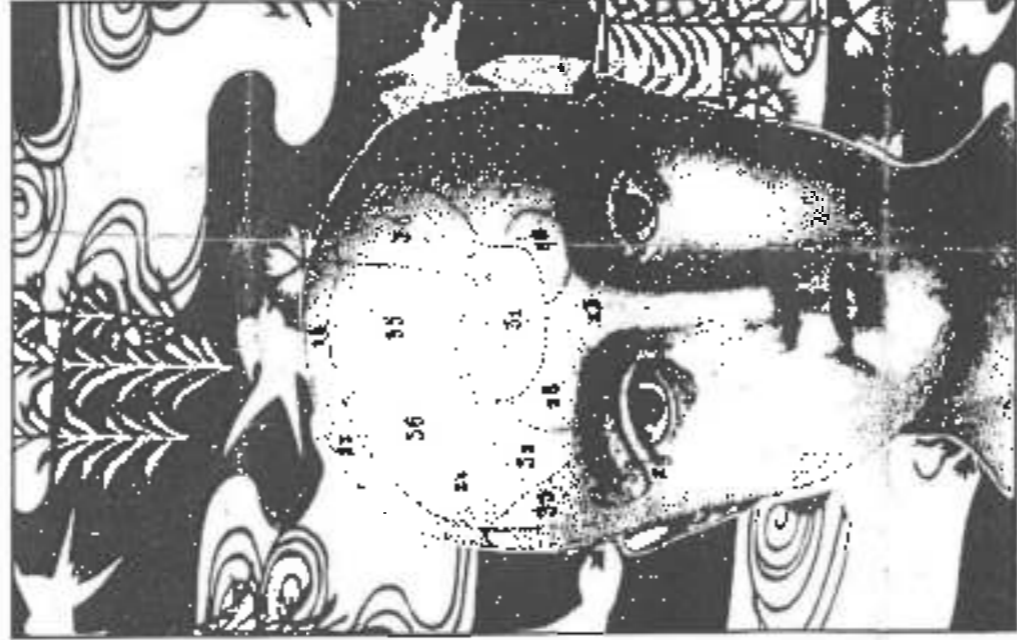
Una errática aventura intelectual y artística en la publicación de sus primeros libros de poemas (aparecidos cuando el autor todavía ya los consideraba) son factores que inciden negativamente en el intento de encajar su obra en la creación en unos esquemas meramente generacionales. Nació en 1911 (O Fervol) y participó en su juventud del entusiasmo derivado de las propuestas circulares de los vanguardistas, un personaje de los poemas de 27 (y especialmente de García Lorca): poeta, sin embargo, por sus publicaciones, a la Generación del 28. Y es a través que el idioma portugués de Cal se aparta notablemente de las nociones expresivas de sus contemporáneos.

Reedición

La reedición ahora en un solo volumen de sus dos primeros libros *Luz de Alén-mar* (1959, como se la llamó) y *Río de mar* (1963) (4) facilita, sin embargo, el redescubrimiento de este importante poeta a quien los lectores más jóvenes de nuestro país (ya que en Portugal no se le interrumpieron desde los 80 su contacto con el público) tal vez no han tenido ocasión de frecuentar.

El volumen, tanto en los textos poéticos (revisados y anotados por el autor) como en su aparatoso (presentaciones, prólogos, notas lingüísticas, apéndices, etc., muy completos y útiles), gira por la ortografía portuguesa como principal variante culta para el gallego. Por fortuna, el poeta no renuncia al vocabulario característico del gallego (5) de las primeras ediciones (6), que cursa a lo largo de su más espumosa educación sentimental en tierra de O Fervol y el valle lucense de Quiroga, y a ese caso también aprendido en la literatura gallega contemporánea de su actualidad.

De su propia y densa aventura aprenderá nuestro autor entre 1939 y 1958 (período de maduración de *Luz de Alén-mar*) los fundamentos de una personal visión poética entre anárquica y desafiadora en la que el epígrafe bautizará una sorprendente memoria con la que bromes sobre los topógrafos de la ortografía, al modo de César Vallejo (7). Poco más de leve factura, surgen en multitudinaria saturación, tanto



Ernesto Guerra da Cal ha sido un poeta que, aunque no sea tan conocido como otros de su generación, ha dejado una huella profunda en la literatura gallega. Su obra, especialmente *Luz de Alén-mar* y *Río de mar*, muestra una gran capacidad de observación y una profunda sensibilidad social. Su poesía es un reflejo de su tiempo y de su lugar.

Madrid

Aunque no sea tan conocido como otros de su generación, ha dejado una huella profunda en la literatura gallega. Su obra, especialmente *Luz de Alén-mar* y *Río de mar*, muestra una gran capacidad de observación y una profunda sensibilidad social. Su poesía es un reflejo de su tiempo y de su lugar.

Murcia) propugna un sistema gráfico unificado para el gallego-asturiano que exigiría ciertas retenciones a la hora de escribir (exclusivamente escribir) cada una de esas tres manifestaciones de una lengua substrato comúnmente idéntica. En Cal, el más destacado de estos y proclama ante de esta tendencia en sus libros, fue calificado por el poeta Ramón Otero Pedrayo de «maestro de los Gallegos».

(3) En Málaga se han publicado recientemente dos poemarios suyos: *Epelido cego*, bajo la dirección de Rafael Inglés, Col. Plaza de la Música (1980), y *Cal sus e Júbilo*, al cuidado de quien esto escribe, Col. Papeles del Alcazar (1982).

(4) Bastantes veces aquí en Madrid *Luz de Alén-mar* y *Río de mar* han sido reeditados en español y que releo ahora por su 4.ª edición (8.ª en portugués), precisamente gracias por Esteban Alben de Cal, de cuyo saber y encanto hoy se.

(5) El «reintegracionismo» en el gallego moderno supone la retención al vocabulario y construcciones características de las áreas de la lengua portuguesa. Pero es que, además, la mayor parte de las áreas las voces que podríamos considerar propias del mundo de Galicia se conservan en los medios rurales de, al menos, la zona norte de Portugal.

(6) De Cal no se modificó el vocabulario (al menos en la parte) de aquellos libros.

(7) (1955-1980). Importante obra de la lírica portuguesa moderna, que hizo suizo en el caso de ocupación de la poesía los elementos más variados de la realidad cotidiana en sus versos con tanta intensidad, dentro de un nuevo plasticismo formal. Todo ello se resume en el libro *El gallego* de Fernando Pessoa, que lo hemos leído en esta ocasión.

(8) Experimento curioso en el Diccionario gallego-asturiano de Franco Grande bueno maestro y la vez definido como «hacha grande para cortar árboles y maderas, con una del refán asturiano machado de arriba fuerte caballo, resistente a raspa por carallo o carallo (reble)». Mecánica, mejor dicho también, pero y en cuanto la definición «domo», «dicho, regalo, obsequio». Sin embargo, nunca he oído ni leído «obsequio» en gallego, y acabo pensando de que me equivocare ante una nueva errata, ya que esa voz viene abastecida desde los libros y forma.

Traducción del gallego y notas por Rafael León.

Lisboa, 23 de Dez. / 93

Querido José Luís:

Finalmente escrevo-te dum endereço permanente e definitivo. Penetivamente definitivo - mas do seguinte até hoje nunca houve correio!

O apartamento é simpático e bem situado. Ainda está em desordem, porém razoavelmente funcional. Quando estiver pronto, espera a vossa visita, "to break bread with us".

Entretanto cá estamos a fazer votos de um Natal regado de felicidade para a Quadriga do Círculo, e um Novo Ano de 1994 atulhado de quanto de melhor contém a Cornucópia divina.

Quando não tiver nada de melhor prestimo a fazer, escrevo e de notícia - más e boas - desta Galiza que continua a latir juvenilmente no meu velho coração.

Saravada de beijos e apertões para todos quatro dos vossos sempre do peito

Quastelcia



Lisboa, 11 de Março/ 94

Querido José Luís:

Nã sêculos que nã tenho notícias directas tuas. Sei que estás ben, porque a Nêvia na sua última carta, de Santiago, nã mencionava o Paizinho - e que eu interpretei como indicativo de que tudo corria bem no nº 34-34 da Rua de V. Politeo de Vigo. Em qualquer caso, gostava de receber umas linhasinhas do pater familias, pelo menos de quando em vez. Em Londres e Nova Iorque tinha a satisfação de com intermitência ouvir-te a voz pelo fio telefónico. Agora que estamos muitíssimo mais perto um do outro, 'niclas' como se diz em bom castelhã algarínka [lisboeta]. Foi ela, Nêvia, a minha fiel sobrinha, que se mandou um exemplar d'O canon Galego. Cuisa esa que me deu enorme alegria - apesar de que o nível linguístico que esse jornal exhibe no seja o mais desejável, mesmo no terreno das normas xunleiras. É preferível um diction na nossa língua, mesmo dialectizada, do que nã termos nenhum. A dita sobrinha informou-me também na sua última carta de que ia a ser lançado mais um outro jornal, perfilhado por La Voz de Galicia, parece-me. Tudo isso são notícias de tres estudos, porque indicam que a batalha da língua nã está perdida. Há poucas semanas a TVP, num dos seus 'Telejornais' apresentou o Presidente da Xunta, numa viagem que fez à área noroeste de Portugal, que tinha a dixer com a travessão de uma 'região económica' abrangendo essa área e a Galiza. É o homem desentendeu-se lindamente falando o seu gallego. É eu me lembrava que quando o pateta clegre do Fernandez Albor, numa situação semelhante, no Porto, todo ocomplexado, dirigia-se aos jornalistas portugueses em 'castrope'. Mudou-se para melhor, nã há dúvida nenhuma.

Escreve, nã sejas melgado. E nomarca a data aproximada da vossa visita, que se tardar muito, irão que ter ir rezar-me ac Cemitério do Alto de São João.

Éo me fica espaço para uma aperta paqui-
ninha mais muito forte e muito amigã
S. A. L. ESTO

TABLETTE

Quem é o Tete-Annador:

Venha em despojar uma Duas
das Natalistic afilhada de verbas
por quadruplicada, como um corte para
de por natureza.

Wimon (a Elsie ficou encantada
da sua parágrafo anterior) faz o resto para
que o Ano que agora vem em espiral um
bebida enriquecido de todos quantos de bom
pode oferecer a divina Copiosidade, para
V. U. e para nós. Ano em que - por lei capi-
cua tem a obrigação de ter festa!

Com uma oferta a seguinte.

FRUSTRACAO

SHEPHERD'S HEAD, 3rd Restaurant,
100 Northumberland Avenue, London, W.C.2.
Telephone: 01-490 2894.
Photo: A. No. 251007

Ernesto Guerra da Costa
"Além"

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 33-A 9 de Junho
9765 Colón
Portugal

Meu querido Xosé Luis:
Não sei como te hei de
agradecer os teus présti-
mos em relação a todos
os meus maçalões pe-
didos bibliográficos. Otri-
gado, obrigado, obrigado.
Espero sofredamente o pre-
cioso editorial do El
País.

Hoje recebi uma expres-
siva carta do Pinheiro, gra-
decedo o envio dos meus
livros a despeito do seu
silêncio - motivado pelos mui-
tos afazeres que o agotam.

(a.v.)

P.S. "Last but not least": Tanta a-Elie como eu queremos a morte. Ser as "incubadoras" cantônicas ("Boschas"). E em o livro "vikilugo" que estão a ler em grande prazer.

Emilio Guerra da Cal
"Molice"

Q. Rua Álvaro Reis, 23-A
2700 Fátima
Portugal

Querido José Luís - e triptico minia-
do luminoso:

Já estamos de volta em casa -
Home, sweet home! Tudo no seu
lugar, tudo arrumadinho, tudo
limpinho - e sem delirinho a pin-
tura. E as obras de alargamento
da casa de jantar - e do abradir
(em português oficina) bastante adian-
tadas; embora parece-me que até
as fôrças de nós não cheguem
a dar remate.

Ficamos, como já te disse pelo tele-
fone, encantados com o druida - que
apesar do seu anti-irlandêsismo é
o típico "Irish protestant" - membro de-
uma minoria discriminada, com re-
calque anti-católico. É um "rico
tipo" como dizem os argentinos. Cuius

de interesse, inteligente, agudo e - tam-
bem como bom irlandês - com uma des-
bordante e exuberante simpatia huma-
na. A Carol também é cantadora - mais
contida, porém igualmente simpática e
meiga. A Elsie gostou imenso dela
- e dela, naturalmente. Foi muito
bom tu teres vindo, para servir de
ponte inicial. Oxalá que no pró-
ximo encontro esteja conosco também
a muito querida Marian.

Quê enviei-te o cartaz lorquiano -
com bandeira republicana ("Come em três
bocas gotas de sangue jacobina", como
disse "São António Machado") - e uma bi-
bliografia portuguesa da Guerra Civil
espanhola, que, embora com muitas
gralhas, talvez te possa interessar. En-
quisei incluir pelo menos um cartão
de visita. Penitencio-me.

Até breve com um abraço
entusiasticamente cordial para
ti e as "Três mosqueteiras" da beleza
dos vossos

Ernest Selig

Ernesto Guerra da Cal

"Móveis"

56. D. Nova Aurora, Porto, 23.28

2765 Bolard

Portugal

Querido Xoré Luis:

O dandaira ainda não deu pio - nem "móveis" nem sequer para dizer "Graçinhas" pela Rosalia, que tinha à sua espera em Madrid - (Calle de Hermosilla, 70, 5º, B).

Aguilhoa o homem - por favor, para ver se se movimenta.

Não te esqueça de me mandar a Coroa votiva rosalia - na do ineffectual alouso hum - tero.

abraços estranguladores para o quadrilátero de

Ernestelsie